

ENSAL

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Fundado em 1912 reconhecido de utilidade pública pela Lei estadual n. 694, de 9 de Novembro de 1915 e considerado de utilidade continental pela Resolução n. 58 do Congresso Americano de Bibliografia e História da Buenos Aires

EDIÇÃO ESPECIAL CONSAGRADA AO CENTENÁRIO

DE

TOBIAS BARRÊTO

1839 - 1939

N. 15



ARACAJÚ
IMPRESSA OFICIAL
— 1939 —

(Obras Raras)
55-20038

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Fundado em 1912 reconhecido de utilidade pública pela Lei estadual n. 694, de 9 de Novembro de 1915 e considerado de utilidade continental pela Resolução n. 58 do Congresso Americano de Bibliografia e História de Buenos Aires

EDIÇÃO ESPECIAL CONSAGRADA AO CENTENÁRIO

DE

TOBIAS BARRÊTO

1839 - 1939

N. 15



ARACAJÚ
IMPRENSA OFICIAL
— 1939 —



Dr. Tobias Barrêto de Menezes

PREFAÇÃO

Dentro nas lindes dos seus objetivos, consagra o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE o presente número de sua REVISTA à reprodução dos discursos com que o sentimento público sergipano, sem distinção de classes, comemorou, a 7 de junho próximo passado, o centenário do nascimento de TOBIAS BARRETO DE MENEZES.

Quem quer que tenha assistido à extraordinária e merecida consagração que lhe tributou a posteridade, através de tudo quanto foi dito, naquele ensejo, sobre a sua vida e a sua obra, não poderá deixar de sentir plena e intensa satisfação.

Com essas demonstrações de póstumo aprêço ao seu genial filho, Sergipe tornou-se digno d'ele, e demonstrou ao Brasil, introspectivamente, a sua grande alma, e o seu espírito de justiça, ao lado do seu fervor cívico pelos vultos marcantes da Pátria.

E nem podia deixar de ser assim, porquanto as homenagens prestadas naquela data ao consagrado filósofo, poeta e jurista sergipano tiveram um caráter verdadeiramente nacional, como o demonstrou, à sociedade, as demais provas de aprêço tributadas à sua imperecível memória, em todos os centros culturais do país, na mesma ocasião.

Assim, não só Sergipe, mas todo o Brasil, cedeu ao genial professor da ACADEMIA DE DIREITO DO RECIFE, no centenário do seu nascimento, o culto que lhe era devido, no altar da História, e o exaltou à altura a que devia sêr elevado, como "sol das letras", e pontífice delas, no meio cultural brasileiro.

Entre nós, as demonstrações realizadas em honra ao vulto histórico do notável escritor sergipano assumiram o cunho de incontestável apoteose, pois, além do caráter geral que as agigantou, fôram brilhantes e pomposas, e constituíram um espetáculo inédito e, sobremaneira, confortador.

Não só as elites culturais, mas, sobretudo, o povo e o Governo do Estado timbraram em dar grande esplendor a esse preito de justiça e reconhecimento, em que a terra bérço se unificava, para sagrar o

luminoso espírito do maior de seus filhos, nas asas da gratidão e da posteridade.

Grandes e inesquecíveis dias viveu Sergipe, durante a semana inteiramente consagrada a essas comemorações, e tão cedo não se extinguirá na memória dos coevos, a duradoura impressão que elas conseguiram imprimir em todas as almas e em todos os corações.

Com o propósito de plantar um marco que as assinale, e lhes permita, nos feitos nacionais, uma repercussão que se venha a tornar indelevel, resolveu o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE enfeizar neste número especial da sua REVISTA as orações pronunciadas naquelas solenes festividades cívicas, e pôde levar a cabo essa idéa, graças ao decidido apoio que, a esse respeito, lhe prestou o Exmo. Sr. Dr. Eronides de Carvalho, honrado e operoso Interventor Federal neste Estado, a cuja clarividência consagramos aqui o penhor do nosso reconhecimento.



DR. ERONIDES FERREIRA DE CARVALHO
Interventor Federal

Discurso proferido por s. excia., o sr. Interventor Federal, dr. Eronides Ferreira de Carvalho, na sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em comemoração ao 1.^o centenário do nascimento de Tobias Barrêto:

Minhas senhoras
Meus senhores

Antes de encerrar as soleníssimas homenagens que Sergipe tributa a um dos seus maiores expoentes intellectuais e, quicá do Brasil, deixo consignado, neste instante, os agradecimentos sinceros do Governo do Estado a todos aqueles que contribuíram com o fulgor da sua intelligência e com o vigor do seu entusiasmo para o realce e brilho das rememorações em honra do imortal brasileiro, filho da nossa adusta e histórica cidade de Campos do Rio Real.

Quero significar, do mesmo passo, e de modo muito especial, o reconhecimento de Sergipe, pelo seu Governo e pelo seu povo, ao valeroso Estado de Pernambuco, que aqui veio oficialmente representado, afim de comungar conôco do mesmo tributo de veneração e respeito ao martirizado sergipano, a quem a morte encontrou batendo às portas da caridade pública como prêmio ao talento e aos frutos valiosíssimos da sua privilegiada intelligência.

Quand o Governo de Sergipe iniciou os primeiros passos para a comemoração do centenário do nascimento de Tobias Barrêto, como medida primária, dirigiu ao illustrado Interventor Pernambucano convite para que o grande Estado estivesse à mesma presente, desvanecimento que nos seria muito grato, também, se o professor Agamenon Magalhães pudesse chefiar-lhe a representação. Até nós veio Pernambuco, com uma brilhante representação, presidida pela personalidade destacada do culto professor Joaquim Amazonas, dos maiores e mais fulgurantes talentos da tradicional Faculdade de Direito do Recife, profundo conhecedor da obra de Tobias.

Não se justificaria, jamais, que Pernambuco estivesse ausente às manifestações de Sergipe, quando do centenário do nascimento de Tobias. Recife e Escada foram o centro da vida de Tobias; de lá elle escreveu as páginas imortais que o consagraram na posteridade. E presente às comemorações Pernambuco não estaria se de sua delegação não figurasse a Faculdade de Direito do Recife, onde Tobias Barrêto conquistou os maiores lauréis de sua vida e por meio da qual poudo se impôr como jurisconsulto de prôl.

"Tobias não era tido na conta de homem do Direito, antes de se inscrever para um concurso à Faculdade do Recife" (Gumersindo Bessa, "Pela Imprensa e Pelo Fôro, pag. 26).

Nada obstante os seus notáveis trabalhos sobre o "Fundamento do Direito de Punir", a "Tentativa" e os "Delitos por Omissão", além da obra sobre o Poder Moderador, o artigo sobre a "Co-delinquência e os seus efeitos na praxe processual", e uma série outra de assuntos jurídicos debatidos na imprensa, persistia-se em negar a Tobias valôr de cultor do direito, de jurisconsulto autêntico. Somente após o célebre concurso da Faculdade do Recife é que este título se impôs como compatível com seu mérito real.

Gumersindo, o também nosso admirável Gumersindo Bessa, assinalou este feito como o do surgimento de uma nova fase do desenvolvimento intelectual do País.

"Data de sessenta e dois anos atraz a fundação da Faculdade de Olinda, depois trasladada para o Recife; durante este lapso consideravel de tempo, aquella corporação tem creado suas tradições, tem guardado a memória de muitos mestres illustres, de muitos certames científicos dignos de menção; mas, ousou asseverá-lo, a recordação que ella guarda do concurso de Tobias é a de um acontecimento de tão alta significação, que marca o ponto da partida de uma nova fase do desenvolvimento intelectual do país". (Op. cit., pag. 26).

Para a conquista justa da cadeira, não havia mistér mais que "a dissertação sobre o mandato em matéria criminal".

Impôs-se aos adversários e conquistou o espírito da juventude académica que ha transmitido de geração a geração este entusiasmo pelo imortal sergipano. Temos entre nós autênticos delegados da mocidade estudantina da Faculdade do Recife, por sem dúvida o amparo poderoso com que contou Tobias para reagir contra a onda que se lhe antepôs durante a vida.

Não preciso dizer mais nestas palavras de encerramento, para justificar nosso convite a Pernambuco, e a honra e a satisfação de que fomos possuidos em vendo a alta compreensão revelada pelo govêrno pernambucano que nos enviou uma representação tirada toda da Faculdade do Recife, scio das maiores lutas e das glórias mais retumbantes do inolvidavel Tobias Barrêto.

Não nos é lícito, nesta série de homenagens, esquecermos de reverenciar a memória do não menos notavel sergipano Silvio Romero, a quem devemos Tobias não ter sido esquecido; a cuja dedicação apaixonada, sublime, devemos não ter desaparecido tudo aquilo que foi escrito pelo talentoso sergipano, que inimigo da publicidade, não se julgando merecedor da immortalidade, "descon-

dou-se completamente de consolidar em monumentos autênticos o seu renome póstumo".

"Sem a dedicação louvável de Sílvio Romero, que colecionou em alguns volumes poesias, artigos literários, monografias sobre direito e filosofia, discursos e peças de crítica do grande mestre; sem a indefessa e admirável propaganda feita na corte pelo talentoso e ilustrado sergipano em favor da reputação científica do seu velho amigo; sem estes desinteressados serviços, nos quais Sílvio Romero demonstrou que tem o coração tão grande quanto luminosa a cabeça, o julgamento da personalidade intelectual e ética de Tobias nunca chegaria a ser proferido no tribunal da história, por falta dos elementos de instrução e das peças de convencimento" (Gumersindo Bessa, op. cit. pag. 9).

Verdade é que muita coisa se perdeu. Aqueles que lhe conheceram na intimidade receberam sábias lições, infelizmente desconhecidas para o público; ficaram sem documentação, que, hoje, atestaria o profundo conhecimento de Tobias "na maior parte das ciências que cultivou". Os aprofundados conhecimentos seus de direito romano ficaram sem uma atestação autêntica e, exclama, desolado, Gumersindo: "Quanto teria lucrado a literatura pátria, se ao lado de Tobias estivesse sempre um estenógrafo!" (Op. cit. pag. 35).

Já se disse que "para falar sobre Tobias Barrêto, só escrevendo de menos ou de mais". A tarefa de estudar a personalidade de Tobias e a extensão de sua obra ccube aos renomados valores que se convocaram para todas as soenidades tobiáticas. Apenas, encerrando-as eu agradeço a todos a participação brilhante que lhes foi emprestada, no intuito de tornar lembrado aquele que, mesmo considerado "como um grande erro necessário" foi utilíssima ao pensamento brasileiro!

"Julgo-o como um grande erro necessário", escreveu o sr. Tristão de Ataíde.

"Necessário, pois, sacudiu o nosso meio do convencionalismo colonial. Começou a dizer verdades duras. Acabou, ou pelo menos concorreu para reduzir o gongorismo imbecil do otimismo satisfeito, do elogio mútuo, dos renomes sem base. Introduziu a luta em nosso meio literário. Revelou um campo imenso de idéas novas. Alargou as nossas fontes de pensamento. Atacou a torto e a direito com razão e sem razão. Mas por isso, como demolidor, permite ao que é vivo e eterno de vencer o seu vencedor efêmero e de estimular as verdades a saírem a campo com as forças das coisas novas e não com o privilégio das coisas puramente inveteradas" ("Tristão de Ataíde, Estudos, 1.ª série, pag. 392).

Tobias Barrêto sacudiu violentamente o marasmo do nosso

mundo colonial que filosoficamente se transmitira ao nosso mundo imperial. E nisso foi necessário" (Ibidem, pag. 392).

Classificado de "indispensável" até por aqueles que discordam radicalmente de suas idéas, Tobias Barrêto representa muito justamente orgulho e glória de Sergipe e do Brasil, "que elle amou com as fibras de sua carne mestiça" (Ibidem, pag. 391).

Temperamento sincero, não se amoldando aos figurinos políticos importados, imprimia, nos seus escritos políticos, "que o governo do Brasil deveria ser uma conclusão de sua própria história, alguma coisa de original e próprio, e não uma cópia do parlamentarismo britânico, qual o pretendiam os liberais do império, ou do presidencialismo americano, qual já o sonhavam os secretários da república" (Silvio Romero, Explicações indispensáveis, in Vários Escritos, pag. XLII).

Ouçamos o que já dizia o grande renovador, em 1871, no seu estudo sobre o Poder Moderador: "O Governo do Brasil não pôde ser parlamentar, à maneira do modelo que oferece a terra de Pitt e Palmerston; porquanto esse regimen supõe alli uma penetração reciproca do Estado e da sociedade que em geral nos outros países, vivem divorciados. O Governo do Brasil não pôde ser tal, attento que o sistema inglez é o resultado de um germen poderoso deposto pela providência, isto é, pela mesma índole do povo, no largo ventre da sua história. E quem sabe que concurso de circumstancias influia na marcha ascendente da Constituição da Inglaterra, para que a realza, por uma espécie de redução *ad absurdum*, se desenvolvesse no sentido de chegar à quasi negação de si mesma, restringindo-se e anulando-se, de modo que o ideal da sua perfeição se confunde com a sua própria destruição; quem sabe disto não deverá vir falar-nos de governo parlamentar. Logo o único meio de salvar e engrandecer o Brasil, é tratar de collocá-lo em condições de poder ele tirar de si mesmo, quero dizer, do seio da sua história, a direção que lhe convem. O destino de um povo, como o destino de um indivíduo, não se muda, nem se deixa acomodar ao capricho e ignorancia daqueles que o pretendem dirigir. E' MISTÉR UM ESTUDO MAIS PROFUNDO DA NOSSA GENESE, AFIM DE DAR-SE REMÉDIO AOS MALES QUE NOS FREEM".

Já agora, senhores, o Brasil procura inspirar-se "no seio da sua história", na sua tradição, na lição da sua história para tirar os fundamentos e as regras do regimen que deve adotar. Extraordinário Tobias que já nos preconizava esta sonda, no anno de 1871 !

Meus senhores !

Temos cumprido nosso dever.

Sergipe mostrou-se digno do grande filho que veio nascer em seu sólo privilegiado e muito querido.

A glória de Tobias Barrêto atravessará as gerações e os séculos. Ficarão, perenemente, suas valorosas obras, como um atestado de sua expoência intelectual.

Se, ontem, negaram-lhe a qualidade de jurisconsulto “porque nunca soube exercer a advocacia com a rabulice e a chicana, que deixam pingues proventos aos que nas profissões literárias procuram antes o pão do que a honra” — hoje proclamam-se-lhe, com vigor e convicção, seus predicados insofismáveis de filósofo, jurista, polemista, músico e poeta.

Viverás para sempre, Tobias !



DESEMBARGADOR HUNALD CARDOSO

TOBIAS BARRÊTO, SOL SEM ECLIPSES

Discurso proferido pelo desembargador Humbald Cardoso, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nêsse sodalício, na sessão comemorativa do centenário do nascimento do genial sergipano, em 7 de Junho de 1939

Meus senhores :

Se presuntiva parcela de aptidão crítica e oratória em mim existe, sem que dê por ela, posso aquilatar, nesta consagradora apoteóse, neste pontifical do pensamento sergipano, quanto é exigua e falha, justamente quando mais caracia que me viesse confugir.

Não será o caso, porém, para admirar ou lamentar, desde que os ânimos indulgentes que aqui se congregam para a superemotividade dêste caloroso e expressivo preito, em que a Justiça se faz pela voz da História, não se deslembrem que a antitese, no dizer de VITOR HUGO, é a figura de retórica que o bom Deus mais vezes usa, pondo, invariavelmente, o dia ao lado da noite, o bem junto ao mal, o anjo em frente ao demônio.

Consequentemente, de extranhar não é que, ao cariz do oportuníssimo e âustero ensinamento desta eterna e sublimada lei dos contrastes, o muitíssimo pequeno tenha sido incumbido de panejirizar o infinitamente grande e ao pigmeu, haja tocado a árdua, porém grata tarefa, de ditirambizar o gigante.

Dai a razão por que, embora perplexo e confundido pela honraria da não ambicionada e cativante escolha, não tive forças para resistir ao mando do INSTITUTO HISTÓRICO e GEOGRÁFICO DE SERGIPE, e aqui me encontro, como seu intérprete, nesta conscienciosa e eloquente demonstração do sentimento público sergipano ao extraordinário gênio de TOBIAS BARRÊTO, no dia em que se completa o centenário do seu nascimento, ou na sua incisiva elocução, "o expressivo momento em que o elemento divino de uma nacionalidade, o verdadeiro espírito de um povo se fez homem".

Devo advertir, entretanto, que a convicta e incontestada mininez do mandatário, ha de emprestar a êsse tributo de veneração ao

fulgurante nome comemorado, ao vulto que, no dizer de HAECKEL, "parecia pertencer à raça dos grandes pensadores e dos incansáveis trabalhadores", e na de LANGE, sobressaía como um gigante do espírito, do meio do povo brasileiro", uma feição eminentemente nativa, e, assim sendo, a imerecida altura a que o elevastes, se, por vários aspectos, orça em flagrante temeridade, assume, a este título, o carácter do mais absoluto acerto.

Não articularei, dest'arte, nenhuma expressão por mim próprio, mas pelo povo de Sergipe, de cujo organismo sou simples monera, e, como tal, participe dos seus sentimentos, tendências e aspirações.

Em verdade, nenhuma autoridade tenho e nenhuma delegação recebi, além da que me conferiu o INSTITUTO HISTÓRICO, para falar de tão alto ou seja no seu nome. Mas, como são, de todo, em todo, coincidentes as nossas idéas e as raízes do nosso pensamento, como são análogas, as nossas disposições e impressões íntimas, em relação ao super-homem que, de muito, já se abismou na vastidão do nada, deixando de sua passagem a esteira luminosa dos astros e aqui fazemô-lo ressuscitar, para a excelsitude desta consagração, usurpo-lhe o incomparável privilégio de ser, nesta solenidade, o alaúde em cujas cordas e em perfeita consonancia, lhe vibre patrioticamente o espírito e se lhe desentranhe e entremostre o coração emocionado, exalante de afetos, identificado com o dever sacratíssimo da pátria.

E' a sua voz, por tanto, na conjunção da minha, que, por si só, nada exprime e nada vale, que ides ouvir. São, de preferência, os acentos do seu civismo e as vibrações de sua alma que, encontrando na minha destaviada palavra, o instrumento da sua exterioridade, se concretizam em flôres e mirra para, remotando ha um século atraz, ingressar à habitação humílima, na cidade de Campos, às margens do Real, serpenteadas de quixabeiras. e aí derramar-se em avalancha de pétalas e perfumes sobre o berço do infante, nascido de pais modestos que nada lhe podiam dar, além do sumo bem da vida, mas que, aos primeiros alhores do cérebro em desenvolvimento, já evidenciava a perenidade inesgotável dos tesouros com que havia de opulentar o patrimônio moral e intelectual da sua terra e da sua gente, imagem que tinha certamente na alma ao traduzir os versos de HOFFMAN

"Constante amor até rolar no tûmulo,
Eu te juro com a dextra no coração
O que sou e o que tenho, pátria minha,
Devo a ti — sinto arder-me a gratidão".

Se, pois, os acontecimentos históricos, distanciados no tempo

e magniloquentes no seu alto significado, podem, mentalmente, ser osculados com unção religiosa e ufania, o nascimento de TOBIAS BARRÊTO DE MENEZES, a 7 de Junho de 1889, é para nós, os sergipanos, um dêles e o primordial, entre todos os dos seus fastos, por que, não ha negar, assinala o despontar de um sol e sol sem eclipses.

Assim me externo, por que a luz por êle irradiada logrou sobreviver-lhe ao aniquilamento físico. Quer pela influência que exerceu, ainda exerce e continuará a exercer nos meios culturais do País, quer pela cadeia de entusiasmo e de intenso fanatismo com que foi querido e admirado dos contemporâneos e discípulos, com exceção de poucos, essa luz que condensa fulgôres de estrelas não cessou de existir ainda, o que vale reconhecer que nunca deixou de cintilar e esplender, dêsde que espadanou do foco imenso que foi o seu cérebro.

Certo é que, para dar maior expansão à sua genialidade e entregar-se, exclusivamente, aos estudos prediletos e pregar em situação de desafogo, faltaram-lhe meios materiais e não se lhe fizeram sentir, em seu favôr, os desvêlos da mãe pátria. Esta lhe negou sempre o aconchego e a proteção de suas azas, e, portanto, a possibilidade de conquistar uma situação econômica, se não invejável, ao menos em harmonia com a singularidade do seu mérito.

E se, sôbremaneira consoladora, lhe foi a conquista do lugar de lente substituto da Academia de Direito de Recife, em memorável concurso, sete anos antes de cerrar os olhos para o sono eterno, isto nada significa quanto à lacerante injustiça que o acompanhou até às cruciantes decepções da última hora.

Justo é, entretanto, assinalar que nunca deixou de contar com as simpatias generosas do povo e da vibrante mocidade de Pernambuco, preferente local escolhido para ~~te-^{to}~~ do desenvolvimento de sua ação, e de onde lhe foi possível levar aos quadrantes da Pátria a seiva de sua potencialidade espiritual, fazendo-a despertar do marasmo em que jazia, para as conquistas do século.

Assim, é ainda e, precisamente, para saldar êsse débito dos nossos antepassados que aqui ora nos reunimos, com o objetivo de cultuar-lhe a memória e exaltar-lhe, a princípio, incompreendida, mas, afinal, avassalante, e insobrepujável atuação, quanto às diretrizes culturais que devíamos eleger e seguir.

E' uma dívida coletiva, ninguém o contestará, não somente de Sergipe, senão do Brasil inteiro, que nos cumpre carinhosamente resgatar, com a inoxidável moeda do reconhecimento, lançada no altar da História.

Custa inevitavelmente a crêr que o polimórfico e inconfutável

vulto de TOBIAS BARRÊTO, dentro do nosso mesquinho cenário, não tivesse conseguido satisfazer às duas aspirações que mais ardentemente afagou — ser senador ou deputado por Sergipe e ir à Alemanha, afim de realizar conferências, em Berlim.

Mas, êle próprio, em artigo sôbre o centenário do vate d'OS LUZIADAS explica essa contingência da psicologia coletiva, a que não poderíamos ter fugido :

"A gratidão, já houve quem dissesse, a gratidão é a virtude da posteridade. O aserto é incontestavel, como expressão de um fato conhecido, ainda que sempre estranho e pasmoso, qual é por certo o pungente espetáculo, oferecido pela história, de ser quasi sempre reservada aos posteros a missão nobilitante de lavar a mácula dos seus antepassados, glorificando grandezas que êles não compreenderam. Porém não basta estabelecer o fato : é preciso subir à concepção da lei. Não basta dizer que a gratidão é a virtude da posteridade; é mistér acrescentar que só a posteridade, sómente ella, pôde pagar o tributo devido ao mérito dos grandes homens. E' o efeito de uma lei histórica, pela qual homens representativos, por isso mesmo que êles são a sôma do trabalho evolucional de muitas gerações, não pôdem ser compreendidos e tão pouco apreciados, por aqueles de que fazem parte".

E conclue, como se estivesse falando à posteridade sôbre si mesmo :

"O gênio, diz SCHOPENHAUER, é demasiado raro para encontrar com facilidade seus iguais, e muito diverso dos outros, para ser seu companheiro. Daí o isolamento, com o isolamento a tristeza, com a tristeza, a inação, com a inação a miséria. A luz do gênio é sempre incômoda aos olhos dos que de perto e face à face a contemplam".

Daí a amaríssima queixa, em fôrma de cortante sarcasmo, que ressalta de sua crítica musical sôbre CARLOS GOMES :

"Pilatos perguntou a Cristo : *quid est veritas* ? Eu pergunto aos patriotas — *quid est pátria* ? — Até ao presente, esta *deusa* não me tem querido aparecer, sinão sob as únicas fôrmas do *imposto*, que se me exige e do *soldado*, que me faz medo. E' natural, portanto, que êsse velho ídolo não ocupe lugar no meu oratório. Patriotismo é cousa que tambem diminue, a poder de decepções. Estou livre desta virtude, que peço perdão de já haver sentido e praticado".

Vem a ponto ainda a angustiosa lamentação, confiada, em

carta, a SÍLVIO ROMERO, pouco antes de morrer, quasi ao abandono, em 1889; "estou reduzido às proporções de pensionista da caridade pública"...

Tem o destino destas ironias e a que estou a recordar traz à lembrança o que disse LATINO COELHO, ao apreciar os infortúnios de CAMÕES: "Parece que, aos laureis de que se tecem as corôas imortais, já vêm desde o princípio entresachados os espinhos, para que as fronte, que se afiguram divinas pela glória, mostrem que são humanas pela dor".

Divino pela glória, humano pela dor — tudo o que sofreu TOBIAS BARRÊTO e tudo o que o affligiu, do berço ao túmulo, foi uma contingência natural do seu valor específico.

De gestos da então província de Sergipe, tradutores de aprêço ao seu grande filho, só de um dêles, ao que tenha podido apurar, — memória ha. Concedêra-lhe ela uma licença de seis anos ao professor de latim, para estudar, e nisto ficou, e a isto se resumiu o seu interesse, a sua deferência àquele que, a poder de repetidos triunfos e à força de dar-lhe nomeada, havia de vir a confundir o seu próprio nome, na caracterisação geográfica, com o dela, ou seja — Sergipe, terra de TOBIAS, passando a constituir-lhe o mais desvanecedor brazão.

Semelhante liberalidade resultou, porém, como é facil de averiguar-se, numa verdadeira burla, porquanto, suprimindo-se-lhe a cadeia, não foi demitido, nem pôsto em disponibilidade. Ficou "nos ares, lutando teimosamente para viver, embora com direito aos vencimentos, que nunca recebeu, até 1889, ano de seu falecimento", segundo depõe MANUEL DOS PASSOS, um dos sergipanos que mais se lhe conservaram fiéis na exaltação do renome e no culto saudoso do afeto.

Dai, sem dúvida o versejar âle, em a poesia *Scena Sergipana*, sem intenção ao caso, mas appropriadamente — âle:

"Vêde a bela miseravel

Da minha pátria... Ei-la aqui", como se dissêra, aí lhe está o retrato, no pequenino gesto, para com o seu grande e luminoso filho; aí lhe está o perfil de ontem, como de hoje, na esquivança, no retraimento, na sovinez de simpatias para os que lhe bem merecem.

Se fôra âle que tivesse de apreciar a applicação ao caso das estrofes citadas, por certo, diria:

"Admiravel exemplo de como, em relação à pátria, nem sempre as palavras ásperas, são prova de falta de amor".

Fadado a lutar pela existência, desde os primeiros anos da ju-

ventude, para vencer a falta de recursos, e, depois, contra os sentimentos de hostilidade e de inveja que lhe nunca deram tréguas e não no pouparam mesmo, até quando cerrou definitivamente os olhos, nem mesmo assim o lutador tenaz e insubmisso perdeu a contagiante jovialidade, patentizada nesta confissão :

"A sociedade em que vivo, não tem de certo força bastante para levar-me consigo como um madeiro arrastado pelas aguas selvagens dos nossos rios; mas eu também, por minha vez, não sou bastante forte para desviá-la do seu caminho, para fazê-la à minha imagem e semelhança; daí uma perpétua inconciliabilidade entre nós, daí alguma cousa de trágico na minha vida, que far-me-ia misantropo e infeliz, se a natureza não me tivesse investido de uma índole expansiva e mil vezes mais disposta ao prazer, do que à tristeza".

No prólogo das *Questões Vigentes*, o seu canto de ciene bibliográfico, o mesmo tema não o deixa, martelando-lhe o espirito em luta com a antevisão do fim próximo:

"O livro que entrego ao público, não leva consigo a pretensão de abrir uma nova época para as letras brasileiras; mas êle tem um merecimento, de que não posso deixar de orgulhar-me: é o de haver sido composto, na sua maior parte e talvez até na sua melhor parte, durante dias aflitissimos, em que a idéa de uma próxima e inevitavel morte, segundo a opinião dos competentes, estava constantemente a agredir-me e a perturbar a marcha regular do meu pensamento. Essa idéa, porém, não conseguiu abater-me; opuz-lhe com efficácia a resistência de minha vontade; quiz viver e vivi, não só para amparo dos meus, dos poucos que de mim precisam, mas também para não cometer a tolice de ocasionar, no grupo dos que me odeiam um prazer de *mais* e um lugar de *menos*".

Apesar disso, não ~~lha~~ resistiu o organismo ao mal que o minava e a 26 de Junho de 1889, falecia, pronunciando, ao espirar, esta profunda lição: "Tudo tem sua lógica, até a morte".

Conhecida esta manifestação filosófica, supérfluo será ponderar que, até diante do espectre da morte, TOBIAS BARRETO se revelou forte e animoso, sereno e audaz, não lhe intimidando, à hora derradeira, terrores, sombras, e inquietações.

Ao contrário, dêsse instante supremo sacou ainda uma excogitação, como que para atestar a rijeza da têmpera moral, até diante da eternidade.

Conforme assinala GUMERSINDO BESSA, em *Pela imprensa e pelo fôro*, — "nunca houve neste paiz homem de letras, cujo merecimento fôsse mais contestado do que TOBIAS BARRETO. Contra êle levantou-se sempre mordaz e insolente, a canalha literária do império. Fizeram-no alvo de todos os apodos e o objetivo de todos os sar-

carmos. Disseram que ele não tinha talento, não tinha cultura, não tinha caráter. Só concediam que fôsse *maluco e negro*".

Convicto da inanidade desses ataques e sentindo, mais uma vez, a natural superioridade, TOBIAS BARRÊTO nêles divisava o material com que havia de construir o pedestal da sua imortalidade, e por isso é que, como poeta e filósofo, os cantou:

"Destas pedras, que me atiram,
Hei de fazer um altar".

Segundo informa ABELARDO LÔBO, foi TOBIAS BARRÊTO sepultado a expensas de OVIDIO ALVES MANAIA, o qual mandou ainda colocar, no seu túmulo, uma pedra, com a seguinte inscrição: "Aqui jaz o corpo inanimado de TOBIAS BARRÊTO DE MENEZES e, com ele, o coração de sua mulher e filhos".

Com o erigir-lhe uma estátua, por iniciativa deste INSTITUTO, com o fazer-lhe a trasladação dos despojos, para a urna que lhe foi destinada no seio da terra sergipana, a reedição completa das obras, esta mediante resolução do ex-presidente GRACO CARDOSO e pensionar-lhe alguns parentes desassistidos da sorte, Sergipe lhe tem procurado ser grato, através da posteridade, engrandecendo-se com esse nobilitante designio.

Tudo, porém, que tenha realizado ou venha a realizar com essa tocante, inauferível e inexcedível finalidade, ainda muito a quem estará do que, efetiva e realmente, lhe merace o verdadeiro símbolo do nosso orgulho.

E' que TOBIAS BARRÊTO não foi só um grande sergipano, mas sobretudo, um proeminente e inconcusso brasileiro, e sob esse prisma, é que se lhe hão de apreciar, graças ao *relevo* da predestinação, a profundidade da decisiva influência no desenvolvimento cultural do país, a extensão da meritória tarefa educacional, os incessantes anseios do mestre incomparavel e insigne que acariciava o desejo de ver "a mocidade conterrânea animada do espírito do tempo, deixar a rota batida, e seguir o bom caminho" e, com ênfase, quando a contenção lhe rondava os calcanhares, manifestava gáudio em proclamar, como dógma da sua cartilha de liberdade do pensamento, "o meu fim é andar às claras comigo mesmo", acrescentando que "o respeito das convicções alheias não consiste em julgá-las boas ou verdadeiras, mas só em tê-las por íntimas e sinceras e a insistir, ainda, que "as opiniões sinceras são irmãs das dores profundas; senão se zomba do gemido de quem sofre, por que zombar da palavra de quem medita?"

A ele, pois, se aplica, à justa, o que, a respeito do "sentimento

da grandeza humana", que tinha em alto grau, disséra sobre CAMÕES, na quadra de SCHILLER :

"De todos os bens da vida
A glória é o mais alto bem,
O corpo ha muito que é poeira,
E o nome ecôa ainda além !...

Tamanho era o seu visôr mental, tais os extraordinários dotes do seu espírito insofrido, imaginoso, autodidata, inquiridor, independente, evolucionista, atilado, incondutício, dinâmico, livre de quaisquer preconceitos e extreme de quaisquer peias, por vezes excessivamente susceptível e ríspido e, sôbretudo, dotado de profunda capacidade de reflexão que os seus biógrafos não têm necessidade para focalizar-lhe o fastígio a que se alcandorou, senão compassar-lhe as exatas proporções e apresentá-lo, por si só, em todo o esmalte psicológico da sua individualidade.

Mas, como acentúa LATINO COELHO, ao fazer o elogio de LUIZ DE CAMÕES, "os gênios não têm, não precisam ter biografia. Vivem e consubstanciam-se na pátria e na humanidade. A sua vida chama-se pensamento. A sua transfiguração chama-se glória. Deixemos a biografia para os pequenos medíocres. Para os grandes da inteligência, baste-lhes o nome, as obras, a voz universal, que os levanta e canonisa acima dos vultos dos mortais".

"Por menos que valha um homem, predicou RUI BARBOSA, no elogio de CASTRO ALVES, ainda menos ficará valendo, quando tentem ou lhe queiram engrandecer o tamanho, com o empréstimo de qualidades estranhas. Toda a absorção do alheio nos abala no gôzo tranquilo do nosso. Não pôde estar seguro na sua propriedade quem a dos outros usurpa; e se não mentem grande mentira os anexins, que mentir não costumam, uma figura que se atavia com o espólio do guarda-roupa dos outros, na praça despirá o que a furto vestiu".

Para colocar em evidência, atravez dos refletores da nossa admiração, a egrégia figura do autor dos *Menores e Loucos*, e se afirmar que era de estatura invulgar, não se precisará, entretanto, usar dessa manobra artificial, pois só no seu nome, não ha negar, se resume e simbolisa, precipuamente, o fastígio de Sergipe, que nêle tem o seu mais expressivo cunho heráldico, no domínio das letras e do caráter.

Entre o seu vulto e os dos demais membros componentes das *élites* culturais comprovincianas, não é possível nenhum nivelamento como forças iguais, e a diferença, entre qualquer dêles e o filósofo de Escada, sempre dominará, quer estejam a fixá-los os observadores do fundo dos vales, como acontece comigo, ou do alto das montanhas, como a outros tem sucedido.

O jôgo de luz que os envolve, atravez da atmosfera, não permi-

tirá que nenhum dêles se iluda, em qualquer das duas posições, no que concerne às aparências e no que tange efetivamente à realidade, tal como acontece quando fitamos, na mesma postura, a abóbada celeste e distinguimos as estrelas umas das outras, quer pelo tamanho, quer pelo brilho peregrino.

E' que TOBIAS BARRÊTO, na opinião de SÍLVIO ROMERO, consubstancia "uma época inteira, uma fase do pensamento nacional, um período histórico, toda uma literatura", tais a extensão, a energia, a profundidade, a erudição, e o irresistível impulso que as idéas por êle divulgadas, com o sabôr, então, de novidades, nos seus escritos e nas suas preleções, lograram imprimir às diretrizes da cultura nacional.

Assim me permitindo ajuizar, sem o menor desaprêço, no entanto, aos outros reais valores da nossa terra, que os conta em grande número e notáveis, por muitos títulos, não estarei a lhe querer transgredir a regra, referentemente à intransponibilidade dos justos limites do encômio, quando, em apropriado apoftegma, estatuiu que o louvor em demasia é um digno irmão da prova de mais; destrôl o que pretende construir".

E' que, embora pertença a uma geração que só postuma e mui tardiamente voio a conhecê-lo, entrando em contácto com o seu luminoso espírito atravez de suas produções, quando os seus despojos já de ha muito se haviam reduzido a pó, não pôsso, por imposição da verdade, deixar de considerá-lo ímpar e sem rival, dadas as múltiplas e variadas atitudes mentais porque se afirmou, como se pretendêra demonstrar que a lei da divisão do trabalho não se aplica às manifestações do cérebro, e que um só homem, constituido um poliédro de cintilantes faces, é capaz de suscitar a admiração não só pelos esplendores do conjunto, como de qualquer dêles, particularmente desenvolvido e cultivado.

TOBIAS BARRÊTO foi tudo o que quiz sêr e, na substancia de que se compunha, como que havia matéria para assumir todas as fórmulas privilegiadas do humano engenho.

Sufrago, assim, com plena identidade de vistas, o autorizado pronunciamento de ARMINDO GUARANÁ, no seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Sergipe*, ao qualificar TOBIAS BARRÊTO "o maior dos sergipanos, pelo talento e pela erudição".

E o brado de incontestável justiça, de LIBERATO BITENCOURT, ao fazer elevada crítica dos *Estudos Alemães*, em magnífico escrito, no *Jornal do Comércio*, do Rio, sôbre o romance psico-bibliográfico AFRANIO PEIXOTO, proclamando o insigne e genial conterraneo "o homem sól do império" e acentuando que aquele seu trabalho "é a melhor resenha, até hoje escrita, no mundo contemporâneo, sôbre literatura francesa, inglêsa, alemã e italiana reunidas", e que os *Es-*

tudos Alemães são "hoje ainda por muitos decênios a verdadeira Bíblia literária nacional".

Ao proferir tão lisonjeira, quão imparcial e justa crítica, assinala o erudito matemático, *double* de finíssimo homem de letras, que "TOBIAS BARRÊTO, eleito para a glória por digno dela, com a só construção de tais *Estudos*, escritor é por centênios sem par na história da literatura brasileira", pois, "tinha nas veias o sangue dos deuses".

E, em altilóquio crescendo, prossegue:

"TOBIAS BARRÊTO, escritor, é de atléticas dimensões: devia de ir para áreas elevadas, mui acima das vulgares altitudes. Não foi julgado, porque não entendido. Guardadas as proporções devidas, rivaliza ele com os maiores da humanidade. DANTE ou SCHAKESPEARE, CORNEILLE ou RACINE, TASSO ou DIDEROT, RABELAIS ou MONTAIGNE, BYRON ou MILTON: é de alta prosapia em letras brasileiras. Sua estatura literária, cada vez mais em evidência, não pôde ser medida a centímetros, como a vulgar dos escritores, mas a quilômetros ou miriômetros, sinão a *parces*, de astrônomos. É um dos maiores vultos da literatura comparada, ora impossível de cotêjo no Brasil. CRISTO foi só de justiça: TOBIAS BARRÊTO, só das letras. E se isso não corre em livros, devemos perdoar aos oficiais da crítica, idiotas, infatuados de falsa sapiência, incapazes de compreender que a idéa é o primeiro grande alimento do homem culto. Defectíveis sempre, sabem colocar pronomes, mas não idéias, como dizia revoltado SÍLVIO ROMERO". Para concluir, assim, com chave de ouro: "Tornar a TOBIAS BARRÊTO é progredir. Cada vez mais se me antolha esse ideal. Ser crítico é ser sábio, é caminhar sereno para TOBIAS BARRÊTO, para a immortalidade".

Apontando, na sua esplêndida monografia *Linhas e Perfis Jurídicos*, os nomes de ~~diversos~~ brasileiros que avultam, no segundo reinado, ilustrando e iluminando o seu tempo, como altos espíritos, CLOVIS BEVILÁQUA, o pontífice dos nossos juristas, e também grande filósofo, de alma evangélica, merced da sua doçura, bondade e placidez, inclúe, na coorte dessas "árvores florestais", o de TOBIAS BARRÊTO e justifica esse veredicto, com as seguintes palavras: "TOBIAS BARRÊTO, o ensaísta formidável, que operou a transformação das idéias gerais do direito no Brasil, com as *Questões Vigentes*, *Menores e Loucos*, *Estudos Alemães*; e, com as *Polêmicas* e os *Discursos*, sacudiu, violentamente, a Intellectualidade nacional". E adiante, noutra passagem, diz ainda: "A ação de TOBIAS BARRÊTO, no movimento das idéias jurídicas, é geralmente reconhecida, como a de RUI BARBOSA, em relação ao direito constitucional republicano. Se, em filosofia do direito, compararmos os compêndios de AUTRAN

com os ensaios de TOBIAS BARRÊTO, sentiremos que a mentalidade jurídica brasileira avançou, galhardamente, entre a década de 1850-1860, quando surgem os nossos trabalhos jurídicos originais, nesse período, e a década de 1880-1890, no decurso da qual o egrégio sergipano nos revelou a nova intuição do direito dos IHERING, dos POST, dos HOLZENDORF".

E' facilmente compreensível que só aprazendo a TOBIAS BARRÊTO a atitude da dúvida e não lhe satisfazendo a da submissão, tivesse despertado malquerenças e emulações.

Embora "a medida do valor dos homens não seja aritmética, senão moral; está na personalidade, a qual se aprecia menos pelas ações do que pela influência", e não precisasse, dest'arte, catalogar novos testemunhos sobre a grandiosa individualidade de TOBIAS BARRÊTO, não me furtarei a recordar mais alguns juízos sobre ele externados, para acentuar a uniformidade de vistas encontrada nos seus biógrafos, relativamente às suas inegaláveis proporções, bem como quanto à saliente influência que lhe coube exercer.

Esta, durante muito tempo negada, por espíritos facciosos e parciais, não sofra hoje em dia contestação, sem correr-se o risco de um comprometimento, com a negativa de um fato histórico de meridiana evidência.

No prólogo do livro *Pela imprensa e pelo fóro*, em que se acham reunidos alguns dos principais trabalhos de GUMERCINDO BESSA, assim a caracteriza PRADO SAMPAIO: "Com o concurso de TOBIAS BARRÊTO para a Faculdade de Direito do Recife, abriu-se uma nova era no evolver intelectual do pensamento brasileiro. Dali, d'onde se formou, espraçou-se então esta onda ciclópica de idéas alterosas e de ideais incendiados que, em breve, aluíram e venceram os diques da resistência dos velhos preconceitos espirituais da pátria".

Dando, em 1925, a publicidade a monografia que traçou sobre TOBIAS BARRÊTO — "dívida de reconhecimento e admiração que contraira, ha mais de trinta anos, com ~~um~~ assombroso pensador dos *Estudos Alemães* e dos *Pequenos Escritos e Pensamentos*, que foi ao mesmo tempo, o profundo filósofo, crítico e literato das *Questões Vigentes*, e dos *Ensaíos e Estudos de Filosofia e Crítica*, o extraordinário jurista dos *Menores e Loucos* e *Direito Criminal*, o genial poeta dos *Dias e Noites*, e o valente polemista e consumado orador das *Polêmicas e Discursos*, AFONSO BIONISIO DA GAMA, depois de usar, para com ele, da adjetivação a que me acabo de reportar, diz: "Sinto-me imensamente feliz e contente, prestando hoje esta pequena homenagem à memória do grande e inesquecível mestre, a quem tanto deve a intelectualidade brasileira, e que é considerado por todos como uma das mais brilhantes glórias da nossa Pátria, porque tenho, assim, oportunidade de tornar ainda mais conhecido o extraordinário papel que ele desempenhou durante a sua vida, inteiramente

consagrada à causa, três vezes santa, da instrução da mocidade brasileira, que nêle encontrou sempre, além do mestre, verdadeiramente sábio, um guia seguro e um amigo certo e desinteressado”.

Por sua vez, VIRGÍLIO DE LEMOS, no *Almanaque Literário da Baía*, de 1889, acentúa: “O que é incontestável é que na monótona planície da literatura nacional, onde se notam poucos vultos de estatura superior, TOBIAS BARRETO é uma das raras montanhas, cuja fronte imerge no azul profundo do céu. Mas, não é somente como literato emérito e como pensador de primeira ordem que êle se recomenda. O eminente brasileiro é, acima de tudo isto, um propagandista, o maior e o mais arrojado impulsionador da mentalidade de sua pátria”.

Não lhe é menos calorosa a apreciação de GRAÇA ARANHA. Este, no *Almanaque Brasileiro Garnier*, ano de 1909, assim se refere a TOBIAS BARRETO. “Em 1882, TOBIAS BARRETO, que os seus condiscípulos não compreenderam e de cuja imensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava, como um ciclone, a sonolenta Academia do Recife. Êle invade a sociedade espiritual do seu tempo, como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a êsse temperamento, em cuja formidável composição entram doses de calor, de luz e de todas aquelas ondas de vida que o sol transfunde reglamente no sangue mestiço... Tinha a exuberância, a seiva, a negligência que o fazia estranho a todo o cálculo, mesmo o da sua reputação de além túmulo; o prodigioso dom de fantasiar, o *fabulieren* dos creadores, e mais a impaciência e a temível explosão da revolta que permanecerá vivaz do seu caráter. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordáveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Poude, como um sertanejo, viver com o povo; foi descuidado, miseravel e infeliz. Cresceu músico e poeta e mais tarde, quando lhe chegar a cultura, ela virá na barca fantástica da poesia. E foi pelo impulso dessa volátil essência do seu temperamento que TOBIAS BARRETO passou da arte para a filosofia. O pensador nêle é uma modelação do vate. Transportará para a metafísica, para as ciências biológicas, para o direito, a magia da adivinhação, o imprevisto milagroso, a necessidade de idealisar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua ciência, quando não vem da legislação ou da lingua, é feita principalmente da intenção, e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abrem, a vida que dá às idéas, apenas entrevistas no prisma da sua visão, é mais a criação do poeta que a lógica do sábio. E nisto foi o homem do seu tempo e da nossa raça. E’ preciso que o sangue corra longamente, durante séculos, numa infinita decendência, para que o precipitar das forças originaes do nosso espirito seja a idealização científica. O máximo a que, por enquanto podemos

atingir, foi o que nos deu TOBIAS BARRETO, a filosofia através das cores solares da poesia".

Enfileirando-se entre os seus admiradores, LEMOS BRITO, em *Atravez de Quatro Séculos*, também lhe enaltece e apologisa o primado, ao escrever: TOBIAS é o filósofo, o jurista, o pensador. Não influe diretamente na política. Retrai-se até às condições de um exilado.

Passa anos escrevendo e meditando na Escaleta. É um crítico, um poeta, um reformador, um polemista. Em todo esse descomunal círculo de suas aptidões, porém leva na fronte o selo da eternidade. Genial, positivamente genial, TOBIAS, essa genialidade lampeja, resampagueia, em seus discursos. Não o citam os seus biógrafos, sob este aspecto de tribuno. Entre as obras de crítica, filosofia e poética do famoso jurista e condoreiro, apenas uma legou êle de oratória. Mas o gênio é o mesmo onde quer que apareça. TOBIAS, orador, é tão formidável, quanto o TOBIAS dos *Menores e Loucos* e das *Questões Vigentes*".

Em torno da personalidade e da obra de TOBIAS BARRETO, muito já se ha escrito. Dêle já se ocuparam em estudos críticos, e em biografias, Sílvia Romero, C. de Koseritz, Faelante da Câmara, Clovis Beviláqua, Gumercindo Bessa, Armino Guaraná, Artur Orlando, Graça Aranha, João de Sousa Bandeira, Augusto Franco, Samuel de Oliveira, José Corrêa de Sampaio, Virgílio de Sá Pereira, Liberato Bitencourt, Manuel dos Passos, Alberto Seabra, Martins Júnior, Leopoldo de Freitas, Fausto Cardoso, Prado Sampaio, Lacerda de Almeida, Avila Lima, Viveiros de Castro, Gilberto Amado, José Veríssimo, Medeiros e Albuquerque, Ovídio Manaia, França Pereira, J. J. Seabra, Mário Gameiro, Abelardo Lôbo, Raul de Paula, Altino Araújo, Carlos Dias Fernandes, Lemos Brito, Virgílio de Lemos, Higino Cunha e mais recentemente Roberto Lira e Hermes Lima.

Destarte nada estou a dizer neste ~~ex~~ que tenha o cunho de prioridade e não tenha sido bebido ~~c~~ naquelas fontes, ou nas suas qualidades de caráter e bem assim nas suas obras, verdadeiro mar de sabedoria.

Umas e outras, quando reconsideradas e reexaminadas, com maior afínco, como disse uns dos biógrafos de SWIFT, a respeito da sua obra e do seu caráter, "arrostarão a prova, descobrindo sempre a cada perquisição, belezas e excelências novas".

As obras completas de TOBIAS BARRETO pertencem à categoria daqueles livros fecundos que não se lêem somente uma vez e devem ser relidos incessantemente — *non legendos libros, sed lectitandos*.

O mais seguro repositório da verdade histórica, está, no dizer de Rui, no depoimento dos contemporâneos, e acima das aprecia-

ções literárias da posteridade, está a opinião de coetâneos ilustres.

Nestes, sobretudo, em relação a TOBIAS BARRÊTO, é que me procurei firmar e verifico que as opiniões emitidas pelos que mais a fundo o conheceram, são precisamente as que mais o exaltam e sublimam.

No antelóquio dos *Discursos* de TOBIAS BARRÊTO, antevendo a glorificação que lhe havia de ser tributada, escreveu ALTINO DE ARAÚJO: "O ilustre lente da nossa Faculdade de Direito não pertencerá somente à geração que o viu surgir e à que ainda agora o admira. *Non omnis moriar*, ele pôde dizer com o poeta latino. Pertence-lhe o futuro; a glória é sua".

Fazendo igual profecia, no prefácio das *Questões Vigentes*, ARTUR ORLANDO também vaticinou: "Ainda não chegou a hora da apoteose, mas virá; a respeito da glória escreveu SENECA, em sua linguagem de bronze, que a glória segue tão infalivelmente o mérito, como a sombra segue o corpo, pôsto que ele marche, ora adiante, ora atrás. Ao autor das *Questões Vigentes* está reservada uma glória póstuma; mas esta será tanto maior quanto o sol do pensamento brasileiro se achar mais avançado na trajetória do progresso".

A este gaudio movimento de reparação, é que estamos a assistir, desde que se fez a publicação póstuma de suas obras.

Referindo-se a SILVIO ROMERO, o pioneiro deessa meritória tarefa, assim se expressou GUMERCINDO BESSA: "Sem a dedicação louvável de SILVIO ROMERO, que colecionou em alguns volumes poesias, artigos literários, monografias sobre direito e filosofia, discursos e peças de crítica do grande mestre, sem a indefesa e admirável propaganda feita na corte pelo talentoso e ilustrado sergipano em favor da reputação científica do seu velho amigo; sem estes desinteressados serviços, nos quais SILVIO ROMERO demonstrou ~~uma~~ ^{uma} o coração tão grande quanto luminosa a cabeça; sem esse desinteressado serviço, o julgamento da personalidade intelectual e ética de TOBIAS BARRÊTO nunca chegaria a ser proferido no tribunal da história, por falta dos elementos de instrução e das peças de convencimento".

Esgotada inteiramente esta edição, tornou-se bastante difícil a leitura de tudo quanto esgravára TOBIAS BARRÊTO, como assembla, em 1925, AFONSO DIONÍSIO DA GAMA. A esse tempo, era quasi impossível a aquisição de qualquer dos volumes de que ela se compõe.

Dest'arte, diz-nos MANUEL DOS PASSOS, em as *Notas e adições dos Discursos*. — "Creio ter também compreendido o pensamento e intenção do excelentíssimo SR. DR. GRACO CARDOSO, a quem cabe a imorredoura glória de uma edição sergipense das

obras do mestre, tanto quanto possível completa", edição essa que, conforme é sabido, foi mandada fazer pelo decreto n. 803, de 20 de Abril de 1923, assim concebido e justificado:

"O Presidente do Estado, considerando a ação preponderante que coube a TOBIAS BARRETO na renovação do pensamento brasileiro, no último quartel do século passado ;

Considerando assim o valor inestimável da sua obra, quer seja encarada do ponto de vista filosófico e jurídico, quer vislumbrada unicamente pelo aspecto literário, crítico, poético, oratório e polemístico ;

Considerando que se acham completamente esgotados os trabalhos do grande sergipano, e outros existem inéditos, os quais, pelo seu alto apêço, mereçam divulgados ;

Considerando que a publicação sistematizada de todos êles contribuirá para um conhecimento mais exato da personalidade do eminente pátrio e para o aferimento da transformação que a sua influência irradiadora operou no direito e nas letras nacionais ;

Considerando que é dever dos povos zelar pela memória dos que glorificam a Pátria, e que aos Governos cumpre, nêsse pre-suposto, contribuir para o estímulo das gerações futuras ;

Considerando que não pôde haver melhor e maior monumento para uma agigantada figura intelectual do que a divulgação das suas idéas generosas, altas concepções do espirito e arrojadas criações do gênio :

Art. 1.º O Governo fará, por conta do Estado, editar as obras completas de TOBIAS BARRETO, comissionando, para o trabalho de colligir inéditos e preparar o material a imprimir, pessoa de reconhecida capacidade".

Dando ciência à Assembléa Legislativa dessa resolução, o ex-Presidente GRACO CARDOSO, na Mensagem que lhe dirigiu, em 1923, assim se referiu ao inspirado cometimento :

"A administração não pôde ser indiferente à memória dos que glorificaram a Pátria. Zelar-lhes pela permanente e viva lembrança das idéas grandiosas ou do feitos varonis é dever mesmo precípua dos governos, como estímulo moral às gerações futuras. Com êsse alevantado intuito, foi que ordenei a edição completa, por conta do Estado, dos trabalhos de TOBIAS BARRETO. Estou em que essa resolução merecerá o vosso aplauso. Ningaem, pelo talento, pela cultura, pela combatividade, fóra de Sergipe, levou aos píncaros mais altos do pensamento a tradição intelectual do

Estado. A sua formidável produção poética, crítica, oratória, literária e polemística, apesar do papel renovador que exerceu nas letras nacionais no quartel do século XIX, — permanecia já hoje, entretanto de poucos conhecida, por se acharem completamente esgotadas algumas das suas melhores obras, e outras se conservarem até agora inéditas. No pressuposto de contribuir assim para um conhecimento mais exato da personalidade do eminente patricio e para o aferimento de sua influência irradiadora, no direito, na filosofia, e na literatura brasileira, foi que comissionei o dr. MANUEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELES, discípulo e amigo, que foi do grande mestre, para colligir inéditos e preparar o material a imprimir da futura edição”.

E, em 1926, vinha a lume essa demonstração cívica do Governo do Estado à individualidade literária de TOBIAS BARRÊTO, sob os mais vivos aplausos dos meios cultos do País.

Nas lutas em que se empenhou, TOBIAS BARRÊTO não fitava senão “o alto do monte, para onde caminhava”, com a convicção de um apóstolo, e via “erguerem-se brilhantes, em demanda do céu, a ciência e a consciência livres, como as duas tôrres da igreja do futuro”.

Por isso é que, “no meio da efervescência e do bulício das idéas que lhe surgiam dia a dia; na continua dilatação dos pulmões do século, aspirava, a largos sorvos, os eflúvios aromáticos de jardins ignotos”, e como vigorosa cerebração de pensador, bem formada, “tinha máximos problemas a lhe absorverem a meditação”, e explicava as supostas contradições que lhe atribuíam, com este esclarecimento: “Chacun a les défauts de ses vertus — disse GEORGE SAND. A minha maior virtude literária é não ter idéias preconcebidas, nem afagar um *sistema querido*; o defeito dessa virtude é viver constantemente em busca de novas e melhores teorias, donde resulta uma certa aparência de contradições”.

“A luta, disse alhures, é o meu elemento. Deixo a outros, mais felizes do que eu, ~~viver~~ a vida plácida e serena do cágado dentro da concha ou do caracau, sei dentro da toca. Para mim, só ha uma força no mundo, com quem não quero lutar e com quem me esforço para viver em paz: é a consciência”.

Escrevendo, “sem reservas pessoais”, isto é “sem adulação, a pessoa alguma”, e admitindo que em suas frases se pudessem deparar muitos êrros, confessava-se “um pouco rebelde”, quando, “em vez de modificar, por conveniência, suas opiniões, sentia-se obrigado a revê-las e a aprofundá-las”.

Dai as advertências:

“Quanto a mim declaro que estou na luta, e dela não sairei

sem que me provem que ando errado e muito errado em meus juízos”.

“O que se faz preciso mostrar, é se ando em dia com as idéas correntes, se o que digo e o que escrevo, está ou não impregnado do espírito do tempo, tal qual ele sopra em mundos superiores ao nosso obscuro mundo. Fôra dêste terreno, não aceito observações, por me parecerem ineptas e estolidas”.

“Eu bem sei que, em torno de minha humilde personalidade, formou-se uma ligeira nuvem que não me deixa de aparecer aos olhos do público, senão como espírito de conhecimentos superficiais, como *unos multorum*, que não tem direito de fazer-se ouvir no grande concerto científico e literário. Acostumado a outras e mais graves injustiças, não me é sensível este golpe. Entretanto, devo declarar que não estou disposto a beijar as mãos, que me ferem, e ouvir silencioso a sentença que os parvos pronunciam contra mim”.

“Os escritos que não saem dum profundo trabalho de reflexão e método científico, destróem-se por si mesmos, não podem conquistar adesões bem fortes e por ventura perigosas”.

Nada obstante conglobar, na sua personalidade multiforme, pela variedade dos dotes naturais, diversas modalidades ou formas de atuação, pois era, a um só tempo poeta, filósofo, jurista, musicista, professor, crítico, jornalista, poliglota, orador e polemista, “tomou nas mãos, todos os raios esparsos da atividade sem destino, e os concentrou em um só ponto, e os dirigiu a um só fim, convertendo toda a sua riqueza espiritual, na energia e firmeza de uma convicção”, como disse em relação a JOSÉ MARIANO.

Dai a unidade de sua obra, toda ela tendendo a um fim único — a ascensão intelectual do Brasil, o aperfeiçoamento da sua cultura, o seu nivelamento às nações mais adiantadas, a criação das condições necessárias e imprescindíveis, em suma, à sua progressibilidade moral, social e política.

Mais de um crítico apressado, e começar por MARTIN GARCIA MEROU, no *El Brasil Intelectual*, tem pretendido negar a TOBIAS BARRETO capacidade filosófica, talvez em razão de não haver construído um sistema original. Em toda a vastidão de sua obra, porém, se depara um profundo trabalho de reflexão, conduzindo o entendimento a interrogar nos fenômenos da natureza a solução aos enigmas do universo. Todavia, filósofo e poeta, sobretudo, é que TOBIAS BARRETO se afirmou, em tudo quanto meditou e escreveu.

Aos que se aventurarem a contestar-lhe aquele dom excelso, refutar-se-á com vantagem, como o só repetirem-se estas suas palavras: “Geralmente, se acredita que só existe filosofia, onde

ha cadeia de leis do pensamento, externamente formuladas: e ainda mais, quando existe um certo número de verdades, postas em ordem, reduzidas a sistema. Não sei se este juízo é bem fundado. O germen da filosofia, ou, como outros diriam, a sua própria vida, é uma tentação poderosa, inextinguível, de entrar no conhecimento de todos os objetos, próximos e remotos, humanos e divinos. Onde quer, pois, que o enigma das cousas se agarre ao homem pensante; onde quer que, para decifrá-lo, nasça uma emulação infatigável, entre os mais fortes espíritos de um povo ou de muitos povos ao mesmo tempo, aí temos o berço de uma filosofia".

Esse digno diplomata argentino, segundo o revide que lhe opôs SÍLVIO ROMERO, no prefácio das *Polémicas* de TOBIAS, "parece permanecer envolvido no erro de supôr que ainda hoje só se deve considerar filosofia a qualquer dessas monstruosas construções fantasistas, abstratas e arbitrarias, que tinha o nome de sistemas e pretensão de dar a chave do enigma de todas as cousas, e só se devem ter na conta de filósofos os autores de tais fábricas ciclópicas e seus discípulos confessos. Não pôde haver maior engano.

Ao lado desses poderosos e desorientados fantasistas e desses submissos existiram sempre espíritos independentes, de grande valor, de forte penetração, de poderosas faculdades de análise e de generalização, tão merecedores do nome de filósofo quanto os ousados construtores das mirabolantes máquinas, e muito mais do que os seus imitadores. E' o caso de um ERASMO, de um MONTAIGNE, de um VOLTAIRE, de um DIDEROT, de um LESSING, de um SAINTE-BEAUVE, de um TAINE, de um SCHERER, de um CARLILE, de um EMERSON, de um RENAN, que nunca inventaram nenhum sistema: é até o caso de um HELMHOLTZ, de um RIBOT, de um REYHER, de um GUIAU, de um FOUILLEE, de um TARDE e outros e outros, físicos, naturalistas, fisiologistas, que tão pouco edificaram *sistemas*, no peculiar sentido que se dá a esta palavra. Tal o caso exatamente de TOBIAS BARRETO. Reconheça, pois, o sr. MEROU e reconheçam os repetidores de cá, que não merece somente o nome de filósofo o creador de um sistema, como COMTE ou o discípulo confesso dum conhecido, como LITRÉ; também são filósofos os espíritos independentes, autónomos que nem se subordinaram submissamente às imposições dos oráculos, nem se quizeram dar o trabalho de fazer sibilas, pretendo dizer cousas nunca ouvidas".

Se não foi, a esse respeito, um tratadista *ex-professo*, um expositor, um condensador de doutrinas, no TOBIAS filósofo se depa-ram o crítico, o ensaista, o singular despertador de idéias, o

esforçado combatente, o paciente indagador, e o analista consumado, "na ancia de desvendar o enigma das cousas".

E' de supôr que a predileção de TOBIAS BARRETO, pela cultura alemã, a ponto de se declarar, com SÍLVIO ROMÉRO, promotor do germanismo nas letras nacionais, tenha sido inspirada por um conselho de TAINE, que reputava a difusão dessa cultura de grande proveito, e de sua inclinação mesma pela Alemanha, que é, na história moderna, segundo LATINO COELHO, a Grecia do norte e do ocidente, a Grecia do tempo de FELIPE, "Nenhum povo — diz esse notavel escritor lusitano — lhe sôbreleva no vasto enciclopedismo da sua investigação e na imensa esfera do seu pensamento. Nação ao mesmo tempo guerreira e filosófica, imaginosa e positiva, lustrando os fantásticos espaços onde gravitam os mundos de GOETHE e de JOÃO PAULO, e cursando com igual intrepidez as serenas regiões, onde a natureza virginal e pudibunda cede apenas a vitória ao trabalho incessante da ciência, nação que brota de si os gênios de LEIBNITZ e de SCHILER, de FREDERICO II e de LUTÉRO; à semelhança da moderna Alemanha, a Grecia antiga coligiu e concentrou tudo quanto as estranhas civilizações haviam produzido e, como as industriosas abelhas do seu gentil HIMETO, andou voejando de flôr em flôr para distilar o mel de uma cultura universal e opulenta".

Tal a medula de que se procurou nutrir TOBIAS BARRETO, para a magna tarefa de renovador da intuição jurídica e da intuição política do Brasil, de modo a que a história nacional, desde o advento da chamada *escola do Recife*, veio a se poder fazer, daí por diante, pela evolução das idéas e dos fatos.

Daí o dizer: "ciência é o que se sabe; filosofia o que se procura saber. Uma não é mais do que tesouro adquirido, a outra consiste na indagação, na ancia de desvendar o enigma das cousas. O que ha, de filósofo em mim, ~~o~~ ^{se} afirmar sem a mínima reserva".

Tais conceitos retratam o metafísico, no sentido mais rigoroso que comporta o termo. TOBIAS compreendia a filosofia, "como o modo de interpretar o universo fóra da possibilidade da experiência ou como a chave do enigma da natureza, um suplemento da ciência".

Por isso é que nenhum sistema filosófico lhe bastou e a sua crença no invisível era tão forte e dominante, que o propelia sempre para o ascetismo, para o misticismo, para a religiosidade e para a abstração.

Sendo eclético o seu monismo, nêle entravam, como partes integrantes, a teoria da vontade de SCHOPENHAUER, a da transformação das forças físicas de MEYER, a da evolução resultante

da seleção natural de DARWIN, monismo, em suma, à feição do de LUDUVIG NOIRÉE, ou seja uma concepção mecanico-estética do mundo.

Nêste, — diz-nos GUMERCINDO BESSA — não se escreveu uma só página de filosofia que TOBIAS ignorasse", e se este vasto conhecimento acumulado o levava, às vezes, pela dúvida metódica, a afastar-se do catolicismo, nêle tornou a ingressar pelas suas inclinações metafísicas, com o procurar o regaço da Igreja à hora extrema.

Quando não havia lido TOBIAS BARRETO, e o conhecia apenas pelo que a tradição oral me informava sobre êle, a minha impressão era que se tratasse de um ímpio, porque m'o haviam fantasiado como um anjo do inferno, através do seu teiró com os padres do Maranhão. Mas não é por êsse prisma que se hão de aferir suas tendências religiosas e sim pelas suas doutrinas.

"O ateísmo, — disse êle, — é uma tolice : só é ateu quem é ignorante : creio em alguma coisa, que não tenho a felicidade de poder exprimir".

"De fato, — escreve GUMERCINDO BESSA, — se a idéa do deus pessoal e transcendente não achava apêlo no seu espírito, o mesmo não se pôde dizer da idéa do deus imanente, impessoal, que é a última expressão religiosa nas cabeças profundamente cultas".

São de TOBIAS as seguintes palavras :

"Nós que temos a coragem de não curvar a cabeça e o joelho ante o DEUS metafísico de DESCARTES e dos filósofos em geral, confessamos e adoramos um DEUS : é o DEUS de MOISÉS e dos profetas, o DEUS de quem JESUS dizia, e só êle podia dizer : nosso pai !"

"Não compreendemos o que seja uma alma despegada de todos os fios invisíveis, que por momentos a suspendem e balançam-na entre o céu e a terra. Não compreendemos a vida, sem o cheiro de alguma flôr poética, de alguma ilusão mística, de que não são isentos os mais valentes heróis da pura metafísica".

"Quem uma vez achou DEUS no fundo do seu coração, não o procurará mais no seio do Universo, nem nos estéreis artificios da lógica. E' a nossa doutrina".

"A religião é para nós alguma coisa mais que o embalar do turbulo, o cheiro do incenso, a voz do sacerdote ; é o raio da consciência divina atravessando a consciência humana, é a penetração do inefável, é DEUS".

"A dogmática católica tem uma história ; o que vale dizer que ela tem tido um desenvolvimento. Os dogmas que hoje se

põem à fé, não se formularam todos de uma vez, nem também apareceram por capricho — eles fôram provocados pela necessidade dos tempos”.

Como aludí atraz à inclinação de TOBIAS BARRETO pela Alemanha, devo, entretanto, recordar que ela não o impediu de não concordar com o *Eroberungsrecht*, o direito de conquista, hoje tão em moda, o qual segundo o autor dos *Estudos Alemães*, era uma idéa retrograda e não é mais que o direito de *aproveitar a ocasião*. E dizia: “não é impunemente que os indivíduos e os povos procuram tirar dos outros o que julgam que lhes falta; além de que nada falta a uma nação, quando ela tem a honra que consiste em manter ilêsos os seus direitos e respeitar os alheios”.

E, festejando com alegria, a derrota do chanceler de ferro, sujeitando-se às imposições do Vaticano, exprimiu-se por esta forma:

“BISMARCK dizia, em Março de 1871, no parlamento alemão, que não iria à Canossa. Capitulou diante da fôrça moral do papado. Não cedeu a MASTAI FERRETE, mas cedeu a JOACHIM PECOLI. A bênção de um velho padre ainda pôde mais do que milhões de soldados”.

“A igreja não pôde tolerar; a tolerancia é filha da dúvida; não deve duvidar, porque acredita possuir a verdade”.

No comércio com as musas, TOBIAS BARRETO fez o que elle entendia devesse ser o poeta, quando a este definiu: “Ser poeta é, sobretudo, pensar. O pensamento é a masculinidade do espirito”.

Apontando-lhe o campo de ação, acrescentou: “Todas as alturas inacessíveis, todas as profundezas insondáveis, com DEUS e o coração do homem, estão sempre aí para receber e sumir nos seus abismos as inquietudes, os sonhos, as lagrimas do poeta. A humanidade agita-se, a filosofia observa — a poesia canta. No seio das nossas matas, como no fundo de nossas almas, como no fundo de nossa história ha muita sombra de que o poeta se possa vestir, muito mistério de que a poesia se deve ocupar. Nos grandes poetas modernos é, sobretudo, o sentimento do infinito que transborda em suspiros harmoniosos ou gritos desesperados. Deixar de sentir com elles tudo que engrandece a nossa natureza, para entreter-se na pintura de paixões triviaes e mesquinhas é não compreender os vãos da moderna poesia, gravitar para o nada e condenar-se ao mediocre. A ciência e a arte são as duas azas do espirito humano. Prima a filosofia entre as ciências, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, ao passo que a ciência caminha, a poesia voa; o seu mistério é, como o da ciência, esclarecer as sombras do problema universal, mas também não deve ser extranho aos achados daquele. Os juizes do

poeta não são hipóteses que a experiência possa verificar. E' uma loucura, diz MAGNIN, querer a poesia sábia como um artigo do código civil e lúcida, como a demonstração do quadrado da hipotenusa. O coração do poeta é o clepsidro em que sôam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sábios, é verdade, devem ser iguais, porque devem ser da estatura do século".

São primorosas, arrojadas, porém bitoladas, pelo senso da medida, as metáforas de TOBIAS poeta. Engrandecidas por elas nos deixou o vigoroso, inspirado e delicado vate, estrofes divinas, como notação do gênio que as concebeu e daí o lhe haverem assinalado elas lugar de destaque entre os máximos epígonos do Parnaso brasileiro. Frequentando-o desde os quinze anos, APOLO só se deve haver envaidecido de o ter contado em sua mui muito illustre companhia. Seu paganismo não fere a moral e a castidade, pois, seu culto à mulher, como subjetivismo passional, é a divinização dos sentidos e do próprio amor. Se, nos quadros que cingela, por vezes, se deparam decotes, o realismo que os anima e vivifica, é sadio e inocente e convida somente a amar a natureza. Nêles, levanta apenas o poeta uma ponta do véu que resguarda os mistérios vedados à luz plena, sem ruborizar às faces a ninguém.

Em dizendo que TOBIAS BARRÊTO foi um grande poeta, de doçura e naturalismo incomparáveis, de engenho e elocução sublimes, com o exprimir emoções pessoais, não falseio, nem adultero. Não se lhe pôde, creio, negar prioridade nas manifestações poéticas da escola que êle e CASTRO ALVES tão triunfalmente palmilharam. Dando cunho condoreiro à poesia no Brasil, TOBIAS BARRÊTO a transformou em uma grandiosa oficina de luta e combate aos males políticos e sociais. Houve momentos em que reagiu contra o romantismo e se bateu pelo naturalismo e pelo parnasianismo. E, assim, avulta, desde logo, entre os maiores tipos representativos da fase romântica que teve início em 1830. Duma espontaneidade rara, era fenomenal no improvisado, como poucos o têm sido, posto que não fizesse caso dessa singularíssima qualidade e preferisse ruminar e meditar o que escrevia. Como amostras das suas metáforas, reproduzirei aqui algumas delas: A noite "é gruta imensa, cheia das sombras de DEUS"; o patriotismo, é "subterrâneo palpitar da Pátria, no peito de cada guerreiro"; as vitórias sem sangue "são como auroras que não têm arrebol"; o sangue, vertido pela Pátria, "é trape de purpura inútil que a alma repele de si"; os olhos da mulher, "o par de estrelas que tem no rosto"; as tôrres dos templos "são orelhas fitas escutando o silêncio das alturas"; seios tumidos "lembram rígidos papos de selvagens pombas"; a estrada arenosa que, em léguas de plano se vê branquear, "é serpe disforme de prata lustrosa que se estira

dormindo ao luar" ; a aurora "é a papoula dos céus que desabrocha, corando" ; a estrela dalva "é cruz em seio pálido, a tremer" ; o sono, "opíaca da noite" ; morrer "é soltar um grito que rola pelo infinito" ; e a glória, a fama "são ruídos daquele rolar sem fim".

Dêsse bom quilate são os motivos emocionais em que se inspirava o êstro de TOBIAS BARRÊTO, e a prova de que este, sem isolar-se em um delicado e fervido lirismo, não se limitou somente a harpejar o coração ferido pelos dardos do amor e seu caloroso encanto pela mulher, abarcava pelo contrário, todos os rumôres do universo, a Pátria, a filosofia, a lenda, os costumes, a arte, a religião, a bondade e a metafísica, tomando posição saliente na moderna poesia, na sublimação a que atingiu, no cunho esplendente e alcandorado que, nos seus versos revelam e distinguem a vida e o homem. Ha na obra poética de TOBIAS BARRÊTO um extraordinário vigor de expressão, uma beleza de forma lapidar, uma vibrante nervosidade, um satirismo singular, uma suave espontaneidade, o sabôr, em suma, de um fruto agreste, odoro e capitoso, que o sagra um dos maiores vates do século e um dos autênticos cantores da nossa raça. Sua metafísica foi, incontestavelmente, uma excelente inspiradora da sua lira. O mel da bondade humana, lenindo o sofrimento, dela se expande com uma carícia, por sobre as agruras d'este mundo de materialidade e de egoismo. Sentindo-a e vivendo-a, assalta-me a impressão de que, se a divindade, ao recebê-lo, nos páramos celestes, lhe perguntára : "Que trazes aí a teu lado ? — êle, por certo, lhe responderia — "A minha lira".

Inculcando a magnanimidade após a vitória, cantou :

Sejamos bons. A obra heróica do homem,
O triunfo, a conquista, o louro, a palma,
Todos os feitos da grandeza humana,
Face a face com DEUS, com as suas
Não igualam, não valem na beleza
Uma gota do orvalho, que cintila,
No calix de uma flôr...

No céu, na terra,
O que ha de grande, as árvores, as aguas
A proccia com todos os seus raios
O oceano com toda a sua cólera,
Face a face, grandeza por grandeza,
Luta por luta, esforço por esforço
Tambem não valem, no ideal que encerram
Uma paixão que no peito se esmague,
Um só dever cumprido, um grito, um ímpeto
No fundo d'alma comprimido e morto".

Expandindo sua ternura pelos orfãozinhos, exclama :

"Ai ! quando as aves se aquecem
Pelos cuidados divinos,
Não acho bom que os meninos
Chorem de frio, SENHOR".

Soluçá-lhe ainda a harpa pelas lágrimas da creancinha sem
pai e medula :

"Por que ha lágrimas tão puras,
Que, mal sentidas no mundo,
Fazem lá dos céus no fundo
Franzir a fronte de DEUS".

Ao meditar sobre os "mistérios da natureza", desfere o bardo :

"Resguardando os princípios de sua obra,
Quiz DEUS a luz no sol que não se fita,
O amor no coração que não se sonda".

Em a poesia *O Gênio da humanidade* dá TOBIAS a demonstra-
ção de que o seu olhar, abarcando o Universo, o unificava, no seu
éstro, e fazia dêle transbordar o sentimento do infinito

Como a demonstrar que o coração nem sempre presagía certo,
e se ilude, poetou :

"O coração também é um metafísico:
Estremece por fôrmas invisíveis,
Anda a sonhar uns mundos encantados,
E a querer umas cousas impossíveis..."

Esse, o mavioso cantor, ~~que~~ nos *Últimos Versos* assim estre-
mecia :

"RELOGIO da minha vida
Que a desgraça adiantou,
A hora da despedida
Meu coração já souu.
Bate-me o peito, entretanto,
Aos olhos sóbe-me o pranto
Cujo amargor é tão bom !
Mas eu choro, ó sorte crua ?
Tambem o mármore sua,
Tambem o bronze dá som !"

Jurista, foi TOBIAS "quem primeiro falou entre nós de uma

lei do fieri, de devenir do direito, reduzindo-o a um resultado da cultura humana, a um *modus vivendi* social, a uma coisa susceptível de evoluir, de adaptar-se às múltiplas condições do meio político, do momento histórico, das crescentes necessidades humanas e das variadas exigências do progresso científico, artístico e industrial”.

E, no eloquente discurso que, na qualidade de paraninfo, pronunciou na colocação de gráu do bacharel HERMENEGILDO MILITÃO, em 1883, traçou o seu programa de professor e de reformador do ensino do direito no Brasil.

Nessa extraordinária peça oratória, modelo de concisão e de síntese, repositório de vasta erudição e cultura, esclarece TOBIAS BARRETO que o direito não é uma entidade metafísica ou um filho de céu, mas simplesmente um fenómeno histórico, um produto cultural da humanidade e diz: “Assim como, de todos os modos possíveis de abreviar o caminho entre dois pontos dados, a linha reta é o melhor; assim como, de todos os modos imagináveis de um corpo girar em torno de outro corpo, o círculo é o mais regular; assim também, de todos os modos possíveis de coexistência humana, o direito é o melhor modo. Tal é a concepção que está de acôrdo com a intuição monística do mundo. Perante a consciência moderna, o direito é o *modus vivendi*, é a pacificação do antagonismo das forças sociais, da mesma fôrma que perante o telescópio moderno, os sistemas planetários são tratados de paz entre as estrelas. Ha realmente um Cosmos do direito; mas este não menos do que o Cosmos físico, é um produto da lei do fieri, da lei do desenvolvimento contínuo; e assim, como no mundo material, é possível que exista apenas uma pequena parte, em que a matéria já chegou ao seu estado de equilíbrio, assim também no Cosmos do direito, só ha uma parte diminuta em que as forças se acham equilibradas, e não têm mais necessidade de lutar”.

Ao ser arguido no concurso que lhe ~~seria~~ tão galhardamente as portas do magistério superior, na Academia de Recife, um ano antes, daquela oração, TOBIAS BARRETO já revelára essa nova concepção do direito, ao explicar a tese: “De todos os sistemas filosóficos, só o monismo póde nos dar a verdadeira concepção do direito”.

E, passando a desenvolver esse postulado da ciência disse então:

“Quando a Faculdade perguntou o verdadeiro dentre os sistemas todos que nos dão uma concepção do direito, não cuidou supponho eu, dos sistemas antigos, que se acham cristalizados, nas camadas do passado e irrevogavelmente julgados pela filosofia

moderna. Só tenho a encarar as três concepções modernas da idéa do direito. O monismo da escola alemã dos dias de hoje, o sistema da vontade de SCHOPENHAUER e o da seleção darwinica de CARLOS DARWIN. Ha quem confunda monismo com panteismo. São idéas fundamentalmente opostas. Ao passo que o panteismo diz — que tudo é DEUS, e substancia a divindade na matéria; o monismo diz — tudo é um, e não se recorda de DEUS, porque DEUS não é admitido na ciência. DEUS pôde ser objeto de nossas orações, mas não de nossas discussões. Tudo é um, — eis concretizado todo o sistema que adoto. Mas compreenda-se-me bem; quando eu digo adoto, estou bem longe de afirmar que o espirito humano tenha dado seu último passo nessa perigrinação em busca da verdade. Quero apenas dizer que o monismo é a palavra última da ciência moderna. Espirito progressivo como sou, não concebo que se possa fechar o cérebro à invasão das ciências novas, para apegar-se eternamente a uma doutrina que não merece a sanção da ciência e que se declare em rebelião de insensatez contra a poderosa injunção dos fatos. Assim, amanhã, abandonarei a velha bagagem do monismo, se o advento de um sistema mais completo viesse se impôr à ciência. E' essa a condição de todo o progresso. Entremos agora na explicação da nossa teoria: — a fôrma irreductível é esta: *tudo é um*, isto é, o *Cosmos*, com suas ordens de fenômenos diversos, rege-se por uma lei idêntica, única. A matéria, em suas proteicas transformações obedece a uma só lei; ou esta matéria gravita nos espaços, eternamente atraída, eternamente repelida por outros corpos, ou esta mesma matéria ostenta-se na vida organica, respirando, sentindo, como os vegetais e os animais, fazendo brotar de si o pensamento, o sól da razão, com o cérebro humano. Assim é que, nos corpos sidéreos, ha a grande lei do movimento; nos corpos vivos e no grande organismo social, ha a grande lei do desenvolvimento. Mas, como mover-se é desenvolver-se e desenvolver-se é mover-se, podemos dizer: — nas esferas, desenvolvimento; no mundo social, movimento. Assim, a lei que preside a gênese do direito na sociedade é uma lei material, — o desenvolvimento. O direito não é uma idéa apriorística, não é um postulado metafísico, nem calu do céu sobre nossas cabeças, não é tambem uma abstração resultante das leis da evolução, que ainda se acham em estado de *incógnitas*, mas é a disciplina das fôrças sociais, e princípio de seleção legal na luta pela existência. Sim; antes que as relações sociais fôsem afirmadas pelo direito, a fôrça dominava tudo, da mesma sorte que nos céus, antes que os corpos sidéreos tivessem encontrado a lei de sua existência, o caos dominava tudo. O Evangelista de Patmos disse: no princípio era a palavra, *in principium erat verbum*; GOETH disse: no prin-

cípio era o ato. Eu digo: no princípio era a força. Quantos astros não se chocaram nos espaços, quantas estrelas não se despedaçariam no firmamento, antes que a lei de sua harmonia se tivesse estabelecido. Quantos abalos também na humanidade, quantas lutas sangrentas e ferinas não se travariam, antes que a lei de coexistência social tivesse pôsto fim a este amorfo! O direito surgiu quando a sociedade, tendendo para um estado melhor, quiz uma garantia maior. O direito absorveu a força, e, consorciados, regem o mecanismo da sociedade, por que o direito é uma palavra vã; a força sem o direito é uma brutalidade. Ainda é mais palpável a identidade da lei universal. Os corpos celestes obedecem a duas forças que os equilibram — atração e repulsão. O corpo social rege-se pela força centrípeta — a abnegação, — e pela força centrífuga, — o egoísmo. O mecanismo celeste atrai-se e se repele simultaneamente; o mecanismo social consolida-se pela abnegação, que é uma resultante da alta cultura, e pelo egoísmo, que é o fator de toda a moral”.

Jurisconsulto de incomensurável merecimento, como se pôde aquilatar pela proficiente e insobrepujável lição que acabo de recordar, muitos outros trabalhos deixou ainda, na seára do direito, nos diversos ramos em que se divide essa disciplina social. Todos êles atestam a pujante cerebração de que emanavam, qualquer que seja a especialidade.

Orador, TOBIAS BARRÊTO era também de grande porte e possuía uma palavra fluente, dardejante, incisiva e arrebatadora. Dos seus inspirados e magníficos discursos bastam para demonstrar o que foi êle, nessa arena, o de paraninfo, em 1882 e o pronunciado em honra a JOSÉ MARIANO. São modelos da arte de dizer, tanto pela beleza da fôrma, simetria da tessitura, vivacidade de côres, como pela elevação das idéas. TOBIAS, na tribuna encarnava o tipo do *vir probus dicendi peritus*. De sua eloquência, CLOVIS BEVILAQUA nos dá a seguinte notícia: “A palavra era fácil, enérgica e vibrante, saindo-lhe dos grossos lábios de mestiço, como que de jato, bruscamente, por entre uma gesticulação que parecia traduzir, da maneira mais adequada e fiel, a idéa, dando vida à palavra e fôrma plástica ao pensamento. O que, porém, mais feria a vista a quem o contemplava na catadra escolar e, principalmente, na tribuna popular, eram a mobilidade extrema da fisionomia, o modo estranho por que lhe giravam os olhos nas órbitas, e as várias contorsões em que se lhe contraíam os músculos faciais, em quanto orava”.

“Voz maravilhosa, de múltiplos timbres, gesticulação transbordante, sempre expressiva e completando o pensamento”, eis como a sua oratória é descrita por GRAÇA ARANHA.

Nela, pois, coincidião a palavra com a idéa e a ação com a palavra, isto é, a verdadeira eloquência.

Pôsto em relêvo o perfil histórico de TOBIAS BARRÊTO, como acabo de fazer, devo lamentar que a natureza desta solenidade, e o breve espaço de tempo, de que dispuz para organizar este ensaio, não me tivessem permitido apreciá-lo mais pormenorizada-mente. E' que, demandando outra oportunidade, daria igualmente lugar a uma investigação mais de espaço.

Limitar-me-ei, pois, antes de concluir, a apelar para as poderes públicos do Estado, no sentido de tomarem a si o encargo de reunir em um só volume tudo o que já foi escrito e publicado sôbre o notavel e genial sergipano, tal como lembrou o ex-Presidente GRACO CARDOSO, nas seguintes palavras:

"Para complemento da homenagem que SERGIPE prestou ao grande filho, restará apenas a publicação de um volume *in memoriam*, a exemplo do que se pratica em todos os paizes do mundo, no qual tenham cabida os diversos artigos e críticas publicados sôbre a personalidade e a obra de TOBIAS BARRÊTO, desde o seu aparecimento no cenário culminante do Brasil social e jurídico, até os nossos dias".

E reconhecida, assim, a preeminência do apostolado renovador do excelso filho de Sergipe, nos domínios do pensamento brasileiro, não haverá como retardar o veredicto de que êle encarnou um desses gênios, "para os quais a vida é eterna, na eternidade da morte", como tipo que se transubstanciou na sua época, para ingressar gloriosamente à immortalidade, não havendo, a seu respeito, crepúsculos na história, nem dúvidas de que, do túmulo, continúa a nos impôr a sua fixidez característica, realizando o pensamento de COMTE, segundo o qual os mortos governam cada vez mais os vivos.

Com o haver sido um espírito lidimamente sergipano, a sua excelsa memória recebe hoje mínima recompensa, nesta ingente consagração com que Sergipe o aclama o maior de todos, entre os seus filhos, ao encerrar-se o primeiro centenário do seu nascimento.

DISCURSO

pronunciado pelo Desembargador Gervásio de Carvalho Prata, presidente do Tribunal de Apelação do Estado, na sessão solene do mesmo Tribunal, comemorativa do 1.^o centenário do nascimento do Dr. Tobias Barreto, em 7 de Junho de 1939.

Meus senhores:

O Tribunal de Apelação de Sergipe vem prestar sua homenagem a Tobias Barreto, nesta comemoração centenária do seu nascimento. Delegou a seu presidente o mandato de exprimir-se sobre o excelso desaparecido. Com os poderes de uma delegação assim cometida, sem reservas ou restrições de pensamento, assume o mandatário da honrosa tarefa a responsabilidade de retratar uma vida e uma obra, que, por seus traços mais notáveis, levam ao contacto com uma das eminências espirituais de nossa pátria.

Está visto que o encargo não se desincumbe facilmente no reduzido espaço de uma conferência e menos ainda numa simples solenidade evocadora. Exigiria um livro e Tobias acaba de tãr a sua biografia publicada por Hermes Lima, exatamente nesta passagem secular de hoje.

Que restaria fazer ? Nada mais que tomar dos seus livros e dos seus historiografos o valor daquela intelligencia, a erudição que ela recolheu, a renovação que ela semeou, o entusiasmo que ela despertou, a nova atmosfera que ela creou, em suma, "o choque mental" que produziu o surgimento de um espirito tão grande.

Descrever essas coisas passadas força a reviver Tobias no seu tempo e segui-lo até o fim.

Não ha outra pretensão neste discurso, senão de mostrar, num lance de vista, o sulco por êle deixado.

Nascido na antiga vila de Campos, dêste Estado de Sergipe, aos 7 de Junho de 1839, filho legítimo do escrivão de orfãos e ausentes daquêlê tãrmo, Pedro Barrêto de Menezes e d. Emerenciana Maria de Menezes, recebeu ali o batismo das letras, com o professor Manuel Joaquim de Oliveira Campos. Aos 12 anos foi estudar na Estancia latim com o professor padre Domingos Quirino de Souza e com o maestro Marcelo Santa Fé a arte da música. Aos 15 anos completou em La-

garto, com o professor, padre Pitangueira, os estudos da língua latina, abrindo, no ano seguinte, um curso de primeiras letras na cidade da Estancia. Aos 17 anos galgou em concurso a cadeira de latim da então vila de Itabaiana, onde lecionou alguns anos.

Era muito pobre de origem e quasi sem auxílio para estudar.

Durante todo esse tempo não cessava de fazer versos, recitá-los, tocar violão, cantar, envolver-se em serenatas e festividades tradicionais, profanas e religiosas, dando largas à sua natureza expansiva e de hábitos tipicamente regionais.

Aos 22 anos deixou Itabaiana e foi para a Baía, em procura de carreira teológica. Conseguiu entrada no Seminário de Santa Tereza. No outro dia, porém, teve de retirar-se, porque, segundo é corrente, passara ali a noite em descante com o seu violão, sobre um terraço visinho ao quarto onde devia dormir.

Deslocou-se para a estalagem de um companheiro de ocasião, mas na mesma noite o prédio ganhou fogo.

Fixou-se, então, na casa de um patricio de Sergipe, ali passando o ano de 1861. No decorrer desse período estudou diversos preparatórios, inclusive filosofia, esta com o celebrado Frei Itaparica. Foi quando aprendeu a língua francesa e frequentou assiduamente a Biblioteca Pública, lendo preferentemente os poetas românticos, Quinet e Hugo. Entusiasmado com este, escolhera-o para modelo das suas novas composições poéticas, lançando o chamado estilo condoreiro.

Sem fontes de manutenção não pôde continuar na capital baiana. Voltou à sua terra natal de Campos.

Não perdeu, entretanto, o animo de aventurar o seu talento em outras paragens.

Assim foi que se destinou a Recife, no fim de 1862, na idade de 23 anos. Adoeceu logo de varíola e quasi morre ao desamparo, por falta de recursos. Convalescido do mal, repassou os preparatórios e prestou exames no fim de 1863.

Em 1864, aos 25 anos, conseguiu matricular-se na Faculdade de Direito.

Pôde sustentar-se ministrando aulas particulares de diversas disciplinas.

Disputou em concurso a cadeira de latim, para o Colégio das Artes, e, depois, para o Ginásio Pernambucano, as cadeiras de latim e filosofia. Não foi provido em nenhuma, apesar das brilhantes provas e da preeminência de colocação em lista.

Perdeu o 3.º ano do curso, por ter faltado às aulas, de modo que só em Dezembro de 1869, aos 30 anos de idade, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais.

A sua fase de academia foi toda uma poesia desenrolada no cenário social da capital pernambucana, nas ruas, nos salões, nos teatros, nas comemorações públicas. El-lo a defrontar-se com Castro

Alves, no Santa Isabel. Ei-lo da sacada de um sobrado a bater palmas e recitar versos eletrizantes ou pronunciar discursos apocalípticos. Ei-lo nos certames, nos cafés, nas redações, dominando as rodas com os seus repentes, a sua palestra cintilante, o seu repertório inesgotável de pilherias e anedotas. Ei-lo inundando de versos, recitativos e cantos e com a sua voz de tenor os salões pernambucanos.

Possuía o dom de incentivar as coisas que estavam paradas ou adormecidas, pegando-lhes uma chama contaminada de alegrias, ruídos e calores, que vivificavam o ambiente onde êle se encontrava.

Era empolgante por excelência.

Até esse tempo era a poesia a sua habitual ocupação. Chegado ao 4.^o ano do curso jurídico, porém, começou a mudar o sentido de suas preferências poéticas pela orientação filosófica e geral do conhecimento. Sustentou a separação da ciência e da fé, escrevendo *A propósito de uma teoria de S. Tomáz de Aquino*.

Foi o ponto de partida, observa Sílvia Romero, da evolução das idéas que se veio operar no terreno da filosofia no norte do Brasil. (*Polêmicas XVI*). Abriu o debate contra o espiritualismo eclético reinante nos estudos do país.

Já pregava, portanto, no jornalismo acadêmico, a orientação nova, quando se bacharelou, aos 30 anos, em 1869.

Ficou residindo no Recife os dois anos seguintes, tentando o jornalismo, o magistério e a advocacia.

Afinal resolveu mudar-se para a pequena localidade de Escada, situada no sul de Recife, onde morava a importante família da sua mulher, pois se casara antes de diplomar-se.

Falharam-lhe todas as esperanças entrevistas com essa mudança de residência. Chegou ainda a ser deputado na provincia, pelo partido liberal, mas não foi reeleito. Para atravessar a vida teve de fazer da ingrata advocacia local o seu ganha pão.

Um drama a sua estadia de dez anos em Escada.

Com a política o seu contraste não teve medida. Declarava, em plena sessão parlamentar, que — “não tínhamos govêrnos políticos, mas partidários, em política não tínhamos Catões, tínhamos todos as nossas mutilações, as nossas máculas; a política faz passar os espíritos pelas mesmas provações porque fá-los passar a filosofia: primeiramente agarramo-nos a certos princípios, depois duvidamos dêles, ainda depois não os vemos mais e afinal nos tornamos indifferentes ou absolutistas”.

Com a justiça da comarca, a sua indignação não foi menor. Estava marcado a perder as causas que patrocinasse. E tanto lhe foi a denegação do direito que fugiu do pretório com a terrível apóstrofe escrita de seu punho:

“ ”.

Acabou incompatibilizado com o meio, culminando seus dissabores no cerco da sua casa de residência.

Só lhe servia retirar-se. Mudou-se para o Recife. Mas enquanto sofria em Escada as decepções mais amargas, inclusive a perda de sua idolatrada mãe, que ali ficou sepultada, seu espírito cresceu em cabedal científico e fortaleceu-se para as pugnas maiores.

Consigo mesmo aprendeu o alemão, no exílio de Escada, leu os grandes autores alemães, e, deslumbrado uma cultura germanica, fundou jornal em língua alemã. Compreendeu que a última palavra da ciência e da filosofia se achava na Alemanha. Produziu, daí por diante, segundo este critério.

Escrevia nos jornais que fundou em Escada e nos de Recife.

Com Soriano, Autran, pai e filho, Franklin Távora e Taunay manteve polêmicas célebras.

De tal forma que indo habitar em Recife, em 1881, aos 42 anos, seu nome já era uma afirmação conhecida, não só de poeta e orador, mas também de filósofo, crítico e polemista. Ele mesmo confessara a sua mudança espiritual: "*Proquei a blusa do poeta pelo casaco do filósofo*".

Abria-se, então, na Academia, o concurso para lente substituto, em princípios de 1882. Candidatou-se a disputa do lugar, com três concorrentes a mais, sabendo embora que teria de enfrentar companheiros amparados.

"Naqueles tempos, diz Abelardo Lôbo, o acesso às catedras só se fazia mediante senha dos chefes políticos dominantes, embora, algumas vezes, o velho monarca procurasse impedir flagrantes injustiças". (*Vamos Ler*, 20-Abril-1939).

Revestiu-se de todos os atributos de que se sentia possuído para a luta, a inteligência, o saber, a improvisação, o humor, a coragem, a audácia.

Um acontecimento — a Academia, que passou á história das letras jurídicas do Brasil. Gumerindo Besza, Graça Aranha, Dionísio da Gama, Abelardo Lôbo e outros o descrevem num retrato impressionante.

A lógica esmagadora do candidato punha por terra o princípio concordatário do direito eclesiástico:

"A Igreja não pode tolerar porque não pode duvidar, uma vez que goza do privilégio da inerrância";

reduzia a cinzas, em nome da realidade dos povos, os princípios do direito internacional, acentuando ser o princípio verdadeiro da política internacional — a bala do canhão;

"A nação que na sua luta pela existência, em um momento crítico de sua evolução, tiver medo de sombras e respeitar qui-

méricos princípios do justo absoluto, morrerá, será abafada pela prepotência da outra” ;

cancelava o famoso Direito Natural e inscrevia no seu lugar o monismo como o único sistema filosófico nas condições de explicar a verdadeira concepção do direito :

“O direito não é uma idéa apriorística, não é um postulado metafísico, nem caiu dos céus sobre as nossas cabeças, mas é a disciplina das forças sociais e princípio de seleção legal na luta pela existência.

.....

O direito surgiu quando a sociedade, tendendo para um estado melhor, quiz uma garantia maior.

O direito absorveu a força e, consorciados, regem o mecanismo da sociedade, porque o direito é uma palavra vã e a força sem o direito é uma brutalidade” ;

inovava na sua dissertação sobre o mandato criminal a existência do mandato omissivo, provindo de atos negativos;

introduzia, na classificação dos direitos civis, o direito autoral, compreensivo das modalidades da propriedade literária, artística e industrial ;

lançava, afinal, a proposição de contribuírem as Faculdades jurídicas para a formação do direito nacional, à semelhança do que foi lembrado na Alemanha pelo professor Rodolf Helnze, da Universidade de Heidelberg.

Uma revolução, mais do que um concurso, nos velhos programas ensinados. Uma intuição completamente estranha ao que existia naquela respeitável casa do Direito.

Tudo o que o candidato enunciou, e debateu assumiu o cunho do inédito naquêlê estabelecimento. Tudo foi tratado com uma força de linguagem e desabuso de atitude sem precedente. O candidato sentia arfar-se a sua superioridade no recinto do Templo e escandalizou examinadores e examinados. Abalou as parêdes do velho prédio da rua do Hospício, tronitroando lá dentro, enquanto a assistência rompia, em explosão tumultuosa, a conveniência devida e glorificava o candidato que dominou até o fim o ambiente do concurso.

A congregação foi justa, dando prioridade ao mérito e Pedro II soube consagrar a justiça dêste ato.

Estava Tobias Barrêto de Menezes professor substituto da Academia de Direito.

O que foi o seu magistério é uma lembrança cinzelada na vida universitária do Recife.

Substituiu por programas novos os cursos que professou, gesto que foi reproduzido pelo eminente professor José Higino.

Amoldou o ensino às exigências da cultura moderna.

Tal o efeito das reformas por ele implantadas, tal a impressão das suas preleções na cadeira, que um auditório numeroso se constituía, para ouvi-lo, na sala de seus cursos, "não de discípulos seus somente, mas de advogados, juizes e admiradores da sua vasta e profunda cultura científica".

"Era uma delícia ouvi-lo, depõe Abelardo Lôbo, um dos seus discípulos distintos. Palavra fácil, linguagem corretíssima, mímica expressiva e, sobretudo, o movimento das mãos pequenas e dos olhos grandes, muito vivazes e húmidos, bruscas contrações dos músculos da face, tudo nêle chamava a atenção irresistivelmente do ouvinte, que se sentia naturalmente subjugado pela oração e pelo orador.

"Confesso nunca ter recebido maior impressão, na minha já longa vida de audiente, como a que experimentei quando, arrestando as vaías dos veteranos, penetrei pela primeira vez, as salas das aulas de Direito Natural".

Dionísio da Gama, outro reputado discípulo do mestre, assim traduz a sua impressão :

"...Tobias indagou do examinando qual o ponto que lhe tinha saído por sorte ; obtida a resposta começou a falar... a falar... a falar... fazendo uma verdadeira preleção sobre a matéria, enleando os ouvintes — a sala achava-se literalmente cheia — até que foi advertido pelo presidente da mesa examinadora de que estava terminado o tempo destinado à arguição. De encanto foi a minha impressão nêsse primeiro encontro com o mestre... Saí maravilhado da sala..."

Sua especialidade — o direito criminal, onde, depois de fazer a exposição da doutrina, oferecia uma exemplificação originalíssima e seduzinte de casos, dando um vigor convincente às suas afirmações.

Sua predileção por êsse ramo do direito fê-lo dizer, muito tempo antes, que — "*esperava um dia poder vestir a clamyde do criminalista*".

Não sei se outro nome se possa dar a quem votado a essa ordem de estudos se tornou o autor de trabalhos notáveis, como fossem : *Menores e Loucos, Comentário teórico e crítico ao Código Criminal* (apenas principiado), *Fundamento do direito de punir, Dos delitos por omissão, Um ensaio sobre a tentativa em matéria criminal, Sobre a codelinquência e seus efeitos na Prazo Processual, e os Prolegomenos de Direito Criminal*.

Tudo se transmudava em claridade quando êle perlustrava os assuntos havidos como obscuros ou menos acessíveis.

Parecia tudo fácil e belo, sem mais segredo, sem mais dificuldades. Do seu poder de expressão, os conceitos, as teorias, os sistemas, as figurações transluziam como a água límpida descendo da montanha num dia de sol. Era uma vida correndo na floresta do direito.

O direito como estava, dizia ele mesmo, não era assunto capaz de ocupar seriamente a atenção dos espíritos elevados, pois não tinha feição científica e se reduzia às proporções de um formalismo banal e insignificante. Daí a decepção dos moços que entram nas Faculdades Jurídicas com o ardor e a impaciência de quem vai porventura cavar um tesouro porem delas se retiram com a desilusão de quem, em vez do tesouro sonhado, encontrou apenas uma camada de grêda ou uma caveira de burro. Daí a falta de gosto da mocidade para o estudo, a sua inércia, a sua reação, não estudando. *E o direito concluiu ele, — “não é só uma coisa que se conhece, é também uma coisa que se sente”.*

Havia necessidade de aproximar o discípulo do mestre levando o mestre ao discípulo por meio da palavra persuasiva, despertadora, transformadora da matéria ensinada em objeto de curiosidade, de atração.

Essa virtude ele a possuía de modo fascinante.

Assim foi o seu magistério superior, enquanto teve forças para exercê-lo, pois no fim a moléstia o prejudicou.

Do quanto falou e escreveu, durante todo esse tempo, destaca-se pela repercussão causada o seu famoso discurso de paraninfo, em 1883. Aí o mestre se transfigurou em profeta da ciência nascente. A eloquência, a fé científica, o ardor do convencido, tudo se consubstanciou nêle em linhas asseverantes, para se exprimir como um iluminado dos novos tempos do direito.

E' uma página de exaltação profunda. Ouçamo-la com respeito:

“Qual o motivo dêsse acanhamento de vistas, na intuição do direito, no modo de compreendê-lo e apreciá-lo ?

Qual é o motivo porque essa sciência é ainda puramente nominal, capaz de dar pão porem não dá honra a ninguém ? Que se iimita a folhear o *Corpus Juris*, como este folhêa a Bíblia ?

.....

E' preciso despoetisar os phenomenos, é preciso cessar de olhar a natureza com olhos de poeta.

A sciencia não tem medo de roubar ao proprio céu a sua poesia e reduzir a pasmosa beleza do universo á mecanica cega das forças naturais.

.....

Tudo quebrou o primitivo envoltório poetico, só o direito não quer sair da sua casca mitologica.

.....

"Eu te conheço carcassa. (dirigindo-se á lua).

.....

"E' preciso levar a convicção ao animo dos opiniaticos.

"Não se crava o ferro no amago do madeiro com uma só pancada de martelo.

"E' preciso bater, bater cem vezes e cem vezes repetir : o direito não é um filho do céu, é simplesmente um phenomeno historico, um produto cultural da humanidade. *Serpes nisi serpentem comedirit, non fit draco*, a serpe que não devora a serpe não se faz dragão; a força que não vence a força não se faz direito; o direito é a força que matou a propria força".

.....

De todas as formas da coexistencia humana, o direito é a melhor.

Perante a consciencia moderna o direito é o *modus vivendi*, é a pacificação do antagonismo das forças sociais.

Desde Vico, ha prefixação de que o jurista deve ser *indagador e filósofo*.

E' para isso, snrs. doutores, que ousa de preferencia chamar a vossa atenção. Novo sistema de estudo, novo sistema de ensino.

.....

Tornamo-nos _____ovo de *advogados*, um povo de *chicanistas*, de *fazedores de petição*, sem critério, sem sciencia, sem ideal.

Re.....

...Coragem e abnegação para nos despirmos das nossas becas, mofadas de theorias caducas e tomarmos trajo novo.

Releva dizer á sciencia velha : retira-te ; e á sciencia nova : entra, moça.

Darwinista ou heckelina pouco nos importa, o que queremos é a verdade.

E' preciso pensar por nossa conta".

Esta vibração é de uma grandeza sideral e uma eloquencia inexcelsa. Afirma Silvio Romero não conhecer oração mais formosa. E se nos transportarmos ao tempo em que foi escrita

ficamos a indagar se realmente quem a produziu foi um professor sumido numa provincia do norte do Brasil.

Tobias não foi apenas um professor de direito com dotes oratórios extraordinários e sedução de poder didático. Impressiona o feixe de tantas disposições convergidas no mesmo homem e todas em espontânea e pujante ostentação : poeta, orador, polemista, crítico, filósofo. Ainda mais : repentista, humorista, satírico.

Como *poeta*, tendo encontrado as musas enleadas num falso subjetivismo da época, "artificialismo sentimentalismo cantando um amor fóra das possibilidades humanas", fez poesia verdadeiramente brasileira e modulou todas as gamas da arte emocional do verso. (Nobre de Lacerda, 1926). Creou assim a chamada escola condoreira. Seus versos são de uma beleza notável e de uma força emocionante.

Dias e Noites conferem imortalidade a um poeta.

Como *orador* o seu dom de expressão empolgava. Por um gesto, por uma palavra, salienta Artur Orlando, ée sabia fazer do leitor ou do ouvinte um cumplice.

Ninguém melhor para dizer do que aquêles que o ouviram nos seus grandes dias, na cathedra ou na tribuna. A impressão directa é dos julgamentos a melhor fonte. Vêde como essa impressão se gravou na retentiva dos grandes testemunhos :

Franklin Tavora :

"Quando o sergipano, da varanda de um camarote, ou de um sobrado, batia palmas e recitava os seus versos eletrizantes todos os que o ouviam sentiam-se arrastados para êle pela atracção, não somente do poeta, mas também do orador ; porque, direi, antes de tudo, o snr. Tobias é um grande orador, palavra fácil, poderoso órgão, presença senhoril, que, na tribuna, augmenta de expressão".

Clovis Bevilacqua :

"Orador, a sua palavra era eloquente, correcta e sempre inflamada, saindo-lhe dos grossos labios de mestiço, como que aos jactos, bruscamente, por entre uma gesticulação desconpassada, mas expressiva, originalissima, gesticulação que parecia traduzir, da maneira a mais adequada e fiel, a ideia, dando vida á palavra e forma plastica ao pensamento.

"A impressão que me causou Tobias, acrescenta, quando, pela primeira vez, o observei na tribuna, foi profunda, alguma coisa como a estranheza de mistura com a admiração".

Altino Araujo :

"Quem é que o tem ouvido sem grande atenção, sem máximo interesse, nas horas em que sua palavra ensina, vibra, fêre, convence e encanta?"

Graça Aranha :

"O mulato desgracioso transformou-se na arguição e nos debates do concurso. Os seus olhos flamejavam, da sua boca escancarada, rôxa, moel, saia uma voz maravilhosa, de multiplos timbres, uma gesticulação transbordante, porem sempre expressiva e completando o pensamento".

O ardor atingiu, para minha sensibilidade, o auge da eloquência. Quando terminou recebeu a mais grandiosa manifestação dos estudantes, a cujo entusiasmo aderiram os lentes unanimes".

Famosas as suas orações parlamentares, na Assembléa Provincial de Pernambuco, a opposição ao presidente da Provincia, a *Educação da Mulher*, o *Privilégio dos carros fúnebres* e mais do que todas o seu *Discurso em mangas de camisa*, no *Club Popular de Escada*, e o proferido na Academia, em 1883, em colação de gráu de doutor.

Muito mais pronunciou e brilhantes, dizem todos, infelizmente não taquigrafados, pois a opinião é de que "*êle valia muito mais pelo que dizia do que pelo que escrevia*".

Como polemista era de um vigor temivel. Acostumou-se a enfrentar pugnas e brincar com a aspereza delas. Caldeou-se na tempera dos debates, e, quando não era chamado a debater, arrastava, ás vezes, á liça, contendores com quem se medir. Conta-se da pena de Lafayette que despejava clarões sulfurios sobre os adversários que a_____a. Com Tobias, a luta se processava de fôrma diferente e culminava logo no seu auge. Era o cacete que desancava, a pedra, que partia, o punho, que atordoava, sem escolha de logar. Isto sem clemencia possivel e com rudesza de crueldade. Em certas occasiões havia necessidade de ser pugilista para contender com ele. Era mais ou menos deste teor a sua paixão em campanha :

"Vou quebrar a pena, com que tenho escrito o teu nome, da mesma fôrma que se mete no fogo, por prevenção, o pedaço de pau com que se esmigalhou a cabeça de uma salamandra".

Das suas polemicas as mais celebres foram as sustentadas

com os padres do Maranhão, por causa do seu famoso discurso de 1883, e com o dr. José Higino, sobre o *self government*. As outras de importancia fora com o Visconde de Taunay, a propósito de Meyerber, com Pedro Autran de Albuquerque, acerca da divindade de Jesus, com o dr. Albino Moura e o dr. J. Carlos Rodrigues, criticantes dos *Ensaíos de Filosofia e critica*.

No mais dos casos, era ele que se defendia, provocado.

A critica foi o mais extenso dominio da sua atividade de escritor. Com ela abordou os ramos mais importante do conhecimento. E' ela quem melhor caracteriza o estalão de sua cultura e sua grande capacidade de pensar.

Não é possível tomar de cada um desses conhecimentos tudo o que disse o critico e apresenta-lo nesta occasião. E' sufficiente fixar aquillo que melhor distingue a sua independencia mental e lhe dá o valor de extraordinário homem das letras brasileiras.

Seja dito, desde logo, que Tobias tinha a sede do saber, com o saber aprimorou o espirito e viveu alcandorado sobre o meio do seu tempo. O conhecimento para ele não era uma conquista que devesse ficar parada, gozando o respeito dos séculos. Era sim um remanejar incessante do espirito humano substituindo por outras as construções já servidas.

Nada de idolos que não pudessem cair, nada de dogmas em que se não pudesse tocar. Adquiriu, deste modo, uma consistencia mental independente, não lhe permitindo transigir senão com outros principios progressivos. Olhou o mundo e a sociedade tão de cima do ideal, que findou intolerante pelo que se não se continha dentro desse quadro elevado das coisas.

Homens, governos e instituições passaram pela veemencia de sua critica, quando não traziam a marca da superioridade ou a sinceridade nas suas obras.

Assim, não se poupou de criticar Tavares Rastos, porque o seu livro — *A Provincia*, conquanto bem feito, era mais uma defesa a seus correligionarios politicos do que dos altos principios da ciencia politica. Por motivos parecidos atacou Zacarias de Góis, o Visconde do Uruguai e outros estadistas; combateu os partidos que faziam sentir mais a força de suas ambições do que de suas idéas. Atirou-se contra a subordinação dos outros poderes ao Poder Moderador, exquisita invenção dos estadistas nacionais, contra a falta de independencia dos ministros de Estado responsáveis diante do monarca sem responsabilidade constitucional. Insurgiu-se contra o regime parlamentar brasileiro, copiado da Inglaterra, contra os partidos que se disputavam pela posse do poder e subiam ou deciam ao méro franzir ou desfranzir da vontade Imperial; contra o imperador que tinha "o defeito de

tômar a sério o seu manto, o seu ceptro, a sua corôa". Não aflagava a idéa republicana porque não acreditava que os homens fossem capazes de praticar um melhor regime, mas repudiava a escravidão por um principio de dignidade humana e por ser uma instituição caduca.

A libertação da sua intelligencia levou-o a dizer que preferia os Huguenotes ao Guarani de Carlos Gomes. Conduziu-o a insurgir-se contra o atraso nosso em face do movimento intelectual do mundo, qualificando-nos de "antropoides" e "mendigos do mundo científico".

"Para que dizer que o povo é soberano, clamava ele, se esse povo é expellido das urnas, algemado, açotado?"

Lançava-se "contra a fatuidade daqueles que julgam empolgar em suas mãosinhas de pequenos estadistas e pensadores pigmeus o globo de fogo das sociedades politicas".

E perguntava, para responder: "Quais os fins em que se move o espirito brasileiro, isto é, em que ele se manifesta? Política! Pressão!"

E se justificava da franqueza de suas indignações:

"O distintivo do século XIX sendo a critica leal e sincera de todas as cousas e por todas as formas, os homens e as idéas politicas não devem ficar fóra do seu alcance".

E' de notar, e isto é importante, que elle não condenava os homens e as instituições de seu país, por motivos pessoais, ou porque estivesse filiado a uma corrente ou grupo de partido. Absolutamente. Analisava, criticava, estigmatizava, fazendo o estudo da doutrina politica e demonstrando como ella se achava errada ou mal praticada entre nós.

Nenhuma vez se levantava com isenção maior. Se parecia carregada de paixão, quando emitia o seu juizo sobre a realidade brasileira, essa paixão era a da verdade, a sinceridade de um espirito pairando acima da vulgaridade dos homens.

Estadeado sempre na altura do seu ideal, por causa d'elle sacrificou o bem estar da vida. Não era homem para amordaçar um lampejo de opinião, em troca do que fôsse. Perdeu a carreira politica por não se sujeitar a injunções de partido. Perdeu a tranquillidade batalhando por suas idéas.

Aqui está o perfil do seu espirito e do seu caráter:

"O empirismo politico visa afrontar e combater o ideal.

Firmei-me no proposito de estudar os homens e as coisas e só caminhar á discreção de minhas próprias convicções.

Não me sinto com disposição de ser simplesmente uma cifra de mais no numero deste ou daquele rebanho.

Quero ao menos ter o trabalho de preparar eu mesmo o alimento de minhas crenças, quero inebriar-me de meu proprio vinho.

O que me interessa não é o apoio alheio, mas o de minha propria consciencia, assegurando-me a posse da verdade.

.....

Eu não sou bastante forte para fazer á minha imagem e semelhança a sociedade em que vivo ; mas esta, por sua vez, não é tambem bastante forte para me levar em sua corrente. Daí uma eterna irreducibilidade entre nós".

.....

Ser-me-ia facil atirar-me em busca da ventura, empunhando, eu tambem, um dos mil turibulos que se balançam em torno do poder ; ser-me-ia facil dizer á minha razão : não sejas curiosa, não indagues os principios, vamos aos meios... Mas tudo isso era indigno e tanto bastava para assim não praticar".

Vêde as suas lutas com a justiça, que era para elle, como o direito, um produto cultural humano superior. Mas, quando julgou preciso, deitou por terra o seu respeito, disse dela a maior injúria que já se escreveu em caracteres letrados. Nem pôde ser dita nesta Casa. Era porque não amasse a Justiça ?

Atentai bem nas suas campanhas com ~~o~~ro maranhense, as mais árduas que teve de sustentar. Vasou-se realmente em extremos de comparação e irreverência, contra a batina e a Bíblia. Mas era porque faltasse a esse heresiarca a consideração do valor da Igreja e a compreensão de Deus na sua formação ? Ele que respeitava a fé alheia, e dizia : a fé não se discute ? !

Reparai, agora, como comentou, cheio de entusiasmo, a derrota que a Bismarck infringiu a Santa Sé :

"Bismarck dizia em Março de 1871, no Parlamento Alemão, que não iria á Canossa. Dez anos depois não teve remedio senão seguir o caminho de Canossa. Capitulou deante da força moral do papado. Não cedeu a Mastai Ferretti, mas cedeu a Joaquim Pacci.

A benção de um velho padre ainda pode mais do que milhões de soldados".

Como Tobias era elevado e sabia tratar com elevação as coisas !

Na filosofia sufragou os sistemas mais consentâneos à sua admiração. Primeiramente abandonou o espiritualismo eclético, em voga, com as lições aprendidas de Augusto Comte. Nêsse entusiasmo pela doutrina positivista não cessou de usar contra os velhos dogmas até a profanação. E' quando se recolhe à vida solitária de Escada e se põe em contâto com os pensadores da Alemanha. Extranho mundo em que pisou, para êle mais belo, mais profundo, de mais sedução e horizontes mais vastos. Ernesto Heckel, símbolo avançado da cultura teutônica, vinha de propôr o monismo neuralístico na explicação do mundo. Tobias deslumbrou-se com o mestre e se constituiu seu discípulo ardente. Cuidou de propagar o monismo encerrado nesta fórmula irredutível : *tudo é um*. E procurou fazer-se comprehendido :

"O cosmos, com suas ordens de fenomenos diversos, rege-se por uma lei identica, unica.

"A materia, em suas proteicas transformações, obedece a uma só lei, ou esta materia gravita nos espaços, eternamente atraida, eternamente repelida por outros corpos ; ou esta mesma materia ostente-se na vida organica, respirando, sentindo, como os vegetais e animais, fazendo brotar de si o pensamento, o só da razão, com o cerebro humano". (*Est. de Dir. II*, 268).

Com essa tomada de a corrente, invadiu logo outros campos da ciência filosofica, o determinismo, a livre vontade, o direito, a moral, a religião, todas as seáras que lhe passaram pela análise da crítica.

O método histórico naturalístico, aplicado já aos demais conhecimentos, entrega-lhe a chave da nova intuição do mundo.

De posse dêsse método indicou as clareiras até então não conhecidas ou pelo menos não sonhadas entre nós.

O direito foi a sua preocupação maior, aquella em que mais exerceu a influencia da sua ação.

Juristas os havia competentes e acatados professores, porem de passados moldes, quando a ciência se guardava, inviolável, em torres de marfim e a palavra do sábio se confundia com a autoridade do dogma.

Nenhum, todavia, é Clovis Bevilacqua quem o diz, "houvera as-

sentado ainda sobre a doutrina jurídica as construções generalizadoras de uma filosofia do direito”.

Este papel coube a Tobias.

Após haver mostrado que a ciência do direito não devia limitar-se ao *Corpus Juris*, a Papiniano e às Ordenações, nem tampouco ao exclusivo apêgo à formalística jurídico-romana, comquanto encerrassem tesouros que podiam ser ainda utilizados, se fazia mister mudar de método e princípio diretor, visto como o direito se acha num perpétuo *fieri*, sujeito a um processo de transformação perpétua. Só havia ciência do que é passageiro. Impunha-se, portanto, a reforma do sistema de estudos jurídicos. E se precavia do efeito de sua orientação advertindo logo aos imediatamente alcançados por ela: “Os doutores não se pasmem de espanto e os padres não me condemnem: essa intuição dominante é a darwinico-heckeliana”.

Arremessava-se, então, na senda de colocar o direito na concepção nova.

São suas palavras:

“Seria um fenómeno singularissimo, impossivel de explicar, que o darwinismo, fazendo-se valer até nos circulos da mecnica, se mostrasse incompetente para tambem dar conta da mecanica social.

“Não vejo sação sufficiente para aplicar-se ao mundo social uma outra medida, e andar-se á cata de não sei que leis eternas, preexistentes á propria humanidade.

.....

“O homem não forma o ultimo termo da serie evolucional dos seres. Acima dele está a sociedade, ~~em~~ ^{com} suas manifestações, quantitativa e qualificativamente diversas. Com ele, a sociedade é um ser real, e, ainda com ele, um ser historico.

“O direito constituiria uma anomalia inexplicavel ou uma especie de disparate historico, se no meio de tudo que se move, somente ele permanecesse imovel.

.....

Não existe um direito natural, mas pode-se dizer que ha uma lei natural do direito”.

.....

“O homem não fala nem falou ainda lingua alguma, não

exerce indústria, nem cultiva arte de qualquer espécie, que a natureza lhe houvesse ensinado. Tudo é produto dele mesmo, do seu trabalho, da sua atividade.

E' isto mesmo o que se dá em relação ao direito.

"Dizer, portanto, que o direito é um conjunto de regras, descobertas pela razão, importa simplesmente uma tolice.

"O direito é uma obra do homem, ao mesmo tempo uma cousa e um efeito do desenvolvimento humano.

"O direito é um produto da cultura humana, uma das peças de *torcer e ageitar*, em proveito da sociedade, o homem da natureza. E' uma disciplina social, que a sociedade impõe a si mesma na pessoa de seus membros, como o meio de atingir o fim supremo — a conveniência harmonica de todos os associados.

"Não é um presente divino, mas como um invento, um artefacto, um produto do esforço do homem para dirigir o homem mesmo.

"E' uma criação humana, um dos modos da vida social.

"Torna-se preciso animar o direito, que já tem ares de ciência morta, como a teologia ou a metafisica de antigo estilo, pelo contacto com a ciência viva, com a ciência do tempo, com a ultima intuição dos espiritos superiores.

E' preciso atirar para o meio do ferro velho estas doutrinas que cheiram a incenso.

"A ciência do direito é uma ciência de seres vivos.

"A ciência juridica, bem como qualquer ramo do saber humano, não existe isolada. Na imensa cadeia de conhecimentos, logicamente organizados, que constituem as diversas ciências, ella figura tambem como um elo distincto, occupa um lugar proprio e tem a sua função específica".

Penetrou no domínio da sociologia e se utilizando de conceitos próprios recusou a esse conhecimento a dignidade da ciência, elaborando um vasto estudo sobre o assunto. São as suas *Variações anti-sociológicas*. Aí se aprofundou nas debatidas questões do determinismo e da liberdade, defendendo, com argumentos cerrados, a tese de que a livre vontade não é incompativel com a existência de motivos. Por identidade de ponto de vista não aceitou a doutrina que faz da psicologia e da economia politica ciências no sentido de relações previsíveis dos phenomenos que estudam. Ingressou no mundo emocional e mental do homem e deu a impressã de que a evolução daquelle é quasi sempre *anacrônica* e excepcionalmente *sincronica*, em relação a esta, pois, advertia, — "*o coração é um relógio que de ordinário anda atrasado*". E esclarece :

"As idéas de um individuo podem ter a última feição, a

frescura da actualidade, e todavia as suas emoções quasi sempre regular-se pelo ritmo de uma época anterior.

"Todo mundo conhece, entre outros, o facto de homens, que têm idéas assentadas sobre a não existência de Deus, praticarem actos de veneração e respeito, que revelam a crença em contrario.

"Só isto é que bem explica a chocante anomalia, pela qual materialistas convictos sentem um calafrio horripilante, ao entrarem de noite numa casa escura e solitária; e nós outros, que lemos Darwin, que nos lisongeamos de um pouco de cultura filosófica, não estamos muito longe de espavorir-nos ainda por almas do outro mundo e quejandas visões fantásticas.

"A evolução emocional é mais lenta, mais sujeita á conservação poligenética".

Por isso foi que disse, com a sua habitual probidade :

"E' possível que um dia se acabe de todo com a metafísica da cabeça ; mas me parece que nunca poder-se-á extinguir de todo a metafísica do coração".

E retomando a "blusa do poeta", que, aliás, nunca deixou de se-lo, desferiu do seu estro este acôrde de tocante filosofia :

O coração também é um metafísico :
Estremece por formas invisíveis,
Anda a sonhar uns mundos encantados
E a querer umas cousas impossíveis.

Este estudo, na opinião de Silvio Romero, é das melhores cousas escritas sobre o assunto, até aquêllo tempo, e, segundo outros, o mais completo trabalho do autor.

Mas é na *Recordação de Kant* onde se vai encontrar o mais elevado surto do pensamento filosófico de Tobias e o alimento fundamental das suas últimas convicções professadas. Após ter passado em revista a filosofia alemã, nas variadas fases do seu desenvolvimento, após a critica assestada sobre a filosofia na França, até Comte, Tobias desferra-se do monismo mecanicista de Ernesto Heckel, que dantes adotara incondicionalmente, repele o inconciente de Hartman e projeta-se sobre a metafísica superior de Kant, "através o monismo de Ludwig Noiré". Só este realmente, acentúa elle, está no caso de completar e corrigir o monismo científico de Heckel. E querendo logo se defender da inevitável increpação de metafísico, titulo que não soava bem a um espirito científico dos tempos novos, de que elle tanto se prezava ser, o seu inaiistente esforço foi preservar Kant da accusação

de metafísico", no sentido de racionalista, de *vidente* de coisas transcendentais e *invisíveis*, como tantos outros que têm enchido de sonhos e disparates a história da filosofia". Preciso então a obra decisiva do gênio de Koenigsberg, justamente em que — "por meio dela a filosofia dogmática tornou-se a filosofia crítica, ou como disse Schiller, em têr êle, da razão filosofante restabelecido a san razão". Findou atacando somente os metafísicos chamados velhos, isto é, aquêles que pretendem sondar o que está fóra de toda a experiência. Estabeleceu a distinção :

"Os positivistas não querem compreender que uma coisa é metafísica dogmática, que converte sonhos em realidade, que fecha os olhos para melhor vêr, que desdenha da experiência, quando esta vai de encontro aos seus oráculos, e outra coisa é a metafísica reservada e conciente, que ha de sempre existir, se não como ciência, como disposição natural e inerradicável do espírito, segundo Kant".

E foi alistar-se na filosofia do transcendente :

"Já se vê que, assim compreendido, o caráter metafísico é inherente a toda pesquisa filosófica, pois, como diz Edmond Scherer, a filosofia menos a metafísica é a filosofia". (Questões Vigentes, p. 267).

Aí está porque ao fazer a crítica de Guyau, sobre a *Irreligião do futuro*, manifestou-se contrário à primitiva tese positivista da *provisoriidade* da religião, sustendo admiravelmente que a *vida de alma* vai sendo cada vez mais sobrepujada pela vida da inteligência e as necessidades religiosas em constante decréscimo. Mas a única indução a tirar desse fato seria a de atribuir ao senso religioso um desfalecimento periódico — nunca, porém, uma extinção total.

"E' difícil afirmar, adianta êle, que a revolução operada por Jesús seja um *intermezzo*, como tantos outros, na vida religiosa da humanidade. Em todo caso, é altamente provável que, desaparecendo o cristianismo, não seriam a filosofia e a ciência que virão substituí-lo".

E subindo ao pensamento de Kant mergulhou nos vagos do incognível, com esta confissão sincera da sua humildade diante do que não podia explicar :

"O homem cultíssimo hodierno, o mais desabusado e isento de preconceitos religiosos, ainda não está livre de ser de repente

agredido por um sentimento invencível, que o obrigue a ajoelhar-se e adorar o ídolo de pau ou de pedra dos espíritos mais incultos".

Foi a derradeira profissão de fé do grande pensador, atesta Silvio Romero, com a *Recordação de Kant, a Evolução emocional e mental do homem* e as *Variações anti-sociológicas*, a partir de 1884, ou antes, nos cinco anos que precederam a sua morte.

A essas raras qualidades de professor, orador, poeta, polemista, crítico e filósofo, Tobias Barrêto associava outros dois complementares na mesma escala de grandeza : a espontaneidade, o humor, a improvisação. Sua vivacidade de intellecto apanhava de relance todos os assuntos que lhe chegavam, como se já estivesse preparado para recebê-los. Era como um acumulador saturado de forças despejando centelhas ao contáto das coisas. E quando não era directamente provocado a isso elle mesmo descarregava por si a supersaturação do seu talento em produções constantes de humor, de graça, de inspiração.

Por onde passava caíam os derrames de suas sobras manifestados de preferência na linguagem do verso. São abundantes os exemplos d'esse feitio e a tradição conserva muitos d'elles que não estão em livre. Para se têr uma idéa a respeito apenas vão referidos alguns casos.

Perguntado porque se resolveu a voltar tão depressa de uma estação de clima no interior de Pernambuco, acudiu de momento com esta resposta :

"Porque volto ? A razão é muito simples
Não posso sofrer tamanho exílio ;
Pois a vida bucólica e campestre
Só me agrada nos versos de Virgílio".

A propósito das suas discussões em polemica, nos seus desapontamentos de fóro, nas interpelações recebidas nunca lhe faltou *verve* para ferir com a satira o objecto do seu desagrado. Muitas delas fôram terríveis, porém uma ha que se assinalou por seu tom de ridícula brandura. Foi a dirigida ao juiz de Escada, que lhe deu sentença contrária ao seu constituinte, porque *Namoro não é crime*.

"Considerando que as flôres
Existem para o nariz,
E as mulheres para os homens
Na opinião do juiz ;

Considerando que a gente
não pode viver feliz
Sem fazer seu namorico,
Na opinião do juiz ;

Amemos todos, amemos,
E' Cupido quem o diz
Pois namoro não é crime
Na opinião do juiz..."

Das seus prêmios com Castro Alves, por partido de atrizes, não se apagou ainda das lembranças do Santa Izabel o duelo dos dois postas, em faiscante desafio um para o outro.

O repente era em Tobias uma faculdade irreprimível que elle manejava com a maior vantagem.

Nem fôram só de ironia e satira os seus melhores repentes e improvisos.

Fôram também liricos e de fino modelo :

Consente

Oh ! deixa aquecer-te ao calor de meu peito,
(Derrama os cabelos por cima de mim,
De flores e sonhos ferremos o leito,
Num beijo, esvaídos, morramos assim ;
E Deus que nos visse na cama dormindo,
Vedara que as auras nos fossem bulir ;
E aos anjos inquietos dissera sorrindo :
São neivins ainda, deixá-los dormir.

No seu famoso concurso para a Academia o poder do repente desarvorou a prevenção de certos examinadores e arguidores. Recordemos dois dos episódios contados :

"Coube ao outro candidato arguir, em primeiro lugar, a Tobias, sobre Direito Marítimo. Querendo demonstrar um erro na tésse do candidato arguido disse-lhe que ia dar um exemplo, ao que Tobias respondeu que viesse o exemplo, mesmo porque *exemplum illustrant*. Sabendo o arguente que o arguido tinha fanatismo pela Alemanha, começou assim : "suponhamos que parte um navio da Alemanha...". Tobias corta-lhe immediatamente a palavra, com esta replica : Perdão, meu colega; suponhamos não é exemplo, é hipótese. Se o colega pretende um exemplo aqui o tem : — parte um navio da Beocia, carregado de asneiras e consignado ao senhor doutor... (e diz o nome do arguente). Conclúa meu colega. O golpe foi fulminante. Os assistentes

prorromperam em palmas e o candidato procurou debalde restabelecer-se do aturdimento em que ficara com a destrêsa do ataque". (A. Lobo).

Desprevinira-se o contendor de que Tobias, quando ferido, era um leão selvagem, de arremessos indomitos.

O outro episódio teve lugar num exame de Direito Eclesiástico, de que ele, já professor da Faculdade, fazia parte da mesa examinadora.

O aluno teve por ponto — *A infalibilidade do Papa*. Iniciando a arguição perguntou Tobias : — "*se o Papa era infalível*". Sim, respondeu o aluno. *Diz isto por convicção ou por fé*. Por fé, foi a resposta obtida. *Reze, então, o Padre Nosso*. Senhor doutor, retrucou o aluno embaraçado, eu vim fazer exame de Direito Eclesiástico e não de Catecismo. Sim, exclamou o mestre :

— *o senhor veio fazer exame de Direito Eclesiástico, mas o que é que poderei perguntar a quem diz e afirma por fé que o Papa é infalível? A fé não se discute...* (D. da Gama — Tobias Barrêto).

Realmente ele teve sempre em conta a fé como domínio inerradicável do coração humano. Podia a inteligência separar-se dela, nunca porem os fios reconditos do sentimento.

Como se já não fôsem tantos os atributos dessa organização privilegiada, vieram-se-lhe juntar mais um estilo próprio e uma lógica poderosa.

Estilo que submete o leitor à dominação do que ele escrevia ou falava, subjugando pelas atitudes e pelas profundidades a que conduz os que o acompanham na vertigem dos seus vãos ou na imersão através do insondável, estilo claro, forte, expressivo. Sem adjetivação na frase, senão a imprescindível, sem preocupação retórica, sem imagens digressivas, a sua palavra só era trabalhada pela idéa diretora e enunciava todos os pensamentos possíveis com a naturalidade mais pura.

Verdadeiro estilo científico, dêsse que Houllevigue reclama para o sábio, escoimado de obscuridades, impondo-se pela sua simplicidade, à semelhança do espetáculo do céu, que diz mais da sua grandeza do que todas as poesias creadas pelo homem para descrevê-lo. Estilo a Laplace, a Arago, a Dumas, a Poincaré. Estilo que se não faz nem imita, porem já se nasce com ele.

Teve razão de dizer Artur Orlando que o estilo de Tobias era inimitável. Só lhe apontam transgressões de gramática, abusos de crases, mau emprêgo de pronomes, minúcias a que jamais deu importância, por ser bem mais alta a sua preocupação.

Quanto à sua lógica era de uma força estranha nas conclusões a que chegava.

E' tempo de perguntar que foi o valor de Tobias Barrêto de Menezes, que obra foi a sua, que ruído é esse em torno de seu nome, apontado pela maioria como um tipo extraordinário de homem, agitando as letras do Recife?

Já podemos responder.

A essa interpelação várias respostas têm sido dadas. Nenhuma, entretanto, pareceu mais fiel à realidade do que a emitida, em síntese precisa, por Sílvia Romero, outra manifestação de mentalidade assombrosa.

Disse o autor da *Literatura Brasileira* :

"E quando alguém exagerado perguntar, como já houve quem perguntasse, — que ficará no futuro de Tobias Barrêto — fácil será responder : ficará, acima de tudo, a sua ação, o seu exemplo, e, depois, ficarão suas poesias, seus discursos, seus belos ensaios de crítica". (*Discursos*, p. 179, nota 7).

Que definição exata para quem, como Sílvia, conhecia a obra inteira e nos mínimos detalhes do pensador brasileiro, com quem conviveu, desde a fase de estudantes ambos, em Recife, trocando idéas e estimando-se mutuamente, cada um com o seu pendor próprio, a quem deu o plano de publicação dos seus trabalhos, prefaciou-lhe livros, contou-lhe a biografia, mostrou-lhe ao Brasil, deu-lhe assistência espiritual até o fim e levou com a sua dedicação ao grande morto ao extremo da pena e da palavra, num exemplo raríssimo de fervor e dedicação de uma não ha outro igual em grandeza na nossa pátria.

Qual a ação de Tobias?

Foi indicar à geração nova e à geração velha do seu tempo que havia diante delas um novo mundo de conhecimentos para onde se deviam rumar os homens que não quizessem ficar ancorados nas velhas águas mortas da cultura jurídica.

Foi despertar, no animo dessa gente, a coragem de abalar-se e marchar para a frente, onde o progresso já havia plantado as últimas colunas do Direito.

Foi pregar aos espíritos de boa vontade a concepção culta do mundo que não havia entrado ainda nos umbrais da Academia.

Foi doutrinar, ensinar e praticar o credo advento, que só por meio de um espírito forte e combativo, como o seu, semeador e

resistente, podia arrastar tantos espíritos outros, como arrastou, e mudar de momento toda a feição dos estudos jurídicos no Norte do Brasil.

Foi a influência da sua palavra, foi a sua presença na Academia, fôram as preleções de suas aulas, fôram as suas discussões pela imprensa, fôram as suas orações acadêmicas, fôram os seus arrebatamentos no concurso, foi o seu convívio e fôram as suas palestras com os estudantes — foi tudo isso que fez de Tobias o fundador da *Escola do Recife* e o ídolo da mocidade.

Os velhos professores, com raras exceções, não suportavam mais, nas fundações básicas do seu jurismo, a superestrutura de uma construção recente. Mas a mocidade, esta se constituiu em rebanho do pastor chegado e foi unir-se a êle, na comunhão da ciência nova.

Que mocidade gloriosa ! Que mestre feliz !

Dêle, se não tivess o mérito exponencial, de que foi portador, não se diria, com Ronald Carvalho :

“preparou uma geração de homens fortes no mais alto sentido da palavra” ;

com Licínio Cardoso :

“o que assombra em Tobias é a robustez do mestiço de ascendência humilde repassando e criticando as idéas e os sistemas européus” ;

com Virgílio de Lemos :

“o mais notável e adiantado crítico da língua portuguesa, pela sua profunda e vasta ilustração, percorreu quasi todo o campo da atividade humana, dominando sempre o assunto de que tratava” ;

com Roberto Lira :

“o maior professor de Direito Penal que os nossos cursos jurídicos já possuíram” ;

com o professor Giomenz de Assúa :

“o primeiro crítico de Lombroso no Brasil. Defendeu pontos de vista familiares aos penalistas alemães, desconhecidos, porem, mesmo para os escritores francezes de seus dias” ;

com Clovis Bevilacqua :

"Fez-se chefe de escola, e é a figura maior da escola do Recife".

com Graça Aranha :

"o maior homem do Brasil".

Sem falar em Gumersindo Bessa, Martins Junior e nos outros discípulos e escritores, cada um trazendo a elegia do seu tributo ao extraordinário homem que ele foi.

Extraordinário até em saber suportar o sofrimento.

Ninguém no Brasil padeceu tanta hostilidade e injustiça, ninguém talvez do seu estalão houvesse mais torturada na vida.

A sorte lhe foi de uma ingratidão constante.

Seus inimigos não o pouparam, nem diante da morte.

Só conheceram a pobreza. No seu fim não era mais a pobreza simples. Morreu na casa de um discípulo, com as despesas de enterro custeadas por estranho.

Entretanto, nunca escravizou a sua pena a serviço de interesses.

Era um caráter de bem.

Compensava-se do sofrimento com a satisfação de quem possuía na alma um tesouro, com a coragem estoica de existir para sofrer. E cantou em versos a tragédia de seus dias apressados pela desdita, numa nota final de dôr e conformação, ao morrer :

Relógio da minha vida
Que a desgraça adiantou !
A hora da desdita
Meu coração já souu...
Bate-me o peito, entretanto ;
Dos olhos corre-me o pranto
Cujo amargor é tão bom !
Mas eu choro, oh sorte crua ? !
Também o mármore stá
Também o bronze dá som.

Tobias era a encarnação de um homem de ideal. Quem lêr as suas obras e penetrar-se do espírito que as animou ha de sentir, irresistivelmente, que tudo o que elle disse e escreveu foi o fruto do sentimento profundo de sua convicções e da coragem de arvorá-las perante uma sociedade e um ambiente dominados por outras idéas.

Era preciso a intelligência avançada e Tobias a possuia. Era

preciso o entusiasmo e Tobias o empunhava. Era preciso o temperamento de lutador e Tobias o dispunha. Era preciso a audácia e Tobias a contava. Era preciso um espírito sincero e Tobias o representava. Era preciso, finalmente, um reformador e este surgiu na pessoa de um mestiço originário das caatingas brasileiras de Sergipe.

Foi com o seu ideal de homem de ciência, não por sentido diverso, que ele teve de contrariar os partidários de outra fé.

Quereis a prova de sua sinceridade científica?

Recebeu o positivismo de Comte, mas quando veio a conhecer o monismo de Heckel ficou com este, desprezando aquê, avisando logo que abandonaria a velha bagagem do monismo se outro sistema mais completo se impuzesse à ciência. Assim aconteceu. Passados anos retirou-se do monismo científico heckeliano para outro monismo filosófico mais largo, que disse haver encontrado em Ludwig Noiré. E chegado a esse ponto já se lançava em combinações com a metafísica transcendente de Kant. Atinou com a exata compreensão do que seja a ciência teórica: o instável, o provisório, o precário artifício para explicar o mundo.

Quando uma teoria não mais serve, porque outra vem dar conta melhor dos fenômenos estudados, não ha senão renegá-la pela teoria mais nova. E' o critério científico proclamado por todos os sábios. Tobias já o adotava fundamentalmente nas especulações da ciência e da filosofia, muito antes de H. Poincaré definir a precariedade das hipóteses científicas com estas palavras admiráveis: "Descartes sorria dos jônios, nós hoje sorrimos de Descartes, amanhã os nossos netos sorrirão também de nós".

Tobias procedeu como procedem os legítimos representantes da ciência: mudam de hipótese, de teoria, de sistema.

Não é isso o que se vê?

Hoje não é mais Newton, mas Einstein, quem nos fornece a síntese de universo. Amanhã não será mais — tein... Assim por diante

Tobias tinha razão.

Aí está, brasileiros, em traços inconfundíveis, a figura centenária de hoje.

Ha 50 anos que a posteridade brada por colocar Tobias Barrêto no seu legítimo lugar.

Nenhum nome tem dado mais trabalho a situar-se no seu verdadeiro posto do que o do nosso patricio.

De mulato boêmio e paranoico fôram os titulos que lhe reservaram os que o combateram e combatem ainda, uns, por não conhecerem

a vastidão da sua obra, outros, por não admitirem que da provincia pudesse sair um vulto da sua estatura.

Dos homens notáveis o mais discutido no Brasil até hoje.

Por outro lado, Ronald de Carvalho vem de observar que o mais difficil em fixar as proporções de Tobias é o excesso no elogio ou no vituperio.

Nos nossos dias, porem, tais difficuldades devem considerar-se dissipadas, visto como o conhecimento melhor obtido dos seus escritos e da sua ação, assim como os dados fornecidos pelos que o conheceram e compreenderam a sua prejeção, focalizam em linhas definitivas a verdadeira estrutura dêsse homem singular.

Já não falo dos seus notáveis discípulos, mas Clovis Bevilacqua, relatando ha pouco sobre a cultura jurídica no país, indicou para Tobias um dos oito cimos culminantes da montanha do direito no Brasil, nesta sucessão cronológica de eminências: Silva Lisboa, Paula Batista, Teixeira de Freitas, Candido Mendes, Lafayete, Tobias Barreto, Silvio Romero, Rui Barbosa. (*Aspectos*, n. 15, pag. 17).

Os estudos e as monografias já começam a apparecer, exumando o esquecido. E Hermes Lima nos vem de apresentar, em livro consagrado, como se faz para os grandes homens, a vida do renegado, glorificando o que elle foi.

Está se cumprindo a profecia de Artur Orlando : "A apothecose de Tobias ainda não chegou, mas virá. Virá em glória postuma, que será tanto maior quanto o sol do pensamento brasileiro se achar mais avançado na trajectória do progresso".

A apoteose não vem de Sergipe, mas do Brasil inteiro.

Hoje que na redução do tempo tudo se acabou das lutas do morto, divergências, separações, disputas, prevenções, combatentes, e a historia é chamada a *invenir*, depara-se enormemente grande e cada vez maior o espaço occupado por aquêlê só brasileiro, que só existiu em chamas, estalando forças, pulsando desolado na imensidade da pátria, ou, na comparação de Gilberto Amado, — uma fogueira ardendo no meio do deserto do Brasil.

Não ha melhor exemplo, entre nós, de um espirito vivendo para o pensamento só, despreocupado da materialidade das coisas, abstraído das consequências da sorte, para só buscar o ideal do saber.

Aqui está o voto de uma naturêsa superior, nas suas próprias palavras :

"O desgosto da vida não é mais do que a incapacidade de crear um ideal. Como a ave faz o seu ninho em que se abriga, no seio de um espinho, assim pôde a alma acautelar-se e dormir tranquilla das misérias da vida dentro do seu ideal".

Tipo do sábio desinteressado, que só existe para a ciência, desses que estão desaparecendo pela implantação do novo molde de sábio de que nos fala o autor da *Cidadela*.

Só não podem avaliar a grandêsa dos que têm assim uma existência super humana os que não são capazes de enxergar nos outros as virtudes que não possuem.

Sem esse fogo sagrado do ideal Tobias não teria sido tanto.

O homem desbocado, anedótico, desleixado consigo mesmo, comportando-se a seu modo, que deixava, muitas vezes, a sátira ferina, mas educada, para xingar pesadamente o contendor, que seria dele na história se não fôra essa camada de saibros e de terra rolada pelas torrentes do seu formidável espírito e desgastada pela sua bondade excelente de coração ?

E' preciso penetrar bem no sentido e na alma de Tobias para se convencer de que êle tudo o que fez nêsse gênero não foi por maldade de natureza mas por explosão do seu temperamento largo e combativo. A luta é o meu elemento, dizia êle sempre. E' preciso notar ainda que era uma alma assediada por injustiças sem conta, recebendo sem cessar todos os golpes do destino e todos os insultos da humilhação, pela sua côr, pela sua origem obscura, pela pobreza peregrina da sua vida.

Tudo, então será perdoável e assume um ar de legitimidade e de graça nas manifestações exquisitas do que êle foi.

E' preciso conhecer Tobias nos seus livros, porque nêles é que se encontra o seu espírito e se esbarra com o seu caráter.

O govêrno Graco Cardoso foi patriótico mandando publicar a edição de Sergipe. Patrióticos serão os demais que imitarem êsse gesto, facilitando aos brasileiros o conhecimento de tão grande patricio.

E' a compensação do insignificante Sergipe o tamanho dos seus espíritos poderosos. E' a reparação da sua _____ldade geográfica e política. E' o consolo do pequeno a inteligência que empresta ao grande.

Nada mais resta que nos inclinarmos diante da sua memória e dizermos para êle :

Mais não podíamos dar e não demos ainda.

Os nossos maiores não fôram mais.

Tenho para os Ilustres representantes do Estado de Pernambuco, palavras destacadas do maior reconhecimento e comoção da sua presença entre nós, nesta hora.

Sinto acordar-se a passagem de Tobias Barrêto pela Faculdade

do Recife. Como que revêjo, na recordação do passado, o Templo onde êle pontificou acrecido dos seus professores ilustres e da mesma e vibrante mocidade daquela quadra imortal.

O Brasil é um só na unidade da sua terra e no coração dos brasileiros.

Mas de Sergipe para Pernambuco as afinidades irmãs crearam sentimentos próprios, que é preciso exaltar na sucessão do tempo.

Recife foi a glória de Tobias, o cenário do seu apostolado espiritual. Recife guardou o seu corpo nas entranhas do chão, de onde fomos buscar as cinzas que restavam para fazer com elas as relíquias do nosso culto. Recife é uma evocação querida para nós, quando já não fôsse o primado da cultura e do heroísmo no norte da pátria.

Recife, estou vendo, sabe prezar a memória do seu maior discípulo com o mesmo carinho nosso sergipano, e, vós, sr. professor dr. Joaquim Amazonas, nos viestes trazer, com a vossa presença e a vossa palavra, a admiração do vosso e do nosso Pernambuco pelo Tobias de nós todos brasileiros.

E vós, srs. estudantes do Recife, nos viestes despertar a alma vibrante dos moços da vossa gloriosa Escola nos tempos agora lembrados.

Mocidade ! Sergipe não vos esquecerá. Não se deslembrará jamais de que fostes vós o conforto moral único do sergipano nos seus dias aflitos de luta, a exclusiva força que êle contou, depois do seu formidável espírito, para sustentar-se de pé diante de um ambiente ingrato.

Fôram as vossas orações, os transbordamentos vossos, a estrepitosa loucura dos versos pronunciamentos, o fanatismo vosso por aquêle Messias profano que lhe deu a sublimidade de sair de um concurso rolado nos vossos braços como um triunfador.

Vós tudo mereceis de nós. Que a nossa amizade, além de brasileiros, sêja cada vês mais sentida e próxima, da com êsse elo que Tobias foi lançar entre o nosso e o vosso Sergipe, entre o vosso e o nosso Pernambuco.

DISCURSO

pronunciado pelo dr. Joaquim Amazonas, em 7 de Junho de 1939
na solenidade do Instituto dos Advogados de Sergipe

Sr. Presidente

Srs. Membros do Instituto dos Advogados de Sergipe

Antes de tudo. Antes de iniciar a leitura das ligeiras, porém, muito sinceras linhas que escrevi, de momento, para esta solenidade, — quero expressar o meu profundo agradecimento, a minha grande emoção, pelo vosso gesto, pela honra que me conferiu este Sodalício, elegendo-me seu sócio honorário.

Elegestes, Senhores do Instituto, não a mim, que pouco sou e nada valho, mas àquele que veio, em nome de Pernambuco, tomar parte nas festas comemorativas do centenário do nascimento de Tobias Barreto de Menezes !

Elegestes, portanto, a Pernambuco, ao meu querido Estado, não a mim : quizestes honrá-lo, na minha pessoa, e por isto mesmo mais me honrastes e distinguistes.

Senhores, o meu profundo agradecimento, com os votos que Pernambuco faz, pela vossa prosperidade, e pela de vosso Estado.

Sr. Presidente,

Exmo. sr. representante do dr. Interventor Federal,

Minhas Senhoras,

Meus Senhores :

TOBIAS BARRETO DE MENEZES, ou melhor, TOBIAS BARRETO, simplesmente ! Como é alegre reviver os mortos !!

Ha um século hoje do seu nascimento, e ele, morto ha cincoenta anos, revive, cada dia maior, porque só de perdas como a d'ele bem se conhece o que se perdeu em se perder ! Porque só com o decorrer do tempo, que passa, veloz, passadas as afirmações exageradas, passadas as acusações, o mérito real fica aferido e pesado, na justa medida.

Apenas, com Tobias, polemista ou jornalista, poeta ou crítico, orador ou jurista, filólogo ou filósofo, em qualquer hipótese homem de ação, o cadinho do tempo e da história, desaparecidos os exageros, faz avultar hoje mais brilhante o cristal puríssimo do gênio e do saber.

Estudar Tobias Barreto, e dizer com justeza, em poucas palavras, de seu gênio e de seu saber polimórficos, seria pretensão estulta, dificuldade, impossibilidade invencível. E, assim, ter-me-ei de contentar em aflorar o assunto magno.

Não quero, de modo algum, exceder-me na apreciação da individualidade do grande alemanista, tal o seu carinho pelos estudos germanicos, tal o seu conhecimento admirável da língua e da ciência alemãs. Nem direi de sua cidade natal, nem de sua vida, como decorreu, bastando-me salientar que foi uma luta incessante do nascer ao morrer.

Era, aliás, natural que assim succedesse àquêle para quem a vida, como o direito, era e será sempre a luta. Não foi impunemente que êle começou os seus estudos da sabedoria alemã pelo conhecimento de Rudolf von Ihering.

Ha poucos anos, em Março de 1933, se completaram cinquenta anos da primeira aula de Tobias, na Faculdade de Direito do Recife para a qual ingressara, como professor substituto, em fins de 1882, apresentando em Março seguinte o célebre programma que foi o toque de reunir, a declaração do estado de alarma da velha ciência das setentas e do compêndio, que as Faculdades do Brasil haviam recebido de Coimbra.

E um sopro de revolução emocionou a mocidade da escola, um arrepio de medo, um clamor de vida, de vitória e de glória, um fremito e ansia de novidade, empoigou a geração estudiosa da década de oitenta, já trabalhada, já influenciada, na literatura, mas principalmente na poesia, pelo movimento renovador, aparecido com Tobias e Castro Alves, ainda estudantes, impondo aos meios a já vencedora poesia condoreira.

Nem se diga que Tobias, poeta, foi somente condoreiro, porque, de fato, não estão aí as suas melhores produções. Eu o prefiro poeta da natureza e, até, quando lírico.

Passemos o poeta. Passemos o polemista. Passemos o jornalista. Passemos o crítico. Passemos por todas as figuras em que êle, muitas vezes impessoal, foi a mór parte talvez excessivamente pessoal.

E vejamo-lo por aquelas outras facetas em que, verdadeiramente, realmente, mais avulta a sua individualidade extraordinária.

Professor de Direito, TOBIAS BARRETO foi a força poderosa que introduziu em sua escola os novos métodos. Foi ele quem na cátedra falou primeiro em Kant e Ihering ; em Darwin e Haeckel ; em Post e tantos outros nomes desconhecidos entre os moços, acostumados, quando muito, à indicação, como tabús, de alguns nomes francezes : Pothier, pontífice, e, raramente, Troplong.

E aí terminava a bagagem jurídico-literária da época, pois que dos autores alemães, só Savigny, e bem pouco, nas traduções francezas existentes.

A transferência da Faculdade de Direito de OLINDA para o RECIFE, em 1854, foi o início do fim das sebetas colimbras trazidas pelos primeiros professores, como fiz ver no cincoentenário do professorado de Tobias ; porém a substituição pelo compêndio oficial nada adeantou, de modo que, em 1883, quando Tobias apresentou o célebre programa, extra-compêndio, o abalo produzido foi formidável.

E a projecção do fato, fóra de Pernambuco, revolucionou o ensino de Direito no Brasil. De S. Paulo, de todas as provincias do Império, vieram discípulos a ouvir a palavra do mestre, a boa nova da ciência nova, levando a todos os quadrantes do país a semente que tão facilmente medrou, na seiva opulenta da intelligência brasileira, da filosofia nova do direito novo, que espontava da escola e do ensino de Tobias.

As suas admiráveis lições de filosofia do Direito, em que, primeiro no Brasil, enquadrou o homem na natureza ; em que afirmou ser a sociedade a categoria do homem, como o espaço a dos corpos ; em que negou a existência da sociologia — ~~em que afirmou~~ — em que afirmou ser o direito o produto da cultura humana ; e outras e outras, — são páginas que não passarão jamais, e cada dia mais se afirmarão de modo evidente, ainda mesmo quando algumas não possam, hoje em dia, ter fóros de verdade.

Mas TOBIAS era um crente absoluto da evolução e, assira, ele mesmo não pretendeu nunca dizer coisas eternas, mas a verdade como ele a entendia na época de sua atuação.

Não somente na Filosofia do Direito : as famosas QUESTÕES VIGENTES, entre as quais o estudo de uma nova concepção do Direito ; as magníficas preleções de Direito Público Brasileiro, hoje fóra de cogitação, com a mudança do regime governamental, em 1889, mas que terão sempre, inquestionavelmente, ao par da concepção sábia, a função de ensinar superiormente a história do Direito constitucional do país, daquela época ; a genial dissertação sobre

o DIREITO AUTORAL, nunca superada por qualquer outro jurista-filósofo; os esplêndidos capítulos sobre a história do Processo Civil; — são bem obras imperecíveis do gênio de Tobias Barreto, páginas inapagáveis, onde há e haverá sempre muito que aprender.

Onde, porém o Professor e o Jurista mais avultaram, foi na concepção e no desenvolvimento do programa célebre, e de curso de Direito Criminal, quando foi o maior exegeta do CÓDIGO de 1830, professando trinta e uma lições teóricas, antes de iniciar o comentário a essa lei.

E então se ouviu falar em antropologia criminal, em ciência do criminoso, em delinquente nato, em hereditariedade criminal, e n tantas outras afirmativas que passavam, até ele, como heresias, e como crime ensiná-las, — serem tidas como coisas sérias e dignas de consideração e estudo.

Entre outros, os capítulos sobre o conceito do crime, sobre os crimes commissivos praticados por omissão, sobre a tentativa, sobre o concurso de penas, — são páginas que nenhum criminalista deverá jamais deixar de ler e de rler, de meditar e muito, porque serão sempre atuais, sempre necessário conhecer. E como coroaamento, esse preciosíssimo opusculo: MENORES E LOUCOS.

Honremos ao Professor e Jurista, honremô-lo, mas passemos ao filósofo eminente, que atingiu a culminancia maior entre todos de seu tempo, no Brasil, e até seu tempo e mesmo, por muito, depois de seu tempo.

Leiamos essas páginas admiráveis e teremos de confessar, mesmo quando em absoluto discordemos de sua filosofia, e de sua crítica, que foram escritas com um profundo conhecimento da matéria, com um estudo levado ao extremo de todas as concepções, e com o desejo ardente de atingir a uma verdade que, continuamente, fugia, e traz à qual, audaciosa e vigorosamente, ia ele ao encalço.

O próprio seu pendôr para as discussões religiosas, para a crítica às religiões, o que seria senão a manifestação da dúvida sobre a verdade, sobre a realidade do incognoscível, ou do que será depois da morte?

Dúvida, dúvida cruel, que levava o grande lutador a batalha incessante, em todos os momentos de sua grande vida, sempre buscando fortificar-se em seu entendimento das coisas, em sua filosofia, em sua concepção monística do fenômeno universal.

Dúvida que o levava à liça com as armas formidáveis de uma lógica, cerrada e forte, ao encontro de homens, como ele grandes pela inteligência e pelo saber, — ou com a mordacidade, com a fereza, com a impiedade do ridículo, contra empavonados da inteligência, e do saber, que não tinham, se apresentando grãz senhores da filosofia universal, pobres pigmeus a quererem se medir com o gi-

gante, que fôra o mestre de si mesmo, antes de se fazer o da geração que leve a dita de conhecê-lo.

Não quero, Senhores, abusar mais de vossa generosidade, ouvindo toscos, conceitos sôbre o famoso sergipano, cujo primeiro centenário do nascimento, o Brasil, com Sergipe à frente, hoje comemora.

A feição desta solenidade não m'o permitiria.

Depois disto, resta-me somente dizer-vos, nesta casa dos homens do saber jurídico de Sergipe, que o Estado de Pernambuco e seu governo enviando-me e aos alunos meus companheiros de embaixada a esta cidade, me encarregaram de vos dizer a abundancia d'alma com que Pernambuco inteiro, se associa a esta comemoração ; que a Faculdade de Direito do Recife, onde Tobias foi o grande mestre, sempre lembrado, recorda com emoção a grande figura de Tobias, por ocasião do centenário de seu nascimento ; que o Instituto dos Advogados de Pernambuco, que a Secção da Ordem dos Advogados do Brasil, naquêlê Estado, são também guardas intemeratos da memória de TOBIAS BARRETO DE MENEZES, aqui estando todos para renderem ao mestre a sua homenagem comovida !!!...

DISCURSO

pronunciado pelo Dr. Joaquim Amazonas, na sessão solene da
Congregação do Ateneu Sergipense, de 5 de Junho de
1939, comemorativa do 1.º Centenário do nascimento
do Dr. Tobias Barrêto

Sinto-me feliz, muito feliz, Meus Senhores e Professores. Sinto-me feliz, muito feliz, de ter recebido, e de ter aceito a incumbência de vir a Sergipe, representando o meu querido Estado de Pernambuco, a minha Faculdade de Direito do Recife, e outras instituições culturais da minha terra, onde foi Professor **TÓBIAS BARRETO DE MENEZES** !

Sinto-me feliz de encontrar-me no meio de Professores e alunos dêste **ATENEU SERGIPENSE**. Professor hoje, já fui aluno, lembrando-me sempre de meus velhos mestres, dos quais continuarei sempre aluno; lembro-me sobretudo, de três dêles. O primeiro, um pobre professor público do curso primário, municipal, que era a encarnação vida do mestre, bom e dedicado, a quem me ligou uma amizade continua e comovida, até sua morte ; o segundo, um diretor de colégio, quando fazia eu o curso secundário, homem, de quem disse sempre não ter conhecido, até hoje, coração maior ; e o terceiro, professor de Direito, na minha Faculdade, discípulo dos ensinamentos de Tobias, saber profundo, caráter inamolgável. Dêste, dizia-se que era intratável, que nem mesmo se dava ao cuidado de cumprimentar alguém, de tirar o chapéu ao entrar na Faculdade ; mas, não ; que era um grande coração, além do grande saber de Direito, professor que sabia inculcar no espirito do aluno o gosto e o desejo imenso do estudo. Miope ao extremo, quasi cêgo, e d'aí, talvez, aquêles ar de profunda tristeza que se lia na sua fisionomia.

Eram êles : Luiz Felipe de Carvalho, o primeiro ; Manuel Sebastião de Araújo Pedrosa, o segundo ; Adelino Antônio de Lana Freire Filho, o terceiro... nomes que jamais esquecerei.

Aluno que fui amigo de meus mestres, — mestre, sou amigo de meus alunos. Professor de um curso superior ha trinta anos, na verdade exerço o magistério ha quasi quarenta, pois, que, aluno ainda do curso secundário, já era Professor de matérias dêste.

Acostumei-me, por isto, dêsde cêdo, a estudar a organização do ensino no Brasil, cada ano, cada dia, mais contristado, por ver a relegação dêsse problema do curso secundário, a um plano secundário !

Ingressando como Professor na minha Faculdade, fui destacado desde logo para servir como seu representante no CONSELHO SUPERIOR, depois NACIONAL DO ENSINO, e hoje NACIONAL DE EDUCAÇÃO, instituição em que servi durante vinte anos, com ligeiras interrupções, e onde pude bem acompanhar a série de reformas que se multiplicaram, trazendo a todo o país uma continuidade de desilusões, e que não fizeram senão tornar cada vez mais precário o estudo fundamental, porque tiveram sempre por fim acumular quantidades insuperáveis de matérias, seis, sete, oito, em cada série do curso primário, os mesmos números e até onze em série do curso secundário, com mudança de livros, de sistemas cada ano.

E' demais ; e por isto mesmo não vale esse ensino coisa alguma, os resultados reais sendo deploráveis, como se apura nos concursos de habilitação ou ingresso nas Faculdades superiores, muitos, para não dizer a maior parte, dos alunos, não sabendo mesmo escrever a língua portuguesa, a nossa língua, tão bela e tão rica de preciosidades literárias.

Não foi assim que estudaram e aprenderam os nossos mestres. Não foi assim que aprendeu Tobias. Eles fizeram o seu curso fundamental de maneira diversa, estudando realmente. Naquella época, não havia exames por decreto, ou de aprovação em massa, de matérias nunca lidas, por motivo de epidemias, ou por outro qualquer mais inconfessável ainda.

E é porque se degradou assim o ensino secundário, que o Brasil, depois de ter subido altas cumiadas da inteligência e do saber humano, desceu até onde o vemos hoje. Mercantilizou-se o ensino; o que se quer é, somente, chegar ao fim do curso : obter o pergaminho.

Por isto, podemos perguntar : onde estarão os novos Teixeira de Freitas, Nabucos, Ruiz e Tobias ? E porque isto, senão por falta dessa base elementar, que é o conhecimento do curso fundamental ou secundário, para os estudos superiores ?

Quando se não dá à mocidade um ensino fundamental bastante toda nação declina em seu poder, e em sua prosperidade, como na influência que poderá ter entre as outras. Dar à mocidade esse ensino com eficiência, é engrandecer a nação, é aproximá-la dos povos superiores pela cultura. E' também aproximar mestres e alunos, fazendo-os amigos e colaboradores da grandeza do país e da civilização.

Aqui, ouvindo hoje, pela segunda vez, falar um aluno deste Ateneu, tive o prazer imenso de verificar que se está ensinando o quanto é possível e preciso se ensinar o curso fundamental; saudou-me esse rapaz, pela manhã, em belo improviso, quando inesperadamente cheguei a aula, que funcionava, da cadeira de Física, e agora, nesta sessão, acaba de cantar um hino de glória a Tobias Barreto, no discurso

que leu, revelando não passar pelas aulas dêste Ateneu sem estudo e muito estudo, apressadamente, somente para ter o certificado de fim do curso, demonstrando que, neste estabelecimento, se ensina realmente, pelo menos a se dizer bem, e em português legítimo, o que se sente.

E quanto professor, quanta gente, no Brasil, hoje em dia, que se diz cientista, que nem mesmo sabem escrever a língua ! Quantos ! E' que por toda parte, no país, se relegou a plano mais que inferior, os estudos clássicos, ... por imprestáveis ou desnecessários. Não se estuda, ao menos, o Latim. E sem este não se saberá jamais o português. Não se ensina hoje, é a regra, senão para passar em exame, por média, que Deus sabe como conseguidas, na maioria.

E' preciso voltar atrás, aos estudos clássicos, para que se possa, para que possa o Brasil voltar ao seu antigo fastígio, para que os nossos homens, os nossos Professores recomencem a subir a encosta e atinjam novamente às cumiadas da ciência, dando nome ao Brasil, refazê-lo um país grande pela inteligência incontestada de seus filhos, mas sobretudo pelo saber.

Nenhum país do mundo é grande, senão quando a generalidade dos homens tem uma sólida educação fundamental ; e, d'aí, essa necessidade do ensino secundário de forma seria, não consistindo somente em passar os exames das várias matérias.

O desastre do ensino no Brasil vem da falsa compreensão, que se tem tido do que seja a LIBERDADE DE ENSINO. Foi e é ainda compreendida, para os Professores, como LIBERDADE DE NÃO ENSINAR ; para os alunos, como LIBERDADE DE NÃO APRENDER. Quando o verdadeiro e legítimo significado do princípio deve ser OBRIGATORIEDADE PARA O MESTRE DE ENSINAR LIVREMENTE, OBRIGATORIEDADE PARA O ALUNO DE APRENDER COM LIBERDADE. Compreenda-se isto, e será já um grande passo para a reforma necessária.

Não será fácil, porém, essa reforma. Os pais, hoje em dia, querem somente que o filho passe e chegue ao fim, vão pessoalmente, carregados de cartas, em procura dos examinadores, se empenhando pela aprovação dos filhos ; outros mudam o aluno de colégio, ... si não lhes garante o mesmo a aprovação do filho. Vergonha das vergonhas !...

O país terá de voltar ao tempo antigo, ao ensino clássico, si quiser salvar a sua civilização ; e todos nós brasileiros devemos reagir e concorrer para este grande fim.

Demos, senhores professores, ao país, novos Tobias ; e o Ate-

neu, dêste SERGIPE de onde saiu Tobias, poderá crear os novos 'folhas, de que carecemos. Esse rapaz, que acaba de cantar tão belo hino ao grande sergipano, é uma prova.

As minhas saudações, as do Governo do meu Estado, da minha Faculdade de Direito, do Instituto e da Ordem dos Advogados, Secção de Pernambuco, ao ATENEU, ao Exmo. Sr. Dr. Interventor, aos alunos dêste instituto de ensino, à sua douta Congregação, ao Estado de Sergipe !

TOBIAS BARRETO FILÓSOFO E JURISTA

(Conferência pronunciada pelo rotariano Leite Neto na sessão de 7 de junho de 1939 do Rotari Club de Aracajú).

Meus senhores:

Sugestivo e empolgante foi o tema que me destes para uma dissertação por maior em torno da personalidade de Tobias Barreto, vulto inconfundível na história do direito, da filosofia e das belas letras no Brasil. Tobias foi um martirizado pelo ouzio de uma sociedade intelectual super-excitada por um mizoneísmo que beirava às raias do fetichismo científico e filosófico. O traço característico do nosso homenageado foi o seu espírito combativo. Lutou enquanto viveu e viveu enquanto pôde sustentar a arma que em suas mãos adquirira um valor admirável: a pena a serviço da verdade, do belo e do bem.

Diz-se-ia que tão intensa foi a luta por ele travada, nos campos de batalha do pensamento humano, que inda hoje se ex-acerbam as opiniões dos críticos e historiadores, no traçar o lugar que lhe compete na marcha evolucionar do pensamento contemporâneo.

Senhores: Eu bem sei que a história, no dizer do filósofo Vitor Cousin, "é a pedra de toque que desgasta o erro e faz brilhar a verdade". Mas, infelizmente, em torno à personalidade de Tobias Barreto, cuja obra sobremaneira vasta e complexa, exige do analista uma multiplicidade de conhecimentos, a ~~an~~ a tendências, eu me abalanco a vos dizer e re-dizer, que ela inda não foi suficientemente estudada à luz da crítica científica e filosófica, crítica que analisa com percuciência e ao cabo reconstitue a obra numa síntese harmoniosa e feliz. Bem poucos intelectuais brasileiros foram tão ultrajados quanto Tobias, a ponto de se lhe encobrirem as qualidades evidentes por si mesmas, qualidades que lhe ressumbram das obras com a certeza matemática dos axiomas. Mas, por igual, nenhum pensador brasileiro, de Mont'Alverne a Soriano de Sousa; de Miguel Lemos a Teixeira Mendes, Silvio Romero e Fausto Cardoso, e, finalmente, de Farias Brito a Jackson Figuerêdo, para citar somente as culminâncias da filosofia no Brasil, nenhum foi tão feliz quanto Tobias, que, encontrou a voz autorizada de Silvio Romero, a espalhar pelos quadrantes deste país, com entusiasmo jamais sobreexcedido, o valor excepcional de suas produções literárias filosóficas e científicas.

Tobias, apedrejado por uns e endeusado por outros, dá-nos a idéa das mutações bruscas do mais infinito para o menos infinito das variações trigonométricas. Eu bem sinto, senhores, que me haveis de ouvir com certo pasmo, a afirmação sobre ouzada pretenciosa, de que o filósofo de Escada inda não foi suficientemente estudado. Mas, por desfazer qualquer equívoco, eu me apresso em vos esclarecer os motivos determinantes de tal juízo. Penso que os grandes vultos da ciência, da filosofia e das letras, continuam pelo tempo a fóra sendo alvo de estudos originaes. Mas a verdade só se manifesta, quando ha tempo sufficiente para uma estratificação das opiniões alicerçadas na crítica científica. Isto no campo da ciência, sistematização de conhecimentos, complexo de relações; isto ainda no campo da filosofia, explicação do inexperiencial, visão panoramica de todas as ciências, ou como querem os tomistas: ciência das causas supremas dos entes, descobertas pela luz natural da razão. As criticas feitas a Tobias filósofo e jurista, são forças desagregadoras que ao revez de se comporem numa resultante, antes se dispensam no maremagnum das paixões, orientadas ao sabôr filosófico de cada um. Tenho como certo que Silvio Romero, influenciado pelo espírito de revolta contra a injustiça, exagerou a valia da obra tobiática. Mas por corrigir este exagero surgia outro inda mais condenavel. Já me não quero referir aos criticastros de campanário, que, ainda quando vivia o filósofo, lhe moveram uma terrível campanha, insuflada pelos ardores incontidos de uma vaidade acossada pela petulancia e afuroada pela ignavia. Quero, porém, consignar a minha tristeza, mesmo a minha decepção, ao vêr que um homem do porte mental de Leonel Franca, justo orgulho do pensamento nacional contemporaneo, escreven de Tobias estas palavras:

“Tal foi o filósofo: estátua pequena para o grande pedestal que lhe erigiu a posteridade não andou errada condenando-lhe as obras ao olvido, passados apenas 30 anos de sua morte”.

(Noções de história da Filosofia-pag. 245)

Como se equivocou o insigne jesuita ! Tobias inda hoje é lido com sofreguidão por todos os cultores do direito e da filosofia no Brasil. Se é verdade que algumas das suas teses, teoremas, hipóteses e demonstrações, hoje já se não compadecem com o estado actual dos conhecimentos humanos, assim na seara da filosofia como no campo mais restrito da ciência jurídica, contudo, o valor histórico da obra de Tobias, cada vez mais se evidencia aos olhos dos eternos perquiridores do como e porque das cousas.

A ciência não se constroi com exclusivismos, nem appareceu entre as creações fundamentais da humanidade como um fruto do acaso

ou de geração espontânea. A ciência é uma longa e tenaz paciência, cujo último desiderato é a conquista da verdade. E se Tobias merece o culto de nossa admiração é pelo haver tentado e pertentado dilatar os horizontes dos conhecimentos humanos. Ele não se eximindo às contingências humanas errou algumas vezes, mas, ainda na perpetração de erros, foi digno de respeito porisso que sempre foi sincero. "Antes de tudo, e sobretudo, devemos ser sinceros. Não se torce impunemente a verdade; tarde ou cedo ela toma o ascendente; e a inteligência aliviada do peso dos prejuízos, como um galho tenro de árvore, onde pousava um abutre, procura a posição que lhe é natural". Estas palavras escritas por Tobias em outubro de 1871, e que bem revelam o amor que ele tinha à verdade, justificam plenamente as homenagens que o Brasil intelectual lhe está prestando. Tinha razão Ingenieros quando afirmava que "os maiores engenhos humanos são dispresíveis se não põem o seu engenho a serviço da verdade". Apenas gostaríamos de acrescentar às palavras do robusto pensador platino, este complemento: "ou do que se lhe afigura ser a verdade".

Sim, porque as verdades científicas e filosóficas são relativas e condicionadas ao progresso perene das investigações humanas.

Quem perlustra a história da filosofia ou da ciência adquire o senso da tolerância. A verdade de hoje poderá ser erro no amanhã da ciência. O prestígio de Hipócrates cedeu ao de Galeno fundador da anatomia; o de Cuvier e Bichat ao de Claude Bernard fundador da medicina experimental; este último fisiologista, apesar dos lampejos de génio que lhe iluminaram a inteligência, foi parcialmente eclipsado pela aureola de glória que cercou o nome de um seu discípulo: o grande Luis de Pasteur. E a história se repete nas outras esferas dos conhecimentos humanos. Sócrates de quem disse Platão, pela boca de Critão "que foi o melhor dos homens do seu tempo e ainda o mais sábio e o mais justo de todos os homens", que ficou na história da filosofia como o símbolo humanado do amor do bem e da verdade, fez afirmações que hoje já se não podem sustentar. Nem por isso o seu valor intelectual ficou diminuído aos olhos dos amigos da sabedoria.

Idêntica afirmação poderíamos fazer de referência a todos os expoentes da filosofia: De Platão e Aristóteles a Santo Agostinho e São Tomaz; de Descartes e Spinoza a Bacon e Lock; de Kant e Schopenhauer a Comte e Spencer; de William James e Bergson a Keiserling, nenhum se eximiu à mais terrível condição humana: o erro! Mas isto não constitui motivo plausível para que lhes invectivemos a memória com adjetivos depreciadores. O que se tem a fazer com os grandes engenhos da humanidade, é lhes aproveitar a parte dura-doura da obra, fazendo-lhes justiça no apreciar o efêmero e passa-

geiro. Devemos respeitar os esforços titânicos que as grandes celebrações da humanidade fazem por lhe melhorar o destino e o sentido. O caso de Tobias é semelhante ao de Camões. O imortal cantor dos Luziadas de quem disse Tobias, que era o único busto não estragado na vasta galeria dos heróis portugueses, viveu dias de excruciante amargura e pobreza. Também o notável fundador da chamada escola filosófica do Recife, já no ocaso de sua existência atribulada, escreveu a Silvio Romero estas palavras repassadas de tristeza: "Estou reduzido às proporções de pensionista da caridade pública". Mal sabia o nosso filósofo, que estas palavras repassadas de amargura e ungidas no fêl da ingratidão, representavam o preço por que adquirira o título de invejável glória intelectual. Já houve quem dissesse, com voz profética, a propósito da morte de Sócrates: Infelizes os que ensinam aos homens mais coisas do que eles podem aprender. ... "Eu gostaria de modificar": Felizes os que ensinando aos povos mais coisas do que eles podem compreender no momento, são por isso martirizados em nome da ciência e da sabedoria, porque deles será o reino da glória e da imortalidade. Tal foi Tobias Barrêto de Menezes, nascido a 7 de Junho de 1839 e falecido a 26 de Junho de 1889, exatamente quando a sua formosa inteligência, fertilizada por uma erudição invulgar, estava aparelhada para produzir obras filosóficas de longo fôlego. O que nos deixou, porém, é penhor seguro de que o seu nome jamais se deifirá na memória dos intelectuais brasileiros.

Senhores:

Não ha erudição associada a grande poder de síntese que basta para enquadrar no estreito âmbito de uma conferência a complexa obra filosófica e científica de Tobias Barrêto. Só os néscios e insensatos poderiam se aventurar a empresa tão arriscada e improbada. Mas, por — ~~ver~~ — a impossibilidade do empreendimento com os anseios desta sociedade, hei resolvido fazer uma ligeira excursão de dileitante através de alguns escritos do filósofo jurista, relanceando-lhe panoramicamente, alguns dos aspectos mais interessantes da obra portentosa. Silvio Romero fazendo um relato das atividades de Tobias, deu-nos a conhecer em ordem cronológica as principais produções por este publicadas desde 1862, quando saiu a lume a sua delicada poesia — A Vista do Recife, até a celebre polémica travada com o dr. José Higino em 1888 e 1889, quando também foi publicada a 2ª edição dos Ensaios e Estudos. Para se aquilatar da fertilidade intelectual deste escritor, é bastante salientar que as suas produções literárias, filosóficas e jurídicas foram reunidas em dez alentados volumes, mandados publicar por Graco Cardoso ao tempo em que presidiu o Estado de Sergipe. Deixemos, porém, estes por-

menores já sedições e façamos a apreciação panorâmica de alguns dos escritos do mestre. Relanceemos "Os Ensaios de Filosofia e Crítica", publicados em 1875. Ai se compaginam diversos estudos de ordem varia: crítica de filosofia e religião; crítica literária e afinal crítica musical. Ao cabo de uma simples inspeção infere-se a complexidade dos assuntos que serviram de objeto às excogitações do pensador brasileiro. O primeiro estudo da série filosófica tem um título sugestivo: "A ciência da Alma ainda e sempre contestada". O insigne pensador, com apenas trinta e um anos de idade, desfecha as suas baterias contra o ecletismo francês de Vitor Cousin, Vacherot e Teodoro Jouffrey. Esta escola filosófica, parte do princípio de que o erro é uma verdade incompleta, chegando por vezes a conclusões contraditórias. Efetivamente esta escola acoberta uma série de erros, que bem ponderados, justificam em parte as objeções que lhe fez Tobias. Poderíamos dizer em linguagem vulgar que o ecletismo filosófico é semelhante à mão de São Pedro: nem no céu nem na terra". Propugna o espiritualismo, mas... o ateísmo é um erro e todo erro é um princípio de verdade, logo... o ateísmo não é inteiramente falso... Outro golpe de montante desfechou Tobias sobre o espiritualismo: "O espiritualismo ha-de ainda longo tempo achar ressonância no fundo obscuro da ignorância geral.

Não é menos exato que a filosofia corre o risco de tornar-se uma coisa pouco séria e indigna da atenção, se persiste em suscitar e resolver do mesmo modo as questões do costume" (Filosofia e Crítica, pag. 4). Tempo houve em que me solidarizei inteiramente com esta opinião do mestre. Hoje, porém, já me vou inclinando a acreditar que espiritualismo e materialismo são tendências filosóficas, que coexistem desde os alhores da filosofia até os nossos dias. Não consegui atinar porque Tobias não foi um admirador da filosofia grega e porque falava com desdém de Platão e Aristóteles. Talvez influenciado pelo tempo e o meio em que atuava. Necessitando imperativamente atacar de frente o velho e carcomido mizoneísmo de espíritos retrogrados e intolerantes, arvorados em doutores do templo do direito, Tobias, inflamado em ira divina, de azorrague em punho enxotou os vendilhões, mas, infelizmente, sem o perceber, atingiu de cheio algumas das maiores glórias do engenho humano. E dentre estas figuravam alguns representantes do espiritualismo, e, acima de todos em lugar destacado o evangelizador da humildade científica e filosófica. Sócrates que à humanidade legou esta memorável lição: "Só sei uma coisa e é que nada sei". Mas, volvamos ao trabalho de Tobias e oijamos-lhe uma pergunta digna de atenção: "Quais são presentemente os dados inegáveis da ciência da alma"? Ora, senhores, se Tobias não acreditava naquela alma de que falam os tomistas: "princípio primeiro pelo qual o homem vegeta

sente e entende", porque não derivou a questão para o campo fértil da psicologia experimental? A razão vamos encontrá-la neste mesmo estudo, quando Tobias, devido às deficiências do intercâmbio cultural faz uma afirmativa que se nos afigura pouco feliz: "A psicologia me parece condenada, por sua natureza, a não ter um voto, sequer, no grande consêlho das ciências". Esta afirmação é tanto mais para lamentar, quanto sabemos que a psicologia é hoje uma ciência em pleno florescimento e já ao tempo de Tobias era cultivada por espíritos de pról.

Neste passo foi mais feliz o filósofo norte-americano William James, contemporâneo do nosso pensador e que, depois de se aprofundar nos estudos de anatomia e fisiologia, conseguiu ser um dos mais fulgurantes adeptos da psicologia, chefiando uma escola filosófica que inda hoje exerce influência ponderável nos arraiais do pensamento contemporâneo. Segundo se infere do pensamento de Tobias Barrêto, para que a psicologia merecesse as honras de ser classificada como ciência, fôra mistér que ela esclarecesse e devassasse todos os mistérios que circundam e envolvem a alma humana. Mas a esta objecção do insigne pensador, poderíamos responder com vantagem, afirmando que a ciência não suprime o mistério e "por mais que progrida não consegue senão recuar-lhe os limites". Henri Poincaré, um dos pontos culminantes do pensamento científico contemporâneo, escreveu com a probidade científica que tanto o enalteceu, estas palavras que servem para fechar com chave de ouro as ligeiras observações que vimos fazendo derredor de um dos escritos de Tobias Barrêto: "Por mais longe que a ciência leve as suas conquistas o seu domínio será sempre limitado. Ao longo de todas as suas fronteiras flutua o mistério e quanto mais essas fronteiras fôrem afastadas, tanto mais extensas serão". Agora vejamos por derradeiro um traço elogiável do pensador sergipano. Ele não acreditava na infalibilidade de seus conhecimentos — a possibilidade de erro, até de referência ao que supunha ser a verdade fundamental da ciência. E' que o grande pensador nacional, compreendeu a verdade proclamada pela filosofia perene e defendida com exaltação pela ciência moderna: A relatividade dos conhecimentos humanos. Já vos afirmei e ora vos reafirmo, que seria tarefa de estulto o sintetisar a obra de Tobias, numa simples palestra com prazo pre-fixado e exíguo. Fiz apenas a tentativa de vos entremostrear a grandiosidade mental d'êste gigante do pensamento indígena.

Deixemos, pois, o notável conhecedor dos grandes sistemas filosóficos da humanidade e relanceemos uma facêta inda mais interessante do extraordinário talento e da monumental cultura de Tobias Barrêto. Vejamos Tobias jurista. Antes, porém, por correção de uma injustiça, urge sêja aberto um parentêsis dentro no qual, que-

temos prestar um esclarecimento em torno do entusiasmo, que o pensador sergipano tinha pelos estudos alemães, ou melhor, pela cultura tedesca. Parece fóra de dúvida, que Tobias ingressou ao templo da sabedoria conduzido pelos representantes do Ecletismo, que tão acerbos críticas lhe mereceram posteriormente. Levando por diante o seu louvável desejo de progredir no domínio do pensamento, conheceu e admirou a filosofia positiva de Augusto Comte, até que afinal, sequioso por desvendar os enigmas do conhecimento, banhou a sua formosa inteligência nas águas nem sempre límpidas, porém, certamente caudalosas da filosofia alemã, de onde emergiu com a láurea que hoje lhe não podemos negar de maior sábio do Brasil no século XIX. Repudiando aqui o que ele com argúcia denominou "folie raisonnée do positivismo, que é hoje o característico, pelo menos entre nós da semi-cultura frívola e pretensiosa" (Questões vigentes — pag. 283), Tobias Barrêto foi momentaneamente vítima da admiração exagerada por alguns filósofos de pouca valia. Contudo, muita vez ele mesmo corrigiu os exageros abraçando novas doutrinas e abandonando aquelas que se lhe afiguravam caducas. Nem sempre foi feliz com os seus amôres novos por novos sistemas filosóficos, entretanto, sempre foi intelectualmente sincero, nestas idas e vindas pelo caminho da sabedoria. Tobias não foi um endeusador vulgar da ciência e filosofia alemãs e nem tudo que vinha da Alemanha lhe merecia respeito. A Alemanha que Tobias admirava e exalçava à culminancias da glória cultural, não era a Alemanha dos Bismarks amiga do arbítrio e da prepotência. A Alemanha que fascinou a inteligência do pensador patricio foi a pátria de Kant o solitário de Koenigsberg, e autor de obras memoráveis tais como: "Crítica da Razão Pura, Crítica da Razão Prática, Crítica da Faculdade de Julgar e Religião dentro dos Limites da razão pura, obras que deram uma nova orientação ao problema do conhecimento. E, senhores, quem poderia negar o valor funcional de Kant, este arquetipo do pensamento? Schopenhauer "considerava criança o homem que inda não houvesse compreendido Kant e declarou ser a Crítica a obra mais importante da literatura alemã". No mundo contemporaneo, que maior elogio se poderia fazer a Kant do que o proferido pelo pensador castelhano José Ortega Y Gasset nas reflexões de centenário que este escritor escreveu em 1924? Tomemos-lhe uma pequena amostra:

"Durante diez años he vivido dentro del pensamiento kantiano: lo he respirado como una atmosfera y ha sido a la vez mi casa y mi prision. Yo dudo mucho que quien no haya hecho cosa parecida pueda ver con claridade el sentido de nuestro tiempo. En la obra de Kant estan contenidos los secretos decisivos de la época moderna, sus virtudes y sus limitaciones. Mer-

ced al gênio de Kant, se ve en su filosofia funcionar la vasta vida occidental de los quatro últimos siglos, simplificada en aparato de relojería”.

Ora, se Ortega y Gasset no século atual, teve motivos para exaltar Kant às culminancias do pensamento, não é de admirar que o filósofo sergipano, tivesse idêntico proceder no século passado. Tobias admirou a Alemanha manancial inexaurível dos grandes sistemas filosóficos, pátria predileta da cultura humana. E com ele está a geração dos que imergindo a inteligência no mare-magnum dos conhecimentos humanos, daí emergem trazendo triunfalmente as leis da natureza ou para uzar a linguagem de Montesquieu: “As relações necessárias que emanam da natureza das coisas”. Olhemos de relance a obra do jurista.

Grande pendor pelos estudos jurídicos foi revelado por Tobias Barrêto. E’ de notar, porém, que nesta frondente árvore dos conhecimentos humanos, dois ramos sobremaneira lhe empolgaram a inteligência: a filosofia do direito e o direito penal. Revendo as velhas teorias do direito de origem divina, Tobias foi entre nós o pioneiro da revolução que se operou nos centros culturais do direito no Brasil. Espírito independente, cêdo se declarou contrário aos princípios fundamentais em que velhos ignaros assentavam a ciência do direito. “O direito-proclamou Tobias Barrêto —, é uma obra do homem ao mesmo tempo uma causa e um efeito do desenvolvimento humano (Estudos de Direito — Vol. I — pag. 7) Repudiando a origem divina do direito, fôra mistér uma nova explicação para este fato social. E Tobias influenciado pela cultura jurídica tedesca, pregou com entusiasmo a doutrina do direito como produto da cultura humana. E a palavra do novo jurista ecoou na velha Faculdade de Direito do Recife com um ~~estrepitoso~~ estrepitoso que anunciava o desabar de ruínas. Muitos pregadores do direito natural de origem divina ficaram indignados ao ouvir palavras como estas:

“A concepção da sociologia, e especialmente a concepção do direito, ainda hoje corrente entre nós, são um pedaço de metafísica, um resto de mitologia”. “A teoria dos direitos naturais e originários pertence a uma época já um pouco distante de nós (Menores e Loucos — Introdução). Acentuou o jurista-filósofo, que se não deve admitir um direito anterior e mesmo superior à sociedade. Antes o que é certo é a coexistência do fenômeno jurídico e da sociedade. Não se compreende aquele senão em função desta.

“Os chamados direitos naturais e originários, como o direito à vida, à liberdade e poucos outros, nunca existiram fóra da sociedade: foi esta quem os instituiu e consagrou”. E’ de notar porém, que o direito natural contra o qual se rebelou Tobias é o direito na-

tural de origem divina. O fenómeno jurídico estudado como fenómeno integrativo das leis naturais, como uma das manifestações da natureza humana, não é negado por ele, quando proclama que a sociedade deve ter a sua mecânica embora ainda não houvesse encontrado o seu Kepler. Acentuou ainda a relatividade do direito em função do tempo e do espaço, ou seja a sua marcha evolucionária. Efectivamente, a evolução do direito não para nunca em busca do ideal supremo de adaptação do homem à sociedade em que vive. "O que nós hoje chamamos direito é uma transformação da força, que se limitou e continua a se limitar no interesse da sociedade". Formulados estes princípios básicos da nova concepção do direito, Tobias Barrêto penetrou na fértil seara do direito penal cujas doutrinas primevas acabavam de experimentar um terrível golpe de montante, que lhes desfechava o talento fulgurante de Cezar Lombroso. Por força da exiguidade do tempo hei que restringir o campo de nossas investigações tobliáticas. Relanceemos a correr este valioso ensaio que Tobias intitulou "Menores e Loucos em Direito Criminal". Deixemos que o conde do pensamento brasileiro alce o seu vôo por sobre o fértil campo da ciência que imortalizou Beccaria, Lombroso, Ferri, e Garofalo; Tarde, Alimena e Prins; Quintiliano Saldanha, Assúa Ingenieros e Mendes Correia; Nina Rodrigues e Evaristo de Moraes. Logo no início insurge-se Tobias contra o princípio jurídico que veda a aplicação da analogia na interpretação das leis penais. "É um erro afirmar como em geral se afirma, "que o direito só admite interpretação restritiva". Ora, a aplicação da analogia na interpretação das leis penais, significa a concessão de grande dose de arbítrio ao poder judiciário.

Os excessos d'este arbítrio provocaram os abusos da justiça medieval, e azaram ensêjo à reacção benévola que contra ela desenvolveram os juristas a partir da revolução. Contudo, em apóio à tese de Tobias, podemos afirmar que a justiça penal moderna, preocupada seriamente com o estudo individualizado dos delinquentes, na convicção de que não existem crimes senão criminosos, (da mesma sorte porque a patologia ensina que não existem doenças senão doentes), afirma sobranceiramente a necessidade de se conceder ao juiz penal uma forte dose de arbítrio na apreciação das provas criminais, e no aquilatar da temibilidade dos delinquentes. Logo, não é de extranhar que a justiça penal moderna se concorda a faculdade de utilizar a analogia na interpretação das leis penais, numa época em que já é princípio vitorioso o das penas indeterminadas. Estudando o conceito de crime disse Tobias: "En considero o crime uma das mais claras manifestações do princípio naturalístico da hereditariedade, e como tal, quando mesmo ele fôsse o que os sentimentalistas liberalizantes pretendem que seja, quero dizer,

um fenômeno morbido, um resultado da doença, nada proibia que, tambem neste dominio, como em todos os outros da natureza, a adaptação procurasse eliminar as irregularidades da herança". Mais adiante, referindo-se à necessidade da pena escreveu: "Mais tarde ver-se-ha nela, em nome de Darwin e de Haeckel, alguma coisa de semelhante à seleção espártana, ou uma espécie de seleção jurídica, pela qual os membros corruptos vão sendo postos à parte do organismo social comum". Aqui o jurista se manifesta um pouco unilateral, quando proclama que o princípio naturalístico da hereditariedade é a única causa determinante da criminalidade. A ciência penal reconhece que o crime é a resultante dos mais complexos fatores bio-físicos e sociais. Se é certo que os distúrbios orgânicos, as perturbações endócrino-psíquicas podem impulsionar o homem para a delinquência; se é certo que tais perturbações podem ser herdadas, contudo, força é o reconhecer a influência que os fatores físicos e sociais exercem no desabrochar da criminalidade. Quem conhece a genese e evolução da criminalidade sertaneja, pôde bem inferir a multiplicidade de causas que concorrem para o aparecimento desta moléstia. Tem, porém, toda razão o jurista sergipano, quando proclama a finalidade selecionadora da pena.

Efetivamente o desiderato da penologia é a reintegração social dos delinquentes, afastados da coletividade devido às suas atividades manifestamente anti-sociais.

Estudando o complexo problema da limitação da idade para os efeitos da responsabilidade penal, Tobias proclamou acertadamente a influência dos fatores mesológicos, climatéricos e sociais sobre o evoluer da criminalidade juvenil. Partindo do princípio de que a legislação civil impunha certas restrições ao exercício de direitos pela mulher brasileira, achou que — uma inconseqüência e injustiça não reconhecer igual — no domínio jurídico penal. Hoje o sexo não tem influência para determinação da responsabilidade penal. Apenas, nas populações carcerárias observa-se uma fraca percentagem de delinquentes do sexo feminino. Estudando o problema da loucura em face do direito penal, o sábio brasileiro aparece na arena da ciência com uma magestosa bagagem de conhecimentos psiquiátricos. Agora, vejamos por derradeiro um traço significativo, que bem lhe evidencia a independência mental. Tobias leu com sofreguidão o livro de Cezar Lombroso intitulado "Lomo Delinquente", logo após a publicação desta obra revolucionária. Grande entusiasta da ciência positiva do direito, não poupan encômios ao criminalista italiano. Contudo, foi um dos primeiros a apontar os excessos e até os erros do notável fundador da escola positiva de direito penal. "Por minha parte já se vê, que nisto vai um grande merecimento. Mas, tambem importa reconhecer que o autor alargou de mais as

suas vistas e é excessivo nas suas apreciações. Tudo tem seus limites. O conhecimento exato do criminoso não se compõe só de dados craniométricos, dinamométricos, oftalmoscópicos e todos os mais epítetos sesquipedais, de que sóe usar a tecnologia medical". Lombroso provocou uma notável revolução no campo da criminologia, desvendando a esta ciência horizontes dantes indevassáveis. A humanidade deve-lhe pois uma notável contribuição para o acervo dos conhecimentos. Valem aqui repetidas por oportunas as palavras de Van Hamel, pronunciadas por ocasião do 6º Congresso de Antropologia Criminal, fazendo um paralelo entre Cezar Beccaria e Cezar Lombroso: "O primeiro, nos dias de arbítrio disse ao homem: conhece a justiça; o segundo, na época em que se está aferrado às fórmulas clássicas do direito penal, disse à justiça: conhece o homem". Este o grande mérito de Lombroso inteiramente reconhecido por Tobias sem os excessos do sectarismo apaixonado.

Senhores, vou terminar. Já vimos panoramicamente a trajetória descrita pelo condor do pensamento brasileiro: Tobias Barrêto. E nesta hora soleníssima em que a pátria agradecida lhe presta as mais justas homenagens, podemos evocar-lhe o perfil por ele mesmo traçado em hora de inspiração divina:

Sou eu quem assiste às lutas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quiz ver dos céos o segredo;
Rebelde, sôbre um rochedo
Cravado, fui Prometeu;
Tive sede do infinito,
Gênio feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Aracajú, 7 de Junho de 1939.

TRAÇOS DA AUTOBIOGRAFIA DO FILÓSOFO DE ESCADA (*)

Preito de admiração do COLÉGIO TOBIAS BARRETO ao grandioso vulto histórico do seu fulgurante patrono intelectual, nas comemorações do centenário do seu nascimento, em 7 de Junho de 1939

Nenhuma demonstração de reconhecimento e apreço à memória de TOBIAS BARRETO, — patrono intelectual d'este conhecido educandário, — poderá ser mais expressiva e edificante, entre as que hoje lhe vão ser tributadas, pelo civismo sergipano e pelo Brasil em péso, no sentido de comemorar a passagem do centenário do seu nascimento, do que a apresentação da sua autobiografia, colhida através dos interessantes subsídios introspectivos que se encontram nas suas obras. Coligidos pacientemente, na sua totalidade, passariam a constituir o mais interessante retrato do genial e extraordinário sergipano. Como entretanto, não ha tempo para um empreendimento de tanto vulto, cumpre que lhe sejam aqui fixados alguns traços, enquanto não se faz obra completa sobre o assunto.

E', assim, com esse elevado desígnio, que o COLÉGIO TOBIAS BARRETO, nas linhas que se seguem, passa a focalizar alguns dos traços da imponente silhueta do grande pensador sergipano, segundo a sua própria realidade, entrevista pelas rigorosas lentes do seu subjetivismo, como página destinada à leitura e à meditação dos seus alunos e, sobretudo, como exemplo a sêr por eles seguido e imitado.

Não é um trabalho de psicologia, propriamente dito, porque os acontecimentos narrados pertencem mais ao domínio da história, mas não deixará, por isso, de dar uma idéa, senão integral, ao menos aproximada, de como o genial filho de Sergipe esboçou a sua própria imagem, no desejo de eternizar-se.

(*) N. R. Este trabalho é da autoria do desembargador Haroldo Cândido. Foi tirado em folheto.

“Na arte”, — escreve STEFAN ZWEIG — “o mais dificultoso é, precisamente, o mais próximo e, aparentemente, o mais fácil. A mais árdua biografia é a que se faz de si mesmo”.

Aqui estão, pois, algumas linhas do sugestivo perfil de TOBIAS BARRÊTO, na contemplação de si mesmo, na descrição do seu Eu, no historiar as fases de sua gloriosa e acidentada vida, pintiparando-se sob o testemunho insuspeito de sua indesmentida sinceridade — biografia externa e objetiva e biografia interna e subjetiva.

Por certo, alguma coisa de instrutivo ha de resultar dessas confissões íntimas, em que o imortal e incomparavel filho de Serpige debuxou, ao lado dos sucessos da sua trabalhada existência, a sua própria fisionomia moral.

Escrevendo sôbre si mesmo, disse:

“Sou natural da villa de Campos do Rio Real, onde nasci, a 7 de junho de 1839, sendo meus paes: Pedro Barretto de Menezes e Emerenciana Maria de Menezes.

Em 1851, depois de concluidos os estudos elementares, em que tive por professor a Manoel Joaquim de Oliveira Campos, fui para Estancia, onde, em setembro daquelle anno (1851), matriculei-me na aula de latim do padre Domingos Quirino, depois bispo de Goyaz. Ali estive até fevereiro de 1853, em que voltei para Campos, onde me demorei até agosto, partindo, então, para o Lagarto a concluir o meu latim sob o magisterio do padre Pitanguera; e ali estive a estudar até o mez de outubro de 1854, epoca em que prestei exame de latinidade na cidade de Maroim, perante o então inspector de aulas Dr. Guilherme Pereira Rebello — para ser substituto na cadeira de latim do Lagarto, mas o inspector passou-me um titulo geral — substituto em qualquer cadeira de latim da provincia.

Com esse titulo, fiquei no Lagarto, morando em casa do referido Pitanguera, a quem substitui algumas vezes e ensinando particularmente primeiras letras — materia em que foram meus discipulos, entre outros, Nilo Romero e José Dantas da Silveira.

Era no anno de 1855; eis que appareceu o cholera na provincia e eu tive de vir, em setembro desse anno, juntar-me à minha familia em Campos onde o mal primeiro apparecera e estava grassando. Ahi permaneci o resto do ano e o seguinte de 1856, em novembro do qual tirei a cadeira de latim de Itabajana, em cujo exercicio entrei em 21 de janeiro de 1857. Os annos de 57, 58 e 59 estive nessa villa, de onde me retirei em dezembro de 59 para Campos, entrando em janeiro do anno seguinte no gozo de uma licença de seis annos, que me concedera a provincia, para estudar. Todo

o ano de 60 passei em Campos até fins de outubro, mez em que parti com destino a Pernambuco, chegando aqui (Província de Pernambuco) depois de varias demoras em Estancia, S. Christovam, Aracajú, Maceió, no dia 1.^o de dezembro de 1861, trazendo apenas na algibeira (ainda me lembro) 92\$000.

Em março de 63, fui accommettido de variola, e não pude matricular-me, como queria no 1.^o anno da Faculdade. Levei todo esse anno a cursar no Collegio das Artes as aulas de geografia e geometria; em novembro prestei exame de 4 e em março do anno seguinte das 3 ultimas materias, matriculando-me no curso juridico. (1864). Por dar mais de 40 faltas, perdi o 3.^o anno (1866), que tive de repetir e, dest'arte, devendo formar-me em 68, formei-me em 1869 (15 de novembro), anno em que me casara (11 de fevereiro), tendo-me, pois, formado já casado e com filho de poucos dias de nascido.

Aqui importa notar — para destruir uma certa idéa, geralmente acceita, de que eu me dedicara à Allemanha, por occasião ou depois da guerra desta com a França — que já no anno de 69, ainda academico, eu começara a fazer estudos de grammatica allemã, não podendo, porem, ir muito avante, por causa de occupa-ções academicas.

No anno de 70 estive em Sergipe, de onde trouxe minha mãe viuva (meu pae morreu em 1867) para esta provincia, na qual morreu em 1873.

Todo esse anno de 70 passei em Recife, cheio de difficuldades e embaraços sobre o genero de vida que deveria abraçar. Pouco pude, então, cultivar o allemão. Redigi, porem, durante esse tempo o jornal intitulado O AMERICANO, de junho a dezembro. No anno seguinte, vim para a Escada, e entregando-me à profissão de advogado, entreguei-me tambem de ~~toda~~ ao estudo da lingua allemã, na qual nunca tive mestre; sou completamente um autodidata ou mestre de si mesmo.

Em 1875, publiquei os meus *Ensaíos e Estudos*, que saíram á luz em junho, tendo em meio saído o programma, e em junho, o 1.^o numero do jornal allemão *Deutscher Kamerer* — do qual só poderam ser publicados cinco numeros.

Em 1876, saiu a minha primeira brochura allemã — *Brasilien wie est ist*, — e em janeiro de 78 a segunda brochura intitulada — *Ein Brief an die deutsche Presse*. Em fevereiro de 1879 uma brochura em portuguez — *Um discurso em mangas de camisa*.

Na Escada, onde tenho uma typographia, ainda que não bem montada, tenho publicado os seguintes periodicos: *Um signal dos tempos* (1874); *A Comarca da Escada* (1875); *O povo da Escada* (1876); *O desabuso*, (1875); *Aquí para nós*, (1875); *A Igualdade*

(1876); *Contra a hypocrisia* (1879). Do primeiro saíram só 10 numeros, do segundo 5; do terceiro 3; do quarto 5; do quinto 2; do sexto um e do setimo 6.

Os jornaes em que collaborei, quando na Academia, foram: *O Academico*, (1865); *A Luta*, (1867); *A Regeneração*, (1868); e *O Vésuvio*, (1869).

Escrevi para *Correio Pernambucano*, artigos de philosophia (1869). No *Diario de Pernambuco* saju publicado grande numero de meus versos. Para o *Jornal do Recife* tenho escripto artigos de diversas naturezas. Da mesma forma na *Provincia* e *Correio da Noite*.

Tenho ineditos os seguintes trabalhos: 1.^o — *Questões do nosso tempo*; 2.^o — *Ares de Pernambuco, poutpouuri litterario*; 3. — *Uma Historia da litteratura brasileira, durante o 2.^o reinado*.

Em allemão, o seguinte: *Rechtstaben und Rechtsstudium in Brasilien*.

Não sei, porem, se conseguirei publical-os.

Os allemães que me têm honrado com as suas cartas são até hoje os seguintes: Wilhelm A. Sellia (Leipzig); Paul Apflstedt (Dusseldorf); Dr. Karl Keck, um botanico (Berlim); Richard Lesser, Ernest Haynel, Paul Buckow, Robert Schroder, B. Cramer, Frederico Kuntz, Paul Bachmann e E. Klotz, estes ultimos todos do *Club dos Kosmophilos* em Leipzig. E aqui importa observar que eu, no meu isolamento, nunca quise tomar a iniciativa dessas correspondencias: ella tem partido de lá.

"Deixo de indicar a data, em que sustentei these, por que nunca me dispuz a ser doutor, grau que está hoje muito barateado".

"Não me recordo dos dias, mas apenas dos mezes e annos, em que concorri com o Padre Felix á cadeira de latim. O primeiro concurso foi em março de 1865; es' sendo annullado pelo ministro, deu-se segundo, que teve lugar em novembro do mesmo anno.

Não sei a que outro motivo, senão á superioridade do meu contendor, deva eu attribuir o não ter sido nomeado. A não ser essa razão, só posso explicar o facto por infelicidade minha.

Em outubro de 1867, concorri á cadeira de Philosophia do *Gymnasio Pernambucano* com o dr. José Soriano de Souza. Não obstante ir eu em primeiro lugar, fui preterido por esse doutor, allegando-se, como razão da preferencia, o elle ser casado e eu solteiro.

Quanto aos discursos proferidos na Assembléa Provincial, só me recordo dos das sessões de 17 de dezembro de 1878 (preparatoria) 7 de fevereiro de 1879, 22 de março (sobre) a questão do estudo das mulheres — dois discursos na mesma sessão) e 21 de abril de 1879.

Os allemães que fallaram sobre mim foram: Alfredo Waldler,

de Leipzig por varias vezes, no Gartelenlanhe, onde saiu a minha biografia e retrato, no — *Export* — de Berlim, — *Magazine für Literatur*, de Leipzig.

A *Gazeta de Colonia* (Kölnische Zeitung) offerere-me um exemplar da sua edição semanal, com uma carta, a que eu respondi (em allemão) e minha resposta foi lá publicada com uma introdução assáz lisonjeira.

Tambem é certo que, em carta particular a um amigo do Rio Grande do Sul, Ernesto Hackel disse que eu *lhe parecia pertencer à raça dos grandes pensadores*.

Entro em taes detalhes só para satisfazer á curiosidade honrosa do meu digno comprovinciano. (*Cartas a Carvalho Lima*, em 1886).

"Tenho ultimamente soffrido muito e muito do figado, do estomago e mais outros males, que me tornam incapaz de escrever e estudar". (*Carta a Sylvio Romero*, em 1885).

Ainda nesse anno, escrevia: "Alem de caprichoso por temperamento, o meu estado de doença veio augmentar-me os caprichos".

"Não se me tache de immodesto por fallar da minha superioridade: Quando me julgo, sinto-me abatido; quando me *comparo*, não deixo de dar entrada a um certo orgulho. Digam o que quizerem os meus inimigos, não poderão contestar-me o merito de um *self made*, no rigoroso sentido da palavra. A viagem da minha vida tem sido feita somente á custa dos meus esforços".

"A injuria, o ataque *anonymo* ainda não me deixou de menos, nem sequer um cabello da cabeça".

"Eu tenho tambem o m. *astro prophético*".

"Ainda não senti a necessidade de possuir o que nunca possi na minha vida, isto é, uma arma, qual *ella fosse*".

"Não padeço de um pessimismo excessivo. Por minha parte, acceito cordialmente a irrogação da pecha de pessimista. É um deficit, de que me lisonjeio. O pessimismo sincero, o pessimismo convicto, é de uma influencia benefica sobre a vida, sobre a cabeça e até sobre o coração do homem. Sem elle, nenhum progresso, nenhuma conquista. Sem elle, nenhum grande intuito, nenhuma aspiração elevada. A ideia pessimistica é uma ideia de primeira ordem, um principio dirigente da civilização hodierna".

"Diversos são os modos de dar satisfação á propria vaidade. Conforme os tempos e as circumstancias, uma depreciação produz o mesmo effeito que um elogio".

"Quem faz um livro, quer ter leitores".

"Se o mal de muitos, como diz o provérbio, *consola* é, o mesmo não se dá com o erro de muitos, que não se transforma em verda-

de. Pelo contrário, é certo que as grandezas *extensivas* proporcionam-se com as *intensivas* em uma razão directa; quanto maior é, pois, a extensão que toma o erro, tanto mais fatal é a intensidade da sua influencia”.

“A amputação dos prejuizos, de qualquer ordem que sejam, é sempre dolorosa, e todos não têm coragem para supportar”.

“Bons ou máos, costume reflectir nas consequências dos meus actos”.

“Não sei se o que produzo corresponde ao que consumo; em todo caso, porém, não sou economicamente o que politicamente me posso considerar — um mendigo”.

“A minha independencia é muitissimo relativa; relativa ao sol e á chuva, ao calor e ao frio, em uma palavra, ás mil circumstancias do tempo; mas é sempre independencia”.

“Vivo só do meu trabalho e honro-me disso”.

“O *ponto de honra* do jogador, por exemplo, não é o mesmo do commerciante; o deste não é o mesmo que o do pirata”.

Tambem existe para as nações uma sanção moral, que tarde ou cedo se faz valiosa”.

Alludindo á fundação do *Club Escadense*, disse:

“— foi esta ainda uma das muitas illusões, de que se tem alentado o meu espirito nesta bella terra, onde aliás vim sepultar os dois mais caros objectos do meu coração e da minha phantasia: — minha Mãe e meu futuro!”

“Eu desejo a abolição de todas as instituições caducas, que são outras tantas affrontas á dignidade do homem; desejo a extincção de todas as excrescencias, de todos os órgãos rudimentares e deturpantes da sociedade humana. Neste caso, está a escravidão”

“Das sete differentes idades do homem, indicadas por Hypocrates, *infans, puer, adolescens, juvenis, vir senior, senis*, eu nunca deixaria a esphera do *juvenis*. Se ao menos houvesse realizado aquella idéa, que me susteve 24 horas no seminario da Baía, se andasse hoje de batina, quão diversa não seria então a minha linguagem. E realmente, não hesito em declarar-o, eu perdi muitissimo em não ser padre. Errei de todo a vocação”.

“O homem é mais sujeito ás exterioridades do que ordinariamente admite que o seja, e o ambiente, em que vive, imprime-lhe o seu timbre”.

“O problema capital da civilisação é esforçar-se por harmonisar cabeça e coração. Presentemente, em todos os tempos, todo o cisco que se tira da cabeça se lança sobre o coração; dahi a phrase, tantas vezes repetida: bonito talento, mas pessimo character”.

"Os talentos que não brilham com luz propria, somente são taes por que brilham pela ignorancia".

"E' bem que os homens sejam educados e habituados a cuidar de si, a auxiliar-se a si mesmos. O *help yourself* é um excelente mestre; apenas se faz preciso que se frequente a sua escola, não theorica, mas tambem praticamente, afim de melhor apreciar-se o valor de suas doutrinas".

"A belleza sob qualquer de suas manifestações, a belleza em qualquer grau, é essencialmente despota. — impõe-se e domina".

"Acredito que na linguagem, fallada ou escripta, sobretudo na linguagem fallada, no bom ou no máo accento, existe alguma cousa de peculiar ás individualidades. Nem estou longe de opinar com Bernhard Schmitz que defeitos de pronuncia podem tornar-se defeitos de character. Um homem, por exemplo, que tem a bocca cheia de lingua, parece-me inadmissivel que tenha uma cabeça cheia de idéas, e no que toca em particular ao sexo amavel, sempre causou-me desconfiança o *rothacismo* feminino".

"De todos os caminhos que nos conduzem a sondar o intimo de uma alma feminina, por mais paradoxal que a cousa pareça, a prosodia é talvez o mais seguro".

"O homem cultissimo hodierno, o mais desabusado e isento de preconceitos religiosos, ainda não está livre de ser, de repente, agredido por um sentimento invencivel, que o obrigue a ajoelhar-se e adorar o idolo, de pau ou de pedra, dos espiritos mais incultos".

"As idéas de um individuo podem ter a ultima feição, a frescura da actualidade, e todavia as suas emoções quasi sempre regular-se pelo rythmo de uma epoca anterior. O coração é um relógio, que, de ordinario, anda atrasado".

"O homem, quando ama, ainda tem tempo de trabalhar, ou de dar o seu passeio, ou de fumar o seu ci... não assim, porem, a mulher que, nesse estado, não tem tempo senão de pensar em outra cousa senão no seu amor".

"Aprender é desilludir-se".

"Continuo na minha obstinação, inabalavel, incorrigivel, no empenho pertinace de crear adeptos ou suscitar inimigos, por amor do germanismo. E' um trabalho para o qual nunca me sinto indisposto e que seria, por si só, capaz de constituir a unica missão de minha vida, se eu não tivesse, a par desta, uma outra occupação imprescindivel, incessante: — é a de rir-me de mim mesmo e um pouco tambem, como Thackrey, dos snobs litterarios do meu paiz. Esse trabalho a que me tenho cordealmente dedicado, já não é de data muito recente; mas ainda não deixou de parecer aos olhos da maioria sensata como uma aberração sem exemplo".

"Não contesto á intelligência humana o direito de vêr as cousas e dar-lhes logo um valor typico, suprimdo de seu proprio fundo, as lacunas da realidade. Não lhe contesto o direito de traçar aos nossos olhos, não por exemplo a belleza em abstracto, nem a belleza por excellencia, nem tampouco esta ou aquella belleza em particular, mas a belleza em uma belleza, uma sorte de compromisso entre o real e o ideal. E' o direito do poeta. Não é, porém, o direito do sabio; não é esta a função da sciencia".

"Julgo os talentos pelos seus productos".

"Confesso que tenho, ás vezes, malignos desejos, filhos de uma imaginação pouco discreta".

"E' um trabalho superfluo querer demonstrar que o sol não é frio".

"Cada tempo tem seu demonio".

"Pelo tamanho de uma só penna se pode avaliar o tamanho da ave, que a deixou cair. Mesmo voando rente com a terra, é possível mostrar que se tem azas de aguilã".

"E penso com Edmond Scherer que o meio de dirigir, nas sociedades modernas, não é persuadir discutindo. — é conciliar obrando. Não se convencem os espiritos, senão por uma iniciativa grande, fecunda, sempre nova. E' mister marchar adiante, para fazer-se seguir; arrastar, para conduzir; assombrar, para subjugar".

"Para esclarecer melhor os nossos destinos, não queremos mais luz do que a do Evangelho".

"O desgosto da vida não é mais do que a incapacidade de crear um ideal. Como a ave faz o ninho, em que se abriga, no seio de um espinho, assim pode a alma autelar-se e dormir tranquilla das misérias da vida, dentro do seu ideal".

"A razão é tão incompetente para corrigir as illusões do coração, como os ouvidos para corrigir as illusões do olfacto".

"O que eu não sou por mim mesmo, eu não o sou".

"Schiller tinha razão de dizer que todas as artes são filhas do pueril e inocente gosto de brincar. Escrever também é uma arte, a qual, para mim, em mais de um ponto, substitue um dos meus predilectos brinquedos da meninice. Era bolir com as vacas perdidas, ou com os carneiros erradores. E o meu maior prazer consistia justamente em ver o animal atirar-se de corpo e alma contra mim, mas quando batia com a testa no tronco, já eu estava trepado na copa da engazeira".

E, a respeito desses brinquedos, ainda escreve:

"E' um sestro que tenho desde menino: bolir com certos animaes, facilmente irritaveis e, desviando-me delles, rir-me então da inutilidade dos seus impetos e investidas contra mim. Nem eram

somente as vacas paridas e os carneiros marradores que me davam ocasião para esse brinquedo. A minha temeridade pueril chegava ao ponto de abrir semelhante luta até com as cascaveis. Que delícia que eu sentia, quando a cobra assanhada, á força de muita pedra, erguia a cabeça, mostrava a língua, sacudia os guisos do rabo, e punha-se, em attitude de passar-me o dente !... ”

“No mundo moral, tambem é certo que a lei, isto é, a idéa não tem effeito retroactivo”.

E’ certo que haverá sempre individuos superiores; mas releva notar que só duas coisas constituem de direito a superioridade individual, que são a sciencia e a virtude”.

“A belleza que, no dizer de Hartmann, divide-se em *physiologica* e *morphologica*, eu me permitto augmentar de uma secção superior:: — a belleza *psychologica*, sem aliás presuppor um sujeito novo para este novo attributo”.

“E’ um resultado natural da lucta pela vida que haja grandes e pequenos, fortes e fracos, ricos e pobres, em attitude hostil uns aos outros; o trabalho cultural consiste, porem, na harmonisação dessas divergencias, medindo a todos por uma só bitola”.

“A sociedade, que é o grande apparatus da cultura humana, deixa-se afigurar sob a imagem de uma tãa imensa de relações synergicas e antagonicas; é um systema de regras, é uma rede de normas, que não se limitam ao mundo da acção, chegam até os dominios do pensamento. Moral, direito, gramatica, logica, civilidade, polidez, etiqueta, etc. etc., são outros tantos corpos de doutrina, que tem de commun entre si o caracter *normativo*. Não basta obrar ou proceder *correctamente*; é preciso sentir *correctamente*, escrever *correctamente*, etc... Como se vê, um vasto systema de *correcções*, — o que vale dizer: — um vasto systema de *selecções*. Corrigir é seleccionar”.

Relembradas as confissões intimas, ~~que~~ foram reproduzidas, forçoso será reconhecer que TOBIAS BARRÊTO tinha uma alma elevada, impregnada do mais sadio e puro ideal e possuía um caráter espartano e nobre que muito o distinguia. Quer em face das doutrinas, das idéas e dos homens, quer em face de si mesmo, era de uma sinceridade absoluta e de uma grande firmeza individual. Sábio, bastava-se a si mesmo e não tinha ambições vulgares. Sua independência de julgamento e sua imparcialidade o tornaram o melhor crítico de si mesmo, como o atestam os traços psicológicos com que se nos revelou, introspectivamente. Conhecia-se e julgava-se. E se o estilo é o *homem nem homem*, a personalidade moral e intellectual do privilegiado filho de Campos resalta do seu, com a graça e os adomanes peculiares ao seu caráter. Na sua fórmula aforística de falar e de escrever, TOBIAS BAR-

RÊTO se afirma o observador penetrante, o psicólogo profundo. Suas máximas são o produto de sua experiência íntima, e o sagram como consumado moralista. Daí o poder-se dizer que o estilo de TOBIAS BARRETO é a reprodução fiel de seu caráter. Este melhor ainda se patentela nos seguintes versos, devidos ao seu delicado estro:

"Fazei o bem: sôbre a terra
E' a beleza suprema;
Tem mais luz do que um poema,
Vale mais que um trophéo,
Por uma dádiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle goza no céu.

Fazei o bem: sôbre a terra
E' a grandeza suprema".

Esta a fisionomia moral do consagrado filósofo e homem de letras sergipano, cujo instante zenital no cenário da História, será hoje assinalado, pelo transcurso do centenário do seu nascimento!

O COLÉGIO TOBIAS BARRETO que, ha mais de seis lustros, lhe presta a ininterrupta homenagem de tê-lo como seu patrono intelectual, honrando-se sobremaneira, com a sua luminosa assistência espiritual, tem, na merecida consagração que ora lhe faz a posteridade, o mais expressivo aval á sua eleição.

E, associando-se ás comemorações cívicas que hoje serão celebradas, para o glorificar, aponta-o a " aos alunos, não só como um exemplo digno de ser imitado, mas também como o sergipano que mais elevou o nome de Sergipe, no conceito da Pátria e do Universo!

ELOGIO DO CONDÔR

(Conferência pronunciada ao microfone da P. Y. D. 2 e no Rotary Clube de Aracajú, em Junho de 1939.) Pelo Dr. Mário Cabral

Ele foi a maior altitude do pensamento brasileiro.

Se o que pensou e escreveu traz o sinete do século XIX, pertence, todavia, ao futuro, à posteridade que já começou a glorificá-lo.

Não direi fôsse um gênio.

Foi um grande batalhador, um soar de clarim no marasmo da noite que parecia sem aurora.

Foi uma complexa estrutura cerebral, um farol que luziu no entro da brasilidade, e, cujos reflexos, por um milagre de eternização luminosa, não se apagarão jamais.

O seu clima foi o da luta.

O seu mundo as investigações do saber.

O seu rude e permanente combate dirigido aos tabús culturais da época.

A rotina lhe causava asco.

Foi um rebelado, um desajustado social.

Tinha algo da mordacidade de Voltaire e do sarcasmo de Gregório de Matos.

Herdara a fineza satírica do primeiro e a iconoclastia radical do segundo.

Sua voz não foi apenas um grito de protesto: foi o desafio, a insubmissão, a revolta livre que empolgava as ruas.

Era um titan que não cria nos deuses, não venerava os ídolos, não curvava a fronte ao prestígio dos potentados.

Todavia não foi um cético.

Acreditou na Beleza e na Verdade.

Foi um poeta.

Um poeta que se alteiava, em vãos condoreiros, ao ápice dos Andes, ou deslizava, com rumorejos de água cantante, pelo tapete verde dos vales e das planícies.

Ou era sol de verão, meio-dia, pleno império do calor e da luz, ou era noite de primavera, suave instante de frescura e de obscuridade.

Ou era altivo, cheio de imprecações e de blasfêmias, desafiando, nas suas estrofes, o próprio Deus nas alturas, ou era terno, cheio de sonho e de bondade, ajoelhando-se, em suas rimas, diante a fascinação da Mulher.

Falo de Tobias Barrêto, meus senhores.

Eis aqui um grande poeta, um poeta de um tão alto merecimento, que, meio século depois de sua morte, ainda permancece lido, admirado, discutido, e, até mesmo, negado e combatido.

Aí, justamente, a maior prova de que a sua poesia está viva.

A crítica, porém, em torno da sua obra poética, divide-se em duas grandes correntes.

A primeira o considera como uma vocação poética, e, entre os que assim pensam, se encontram Silvio Romero, Dionísio da Gama e Graça Aranha.

A segunda compreende a sua poesia como um simples desdobramento da sua poderosa inteligência, um derivado de situações momentaneas, um diletantismo literário apenas.

Entre os que assim julgam estão José Veríssimo, Hermes Lima e Alberto Seabra.

Mas a verdade é que Tobias Barrêto foi uma organização poética.

Não limitou-se, é sabido, como homem de pensamento, à elaboração de estrofes, ao preparo meticoloso de versos e de rimas.

Sei-o agigantado na oratória, na crítica, na música, no jornalismo, na filosofia, nas questões jurídicas e sociais, estudando o direito romano nas suas próprias fontes, bebendo a cultura alemã na própria lingua de Schiller e de Goethe.

Todavia foi um poeta.

Uma lira ~~que se~~ caracterizou pela sua singularidade, pela elevação, muita vez exagerada, dos conceitos, pelo arrôjo, muita vez excessivo, das imagens.

Outra qualidade peculiar à poesia de Tobias Barrêto é a correção linguística, o conhecimento da métrica e da rima, dos pequeninos segredos que exige o bom verso, si bem que, eu não possa afirmar a impecabilidade da fôrma.

O romantismo, aliás, não cuidava do estilo, sinão da idéa.

Como o romantismo fôra uma reação contra o rigorismo clássico, o parnasianismo, dentro em pouco, iria reagir contra a maravilhosa desordem romantica.

Tobias Barrêto, contudo, foi um perfeito representante do romantismo brasileiro; laborou o verso branco, a poesia polimétrica, as composições cheias de sentimentalismo, de voluptuosidade, de queixumes e de melancolias.

Ele sempre compreendeu a poesia como uma válvula, um meio de libertação do espírito, livre, por isso mesmo, de peias e de moldes, de normas e de regras, poesia que alça vôo ao sabor apenas da inspiração.

Boêmio, sentimental, amante das serenatas em noites de plenilúnio, Tobias Barrêto, naquele sertão bravio de sua terra berço, começara a compôr as suas primeiras poesias.

Estas lhe nasciam puras, simples, desataviadas, surgindo à margem de quaisquer influências literárias, obedecendo, tão somente, ao calor da sua imaginação e dos seus sentimentos mais íntimos.

Um dia, na Baía, entra o poeta num seminário com intenção de ordenar-se.

Mas o seminário seria uma espécie de gaiola, capaz de conter um tico-tico ou quero-quero, nunca, porém, o condór habituado a pairar sobre as nuvens, possuindo, assim, mais do que qualquer outro pássaro, a intuição do espaço e a compreensão da liberdade.

Tobias Barrêto, nêsse ambiente de silêncio e de austeridade, que cheirava, caracteristicamente, a insenso e a gavetão de sacristia, não passa mais do que algumas horas.

Alta noite já não suporta o aprisionamento voluntário, e, então, dando soltas à sua magnífica voz de barítono, canta, ao violão, entre as parêdes sizudas do seminário, com grande escândalo dos dignos padres, uma modinha sertaneja cheia de amor e de saudade. Isto demonstra o seu temperamento irrequieto, ávido de ação e de movimento, temperamento ardoroso que iria produzir um polemista notável.

Sílvio Romero, estudando a obra poética de Tobias Barrêto, acha que ela pôde ser dividida em cinco partes contendo cinco categorias diversas de inspiração: *poesias naturalistas, amorosas, patrióticas, estéticas e satíricas*.

Esta divisão, em que peze o valor e a autoridade indiscutíveis do seu autor, não me parece, contudo, muito razoável.

Explicarei porque.

Nas poesias ditas *naturalistas* está inclusa *O Genio da Humanidade*, que é, sem dúvida, a mais bela composição *condoreira* do poeta.

As poesias *estéticas*, são, algumas delas, poesias líricas, como, por exemplo, às dedicadas a Adelaide Amaral.

Além disso ou considero a expressão *poesia estética* como pleonástica, porque, com Letourneau, eu a entendo como a forma mais elevada da estética literária.

As poesias *amorosas* são as poesias líricas, havendo, assim, em tudo isso, uma redundância que dificulta o estudo da obra de Tobias Barrêto.

E, como se vê, nem o próprio poeta, nem Sílvia Romero, seu intermerato defensor, incluíram, nessa classificação, o gênero *condoreiro* que fizera época na velha cidade do Recife.

Sem ter a estulta pretensão de corrigir Sílvia Romero, eu dividiria, porém, a obra poética do grande sergipano, em três categorias apenas: *líricas, condoreiras e satíricas*.

Já frizei que Tobias Barrêto foi uma organização poética.

Ele, todavia, — e até nisto revelou-se poeta! — jamais concebeu a realização de uma obra poética, como jamais concebeu realização nenhuma de ordem literária.

Suas poesias foram compostas ao léu da inspiração.

Ora apaixonado escrevia líricamente, ora indignado lançava torrentes satíricas, ora exaltado declamava odes patrióticas.

Ele jamais teve a intenção de escrever uma obra poética, repito.

E andou acertadamente.

Póde-se idealizar e realizar uma obra de observação social como a *Comédia Humana*, de Balzac; póde-se idealizar e conceber a resenha de fatos históricos como fez Cezar Cantu com a sua *História Universal*; póde-se tentar e executar uma obra romanceada como *O Ciclo da Cana do Assucar*, de José Lins do Rêgo.

Na poesia, porém, é impossível um tal sistema.

Quasi sempre quando o poeta tenta escrever uma obra de vulto, com a idéa premeditada de renome literário, o resultado é sempre negativo.

Poesia é *inspiration*, e inspiração compreende um certo e determinado momento psicológico.

Um poeta não poderá dizer: vou escrever, dentro de dois anos, um poema com cinco mil versos.

Ele poderá escrever os cinco mil versos, nos quais, todavia, talvez não exista nem um leve traço de poesia.

A nossa história literária está cheia desses exemplos.

Uma coisa que sempre fascinou os nossos poetas foi a criação de uma epopéa nacional.

E todas as tentativas neste sentido, como observei, foram caracterizadas pela falta de inspiração poética.

Assim foi *O Uruguai*, de Basílio da Gama, *O Caramuru*, de Santa Rita Durão, *Colombo*, de Porto Alegre, *Confederação dos Tamoios* de Domingos de Magalhães, etc.

Uma obra verdadeiramente poética é sempre uma surpresa, sempre inesperada para o próprio poeta.

Tobias Barrêto, por isso mesmo, jamais cogitou em escrever uma larga obra poética.

Sua poesia foi nascendo de acôrdo com as circunstancias, o ambiente, a disparidade de seus estados emocionais, o que vale dizer que brotou absolutamente espontanea.

O POETA LÍRICO

O lirismo foi a primeira manifestação literária do estro de Tobias Barrêto.

O gênero lírico é complexo.

E' descritivo e subjetivo.

Reveste-se, quasi sempre, de uma feição de amavel intimidade.

O lirismo, enfim, é o mais profundamente poético de todos os gêneros poéticos.

Para exercê-lo não necessita o poeta de escolas nem de conhecimentos sôbre arte.

Não é preciso o arroubo eloquente da poesia épica, que só chega ao poeta com a cultura, nem o fraseado teatral da poesia dramática que ha de ser submetido a normas e preceitos.

A poesia lírica é a poesia por excelência.

E' a poesia do povo, dos cantadores ao violão, dos que *sentem* em lugar de *vêr*.

O lirismo é essencialmente idealista.

Afasta-se, intuitivamente, da realidade que se pretende, agora, introduzir na poesia.

Em romance sou um fervoroso adepto do realismo.

O romance é um retrato da vida, um doer *_____* al, destina-se, mesmo, a traduzir numa sequência verosimil, o desdobramento da vida humana.

Ha de atingir, destarte, o máximo de naturalidade, quer na movimentação do entrecho, quer na oportunidade dos traços psicológicos de suas personagens.

O romancista copia a vida.

Registra, com fidelidade fotográfica, os aspectos objetivos e subjetivos da humanidade.

Pouco se lhe importa, na verdade, quais sejam esses aspectos.

Ao romancista qualquer têma é bom.

Questão seja trabalhado com talento, com habilidade, com pleno conhecimento do assunto.

O romance moderno coloca as personagens em função do meio.

O homem tem a primazia sôbre a natureza.

O individualismo vai cedendo lugar ao coletivismo.

Os romances de Zola, de Érico Veríssimo, de Eça de Queiroz ou de Cronin, deixaram de fazer exclusivamente poesia, de olharem a vida pelo seu lado côr de rosa, traçando, assim, as características do drama humano, com seus problemas e angústias, tendências e conflitos, paixões e misérias.

O romance moderno, verdadeiramente moderno porque vai atingindo um gráu de realismo equilibrado, ha focalizado as questões do dinheiro, do judaismo, do sexo, das profissões, do proletariado, das correntes sociológicas, abrangendo, enfim, um imenso campo experimental.

A' poesia, porém, não cabe esta missão.

A poesia, a lirica principalmente, não deve observar, nem perquirir, nem indagar, nem inspecionar — deve unicamente *sentir*.

Porque poesia é sentimento e o sentimento, ao entrar em contacto com o pensamento científico, com a frieza do raciocínio filosófico, perde, imediatamente, as suas qualidades essenciais de pureza e espontaneidade.

O poeta deve sentir.

Deve procurar captar, por meio de sua intuitiva percepção, os mistérios emocionais, que, no ar, vagam através as ondas finíssimas da sensibilidade.

Tobias Barrêto sendo, como foi, um lirista puro, soube captar a poesia que emanava das fontes vitais do sentimento.

E' bem verdade que êle não alcançou fama pelo seu lirismo, sinão pelas suas estrofes condoreiras.

O gênero, pela sua feição *lamma*, não se presta ao successo bulhento.

As resonancias líricas, não conseguem, por este motivo, empolgar a generalidade e atravessar os séculos.

Que produziram os poetas mais célebres do mundo ?

Homero immortalizou-se com a *Iliada*, Virgílio com a *Encida*, Dante com a *Divina Comédia*, Tasso com a *Jerusalém Libertada*, Camões com os *Luziadas*, Milton com o *Paraíso Perdido*.

Todos escreveram epopéas e por este motivo se celebrizaram, embora, alguns dêles, como Camões e Tasso, fôsssem líricos notáveis.

Em segundo lugar poderei colocar a poesia dramática que eternizou os nomes de Shakespeare e de Goethe.

Mas, qual o poeta famoso por ter sido exclusivamente um lírico ?

Tobias Barrêto, não obstante, chegaria a ser um lírico admiravel.

O seu lirismo é um lirismo sadio, sem derrames exagerados nem queixumes excessivos.

E' justamente isto que o põe em relêvo entre os poetas do tempo.
Ele mesmo confessava que não sabia chorar :

Chorar ! Eu nunca chorei !
Ergo a fronte, aparo o raio,
desgraçado e sempre ativo,
não morro, porque não vivo,
não choro, porque não sei...

Ele seria o cantor das selvas, dos astros, dos céus, da mulher.

A sua nota predileta seria o amor.

A sua poesia, tem, mesmo, um cunho acentuado de sensualismo.

Nascido nos trópicos, trazendo, dentro em si, um sangue rico, estuante de vida, Tobias Barrêto cantaria o amor com ardência e crotismo.

Ouves ? Eu amo-te. Inda não sentiste
a mão que acaricia a sombra tua ?
Meu amor é o cismar da féra triste
fitando estúpida o clarão da lua...

Como disse, poesia é sentimento, e, justamente, por ser sentimento, é preciso que o leitor medite no verso que é a roupagem da idéa.

Tobias Barrêto, em razão de fatores étnicos e mesológicos, foi um temperamento arrebatado.

Mas se o homem era, sempre e sempre, um inconsequente, comparando-se, mais de uma vez, a um ~~compuro~~ selvagem, o poeta às vezes era tímido, e, ao envez de acariciar a mulher amada, acaricia, num embevecimento, de místico ou de louco, apenas a sua sombra.

Outras vezes, porém, o seu amor é quasi o amor primitivo, simples desejo de posse e de satisfação carnal.

Nêsses momentos êle abandona o platonismo poético e escreve versos mais condizentes com a sua formação psico-fisiológica.

De flores e sonhos forremos o leito,
num beijo, esvaídos, morramos assim !

Artur Fortes, uma das grandes vozes líricas da minha terra, enriqueceu, êste meu trabalho, com uma poesia completamente desco-

nhedida de Tobias Barrêto, que é uma quintilha que vale por um tesouro :

Meu coração batido de tormentos
é assim como um naufrago infeliz
sôbre plaga estrangeira arremessado :
todo mundo vai vêr o desgraçado,
mas ninguém comprecade o que diz...

Esta maravilhosa poesia, não está inclusa, convem notar, nos *Dias e Noites*, sendo transmitida, oralmente, a Artur Fortes, pela palavra do nosso querido e sãudoso Manuel dos Passos.

O sonêto, que Boileau dizia valer, quando bem feito, por um longo poema, poucas vezes foi trabalhado pelo estro de Tobias Barrêto.

São célebres os de Petrarca e os de Heredia.

Quem desconhece o de Felix Davers ?

Qual o brasileiro que já não leu, encantado e comovido, os de Olavo Bilac, Hermes Fontes, Cleómenes Campos, Bocage, Raimundo Corrêa, Camões, Alberto de Oliveira e de muitos outros ?

Poetas ha, como Júlio Salusse, com *Os Cisnes*, que se immortalizaram escrevendo um único sonêto.

Tobias Barrêto, se nada houvesse escrito como poeta, teria lugar, no centro da nossa literatura versificada por haver produzido um dos mais formosos sonêtos do mundo.

Não é exagero.

Ignorabimus, pela sua urdidura técnica perfeita, pela rajada de pensamento que abraça os quatorze versos, pela profundez grandiosa do conceito, pelo argumento logístico de que se reveste, conquistou, inegavelmente, entre os mais belos sonêtos da literatura mundial, um lugar de merecido relêvo.

Quanta ilusão ! O céu mostra-se esquivo
e surdo ao brado do universo inteiro...
de dúvidas crueis prisioneiro,
tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Cristo, o filho de Deus vivo,
a quem chamam também Deus verdadeiro,
veio o mundo remir do cativoiro,
e eu vejo o mundo ainda tão cativo !

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
não deixou de provar o duro freio
da tirania, e da miséria o travejo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
se o homem chora e continúa escravo,
de que foi que Jesus salvar-nos veio ?

A respeito d'este soneto, disse um escritor platino, que elle, por si só, seria capaz de jogar por terra o dogmatismo de cem tratados de teologia.

Não tenho dúvida que Tobias Barrêto fôsse uma organização poética.

Somente esta organização foi entravada, de certo modo, pelos estudos jurídicos e filosóficos, que roubaram, ao poeta, o tempo e a serenidade necessários ao aprimoramento de seus dotes.

Tobias Barrêto jamais cuidou em aperfeiçoar o seu estro.

Prova disto é a falta de uniformidade e de coesão que se nota em sua poesia.

Ela não mantém, (sinão raramente) uma linha de equilíbrio, de estabilidade, ou de nivelamento.

E' sempre cheia de altos e baixos, de relêvos e reintrancias, de conceitos admiráveis e de expressões triviaes.

A poesia *Ano-Bom*, por exemplo, tem versos verdadeiramente ridículos, versos que Basto Portela, que é, sem favor nenhum, um péssimo poeta, teria pejo em citá-los.

Raramente, como no *O Beija-Flôr*, (estou falando do lirico) o poeta consegue uma completa homogeneidade de forma e de inspiração.

Era uma môça franzina,
bela visão matutina
daquelas que é raro vêr,
côrpo esbelto, colo erguido,
molhando o branco vestido
no orvalho do amanhecer.

Esta poesia, guarda, do principio ao fim, um mesmo gráu de ritmo e de beleza, está cheia de sentimento, de sonoridade, de coloração, de ternura e de encantamento, vivificados ao sôpro de uma emoção levemente sensual.

O *Beijo-Flôr*, obra-prima do lirismo tobiano, pode ser considerada como a poesia-padrão do lirismo brasileiro : moldura larga da natureza, erotismo, delicadeza de confrontos, simplicidade, finura.

A poesia intitulada *E' cêdo* me parece decalcada do *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, ato III, cêna V.

Já que falei num escritor estrangeiro, direi, desde logo, que Tobias Barrêto foi um admirável tradutor de poesias.

Traduziu, entre outros, Victor Hugo, Hoffmann e Schiller, sendo que, dêste último, *A Lupa* é uma página de antologia.

O coração, para o cientista, será um órgão torácico, ôco, muscular e de forma cônica, principal fator da circulação do sangue.

O poeta definiu melhor o coração, esclarecendo, ao mesmo tempo, as suas tendências essenciais :

O coração também é um metafísico :
estremece por formas invisíveis,
anda a sonhar uns mundos encantados
e a querer umas coisas impossíveis...

Aquí eu desejo dar um exemplo do poder sugestivo do estro de Tobias Barrêto, criando, com beleza e elegância, imagens originais, cheias de exqu岸itice :

E os templos em êxtasis tranquilos,
erguem as tôrres, como orelhas fitas
escutando o silêncio das alturas...

Não se faz mistér uma sensibilidade apurada de artista, para penetrar, profundamente, o sentido maravilhoso dêstes versos.

Mesmo aborrecidos, temas demasiadamente explorados, consegue Tobias Barrêto, pela magia do seu talento, um traço diferente, uma concepção com sabor de novidade.

E' impossível enumerar os poetas que já cantaram a graça e a sedução dos seios femininos.

Citarei, de memória, Olavo Bilac e Castro Alves, Luiz Delfino e Baudelaire, Hermes Fontes e Byron, Ciro Costa (o autor daquela joia da nossa literatura que é *Pai João*) e Lope de Vega.

Tambem Tobias Barrêto legaria ao parnaso nacional a sua contribuição sôbre o assunto, que, em verdade, é magnífica pela felicidade da comparação :

Colo nú, seios túmidos, que lembram
rígidos papos de selvagens pombas...

Ficarei por aqui.

Se a seara é vasta e atrativa, o tempo é escasso e fugidio.

Tobias Barrêto, mesmo à luz de uma critica severa, é um grande poeta.

E, como lirico, ele foi sobretudo um sincero, qualidade, aliás, na opinião de Musset, indispensavel aos cultores do gênero.

O POETA CONDOREIRO

Eu não considero o condoreirismo como uma escola.

Ele foi, simplesmente, uma forma de transição poética.

Calara-se a lira indianista de Gonçalves Dias que enchera o Brasil de sonoridade.

Os poetas românticos do sul, que versejavam à sombra byroniana de Alvares de Azevêdo, já não interessavam, já não tocavam de perto à sensibilidade da nossa gente.

O lirismo romantico descambra para o queixume, o lamento da vida, a melancolia mórbida dos poetas do tempo.

Casemiro de Abreu deixaria imitadores.

Dir-se-ia que os poetas escreviam com lágrimas os seus versos dolorosos, tal era o encadeamento de sofrimentos, de sonhos desfeitos, de saudades cruciantes.

E não era só.

Não se limitavam os poetas ao cantarem a desilusão de viver, mas (e aí estava o sintoma mais grave) cantavam essa desilusão, esse enfado dos seres e das coisas, por uma forma demasiadamente feminina, si se pôde dizer assim.

Quando leio os versos de um poeta como Casemiro de Abreu, por exemplo, que, aliás, foi um grande poeta popular, a impressão que me assalta é de que elles fôsssem escritos por uma donzela, um tipo quasi irreel de "virgem medieval, pã... cujo cavaleiro andasse longe a combater infieis.

O condoreirismo surgiu, então, como um movimento reacionário.

Surgiu como uma maneira máscula de expressão poética.

O que eu entendo por escola do Recife será o conjunto, o foco irradiador de renovação e de cultura.

O condoreirismo, todavia, em si mesmo, foi apenas a transplantação, da França para o Brasil, da eloquência arrebatada de Victor Hugo.

A verdade é esta.

Fôra daí será fazer literatice, mero criticismo superficial.

O romantismo, na prosa e na poesia, entrara em sua fase de decadência.

Em breve iria ser substituido, respectivamente, pelo naturalismo e pelo parnasianismo.

Não seria possível que se passasse do romantismo libertário e sentimentalista à impassibilidade e rigorismo de fôrma dos parnasianos.

Se o condoreirismo não foi um elo de ligação, foi, pelo menos, uma espécie de estagio, de tempo intercalado entre as duas correntes, no qual, sem dúvida, a poesia sofreria sensíveis modificações.

Corrigiu a dolência doentia dos últimos românticos, dando, assim, uma fôrma mais vigorosa de expressão à poesia.

E se não corrigiu, antes agravou, o exagêro das imagens e dos conceitos, trouxe, não ha negar, salutar influência à poética nacional.

Que Tobias Barrêto fôsse o chefe, o introdutor do condoreirismo em nossa literatura, não ha duvidar.

Silvio Romero já o provara, documentadamente.

E' na sua feição condoreira, todavia, que o poeta se mostra mais irregular.

O Gênio da Humanidade é uma das raras composições homogêneas na forma e da idéa, mantendo, sempre, um mesmo nível de inspiração.

Sou eu quem assiste às lutas
que dentro dalma se dão,
quem sonda todas as grutas
profundas do coração ;
quiz vêr dos céus o segredo ;
rebelde, sôbre um rochedo
cravado fui Prometeu ;
tive sede do infinito,
genio, feliz ou maldito,
a Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos cres,
e o céu se azulando vai ;
estendo a mão sôbre os mares,
e os mares dizem : passai !
Satisfazendo ao anelo
do bom, do grande e do belo,
todas as formas tomei :
com Homero fui poeta,
com Isaias profeta,
com Alexandre fui rei.

Ouvi-me : venho de longe,
sou guerreiro e sou pastor ;
as minhas barbas de monge

têm seis mil abos de dôr :
entrei por todas as portas
das grandes cidades mortas,
ao bafo do meu corcel,
e ainda sinto os resábios
dos beijos que dei nos lábios
da prostituta Babel.

E vi Pentápolis nua,
que não corava de mim,
dizendo ao sol : eu sou tua,
beija-me... queima-me assim !
E dentro havia risadas
de cinco irmãs abraçadas
em voluptuoso furor...
Ansias de febre e loucura,
chiando em polpas de alvura,
lábios em brazas de amor !

Travei-me em lutas imensas,
por vezes, cansado e nú,
gritei ao céu : em que pensas ?
ao mar : de que choras tú ?
Caminho... e tudo o que faço
derramo sôbre o regaço
da história, que é minha irmã ;
Chamem-me Byron ou Goethe,
na frente do meu ginete
brilha a estrela da manhã.

E no meu canto solene
vibra a ira do Ser' :
na vida, nêsse perene
crepúsculo interior,
o ímpio diz : anoitece !
O justo diz : amanhece !
Vão ambos na sua fé...
E às tempestades que abalam
as crenças dalma, que estalam,
só eu resisto de pé !...

De Deus ao imenso ouvido
a Humanidade é um tropél,
e a natureza um ruído
das abelhas com seu mel,

das flôres com seu orvalho,
dos mōços com seu trabalho,
de santa e nobre ambição,
de pensamentos que vōam,
de gritos dalma, que ecôam
no fundo do coração !...

Mais adeante, em *Vãos e Quedas* ha esta imagem grandiosa:

A noite, esta gruta imensa,
cheia da sombra de Deus.

A Polônia, lutando pela sua autonomia, inspira-lhe um terrível conceito :

Só é grande a liberdade,
que sacode a magestade,
e arranca as jubas dos reis.

Recife, a sua Recife, teatro da sua glória e do seu tormento sugeriu-lhe, mais de uma vez, versos de um impressionante poder descriptivo, alguns dos quais, como estes, a pena de Hugo não desdenharia :

Tu tens nas unhas de pedra
cabêlo e trapo holandês...

O condoreirismo arrancou a poesia a jeremiada macilenta para um plano superior de expressão.

Roubou-a dos campos e das tavernas para as tribunas e praças públicas.

A lira transformou-se em clarim.

Foi o condoreirismo, não o "irismo, que tirou o renome poético de Tobias Barrêto.

Já acentuei a desigualdade do seu estro.

Numa mesma composição, se ha versos dignos de um verdadeiro gênio, há-os, tambem, em grande número, cheios de expressões ridículas, demonstrando, as vezes, uma visível carência de estesia.

Eu estor neste ponto, de acôrdo com Ronald de Carvalho, quando diz que a poesia em Tobias Barrêto foi um dispersivo, um brinco da sua poderosa imaginação.

E assim foi, com efeito.

Tobias Barrêto foi um poeta esmagado pelo crítico, pelo polemista, pelo jurista, pelo filósofo.

Ele, se fôra exclusivamente poeta, como Castro Alves, haveria

de polir, de aperfeiçoar, de estilizar as qualidades inatas do seu talento, e, quem sabe, se não seria capaz de rivalizar, numa mesma planura, com o magnífico poeta dos escravos ?

Creio que sim.

O condoreirismo, por outro lado, externou, pela primeira vez no Brasil, de maneira objetiva, o sentimento nacionalista.

Este sentimento que se delineara no século XVII, ao norte, quando das lutas contra o invasor, que exploderia, mais tarde, na sátira de Gregório de Matos e nas *Cartas Chilenas* de Cláudio Manuel da Costa, teria em Tobias Barrêto o seu mais autêntico poeta.

Os seus versos, como disse, são objetivos.

São simples, ardentes, heróicos, retumbantes.

E' o cantor da terra contra a Holanda, contra o Paraguai.

Porque Tobias Barrêto, vale acentuar, foi um brasileiro que se orgulhava de o ser.

Nordestino, mestiço, cantador de modinhas, poeta, tinha êle todas as características de um filho da gleba.

Ninguém desejou mais, do íntimo do coração, a grandeza da pátria :

Que outros te vejam,
grande, estendida, vastidão prostada
do Amazonas ao Prata em sono estúpido.
Quero vêr-te de pé, pisando as nuvens !
Soergue-te Brasil, fita mais alto...

Considerava seus compatriotas como seres indômitas, capazes de impôr admiração à decrepitude do Velho-Mundo :

Já viu a Europa assusta ?
gladios e cabôclos nus,
pularem grandes, valentes
vermelhos, resplandecentes,
do abismo dos ocidentes
lavados em sangue e luz !

Sôbre a guerra holandeza, ha êste fragmento, e a estrofe cheia de bravura e do valôr dos nativos :

Barrêto diz : "Somos poucos
de encontro ao troço holandez ;
que vamos fazer, ó loucos ?

Morrer inglórios, talvez..."
"General, brada Vieira,
foi minha a idéa primeira,
o passo primeiro é meu!
Morreremos neste extremo!"
Camarão ruge: "Não temo!"
Henrique Dias: "Nem eu!"

Toda a coragem leonina do norte, todo o seu desprendimento e devotado amor à pátria, está gravada nesta estrofe de uma tão admirável eloquência histórica.

Tobias Barrêto foi brasileiro até à medula dos ossos, para usar uma expressão de João Ribeiro.

Se elogiava, nos seus versos, as arrancadas heróicas da nação censurava também, com a sinceridade e a violência que lhe foram características, a mania nacional de engrandecer a natureza, isto é, a terra, as florestas, as riquezas do sub-solo.

E indagava revoltado:

Por que não te ergues, ó Brasil fecundo
por vastas ambições, por fortes brios?
Que glória é esta de mostrar ao mundo
em vez de grandes homens, grandes rios?

Foi assim o condoreiro.

Cantou a bravura da pátria, tecer odes à liberdade, propugnou pela extinção da escravatura.

Ha uns versos de Tobias Barrêto que se traçam o retrato subjetivo, expõem à luz da psicologia o seu espírito iconoclasta, ávido de saber, de penetrar os segredos e os mistérios da vida.

Terei o prazer de citá-los:

Ante o vulto das montanhas,
que pousam na solidão,
De sondar-lhes as entranhas
há como uma tentação
que nos diz: ali ha ouro!
De certo, quanto tesouro,
nã se pudera encontrar
sob os montes arrazados,
sob troncos derrocados
e até nas bases do altar?

Quem procura e interpretar o sentido destes versos, com inteligência e finura, ha de convir no que asseverei.

E' evidente o seu simbolismo.

E não saberia o Homem, com clareza, toda a Verdade, se as montanhas dos preconceitos rolassem, se os poderes temporais deixassem entrever um ideal mais humano, se os dogmas teológicos fôsem substituídos por proposições passíveis de raciocínio e de compreensão ?

Tobias Barrêto, como condoreiro, às vezes foi grandioso, eloquente, digno de figurar, sem desdouro, ao lado de Victor Hugo ou Castro Alves, às vezes, inseguro, falhando esteticamente, falhas próprias de um temperamento tumultuário, absorvido, sempre e sempre, por mil coisas, tendo que enfrentar sozinho um jornadaio rude, no qual, muitas vezes foi atingido cruelmente pela mão da inveja, da ignorância e do despeito.

O POETA SATÍRICO

Tobias Barrêto foi um dos maiores satíricos das nossas letras. O povo, porém, lendo seus versos contra A ou B, o julga um simples humorista.

A verdade, todavia, é que elle nunca foi um humorista.

Foi, pelo contrário, um grande satírico.

Para não dizer que não conheço produção humorística de Tobias Barrêto, direi, muito sinceramente, que só conheço uma: *Papel Queimado*.

Já que ha dúvida, ou, melhor, uma certa confusão entre o que seja humorismo e que se deva entender por sátira, farei com que este assunto fique esclarecido.

A sátira é uma coisa muito diversa do

O humorista é ~~es~~geralmente um ~~satí~~risa, um displicente, alguém que ri dos aspectos cómicos da existência.

O satírico é quasi sempre um rebelado, um inadaptado, alguém que expõe à luz do sol as verdades amargas da vida.

O humorista é o que zomba, o que ironiza, o que mófa; o satírico é o que fere, o que insulta, o que escarnece.

O humorista usa a pena como quem maneja uma flor-de-lua, a lâmina delicada que mal atinge a superfície da epiderme; o satírico empunha a pena como quem sustem um estilêto em braço, a arma que penetra fundamente e que faz sofrer.

O humorista é o vencedor, o que não encontrou i-pecilhos, e que, por isso mesmo, faz troça das vicissitudes alheias, e veladamente da tragi-comicidade dos homens.

O satírico é o vencido, o seguiu uma trilha espinhosa, o que, por este motivo, vinga-se da vida com o prazer sádico de chicoteá-la.

O humorismo é o condensamento da hilaridade, a sátira é a cristalização da revolta.

Um gênero é leve malicioso, despreocupado.

O outro é verdadeiro, mordaz, desgracioso.

São humoristas : Anatole France e Machado de Assis.

São satíricos : Gregório de Matos e Voltaire.

Sob a capa do humorismo está o riso largo e feliz.

Sob o manto da sátira está uma ferida que sangra.

O humorista é um resignado, um homem que aceita a vida como ela se lhe oferece, o que se dobra aos seus caprichos e vontades.

O satírico é um insubmisso, o que sentindo a injustiça do destino põe-se a blasfemar, põe-se a injuriá-lo.

Ambos, porém, têm uma certa dose de pessimismo.

Ambos, à primeira vista, parecem de fundo essencialmente cômico.

Aí, precisamente, no que difere um gênero do outro.

O humorismo é de fato um gênero literário que provoca o

A sua finalidade é mesmo esta : apontar erros e falhas da sociedade, pôr em relevo o lado caricato dos homens, muita vez com intenção de reformar, de moralizar, de educar o povo ; muita vez com o intuito exclusivo do chiste e do ridículo.

Eça de Queiroz foi um humorista que procurou reformar os costumes da sua terra, escrevendo, sem vida, uma das obras mais notáveis do século XIX nesse sentido.

Bastos Tigre, nosso patricio, é que poderei chamar de um humorista puro, isto é, o que não possui outra intenção sinão a de fazer rir.

A sátira, porém, embora quasi sempre presente com essa feição humorística, não possui no fundo, a intencionalidade da chalaça.

O que a provoca, como já expuz, é a revolta, é a indignação.

Ela forma-se, no escritor, por uma espécie de recalçamento psicológico.

Esse complexo, integrado no homem de talento por sucessivas injustiças de ordem racial ou política, econômica ou literária, acaba por explodir no dito ferino, sarcástico, insultuoso, que, no poeta, se transforma no gênero literário correspondente.

Tobias Barreto não poderia deixar de ser, como foi, um poeta satírico.

Mestiço e pobre, inteligente e culto, humilhado na sua condição

social, preterido nos seus direitos, êle haveria de desabafar, pela sátira, toda a sua bilis.

Em 1887, pouco mais ou menos, a campanha abolicionista havia chegado ao seu maior gráu de intensidade.

Em Recife, em uma roda em que se encontrava Tobias Barrêto, alguém elogiava a figura de Joaquim Nabuco achando elegante a sua maneira de discursar sempre com as mãos no bolso.

O poeta, então, de improviso, versou :

Falas de mão nailharga,
qual figura de entremez,
como quem dança a Caxucha,
ou quem bate o solo inglês,
O que dizes não tem senso,
o que escreves não tem suco :
és um cômico medíocre,
não sejas besta, Nabuco.

Tobias Barrêto não gostava de Joaquim Nabuco.

Êle Tobias, era pobre, feio, caluniado, ao passo que, o outro, era um homem feliz, acatado, fisicamente belo, livre de preocupações de dinheiro, elaborando, "dalgamente", a resumida e perfeita obra literária que o haveria de immortalizar.

O rei reina e não governa é uma das melhores sátiras de Tobias Barrêto.

Êle achava que D. Pedro II era um imperador que deixava governar pelos políticos.

O poeta prefereria, como elle, Hermes Lima, que o imperador puzesse de lado as ficções constitucionaes e assumisse a liderança ativa, estensiva da nação.

Lançou, por isso, as estrofes da famosa sátira que termina assim :

Só vejo que bem nos quadre
no trono algum animal
que coma e viva deitado :
o porco : exemplo acabado
do "rei constitucional"...

Ao juiz de Laranjeiras, Sergipe, formado em Recife, magistrado

pretencioso, procurando, sempre e sempre, meios de revelar uma cultura que não possuía, Tobias Barrêto lançou estes versos :

Ha um Recife uma bela
que tem amantes nos mil
e chama-se a Academia :
sempre a parir todo o dia
de filhos enche o Brasil...

Um outro juiz de direito — o da comarca de Escada — foi também vítima da veia satírica do poeta, que era, num processo de defloramento, advogado da ofendida.

O juiz, porém, desapronunciou o réu, achando que o crime não era o do art. 219 do Código Criminal do Império, desde quando, constava dos autos, que *entre o réu e a vítima houvera apenas um simples namoro e que namoro não era crime.*

Tobias Barrêto, tomado de justo furor pelo desenlace do processo, escreveu os versos de *Namoro não é crime* :

*Considerando que as flôres
existem para o parir,
e as mulheres para os homens
na opinião do juiz ;*

*considerando que as moças
ariscas como perdiz,
devem ter seu perdigueiro
na opinião do juiz ;*

*considerando que a gente
não pode viver feliz
sem fazer seu namorado
na opinião do juiz ;*

*amemos todos, amemos,
é Cupido quem o ciz ;
pois namoro não é crime
na opinião do juiz.*

E' sabido que na Faculdade de Recife, naquela época, ocorrem mais de um facto escandaloso.

Pessoas invistidas em altos cargos administrativos, em prejuizo e manifesto desrespeito aos que estudavam e faziam sacrificios, conseguiam facilmente o gráo de bacharel.

Um funcionário superior de uma repartição fiscal bacharelou-se, ao que se diz, no prazo de um ano.

Um ano não ! exclama Tobias Barrêto com a sua vibrante voz : *onze mêres apenas. Onze mêses, aliás, é tempo suficiente para a gestação de uma besta.*

Isto era um brado íntimo de revolta.

Os poderosos conseguiam, sem esforço e sem mérito, o que elle próprio lutara exaustivamente para alcançar.

Na polémica travada com José Higino foi farta a messe de sátiras.

De certa vez atirou-lhe Tobias Barrêto um soneto do qual citarei apenas os tercetos :

Aplaudir-te as sandices e asneiras,
podem colegas, podem Codeceiras,
em que o Arqueológico se inunda.

O licôr dos taus áulicos não bôbo.
Holanda inteira reduzida a sôbo
jamais te servirá de unguento à tunda.

A referência a colegas e a Codeceiras, explica João Barrêto, que se lê no primeiro terceto, prende-se ao facto, então corrente, de que os próprios professores da Academia de Direito formavam no grupo dos detractores de Tobias Barrêto, assim como se ocupa de um velho sócio do Instituto Arqueológico, que também se julgava com a devida cultura para criticar o mestre e suas obras.

Holanda inteira reduzida a sôbo é uma ironia a propósito de se dizer José Higino entendido em cousas daquella.

E' da história a *canção do Lobo*, que terminadas as provas de arguição do dia, um estudante, que escrevia versos na parêde de um corredor, vendo Tobias Barrêto passar, fez-lhe este pedido :

Ilustre doutor Tobias,
uma rima pra camêlo ?

O poeta respondeu immediatamente :

Queres, assim, de repente,
uma rima pra camêlo ?
Francisco Gomes Parente
doutor de borla e capêlo.

Esse Francisco Gomes Parente, procurara, no concurso da Escola de Direito, ridicularizar o poeta numa arguição.

Compreende-se, isto explicado, o alcance dos versos acima.

Indo à Missão, em tempo de rapaz, onde havia um vigário de nome Faro Leitão, disse o poeta aos companheiros que o cercavam :

Bicho de *faro* é cachorro
filho de *porca* é *leitão* ;
quem ligou as duas raças
nesta igreja da Missão ?

Discutindo com o padre Fonsêca, do Maranhão, Tobias Barreto atirou ao reverendo estas quadras, que são, em verdade, terríveis no seu desafio :

Oh ! que padre danado,
só é Fonseca
columna ecclesiae
do Maranhão...

Ele cospo, ele baba...
Mas já se sabia
que o padre é grande
na *onania*...

A sátira, repito, é a cristalização da revolta.

Essa feição poética não poderia deixar de existir na lira de Tobias Barreto.

O sábio sergipano teve a consciência incerta de sofrimentos e lutas, de decepções e de angústias.

Tinha contra si o ser pobre, mestiço e talentoso !

Não a lhe perdoaram a côr.

Era amado, desdenhosamente, o negro, o mulato, como se todos nós, brasileiros, tivéssemos a estúpida pretensão nazista de nos considerarmos arianos.

Seu talento, todavia, foi a principal causa de tantas e tamanhas amarguras.

Em torno dele floresceu o parasitismo da inveja, do despeito, do ataque brutal e deshumano.

Fôra preciso o seu temperamento combativo para fazer frente, dia e noite, à maldade assanhada dos cretinos.

Aquele que fôra o reformador do panorama literário da sua terra, aquele que ensinara o Brasil a pensar por conta própria, aquele que derrubara os preconceitos bolorentos do direito natural, aquele que resculhara o pensamento filosófico da sua época, aquele que fôra, enfim, o paladino da cultura e da inteligência, viveu, todavia, os últimos dias da sua vida — como dói dizê-lo ! às expensas da caridade pública como um mendigo qualquer.

Mais de uma vez, para maior tortura do mestre moribundo, lançaram os seus inimigos, aos quatro ventos, a notícia da sua morte.

Espírito atormentado, incompreendido, infamado, combatido, Tobias Barrêto foi um satírico por imperativos de ordem psíquica.

Porque a sátira, em verdade, é o único gênero literário que não é espontâneo, é provocado.

Não nasce da inspiração, mas da revolta.

E eu creio, sinceramente, que Tobias Barrêto possuiu grandes razões para ser um rebelado, e, conseqüentemente, um satírico.

Meus senhores : Tobias Barrêto foi um grande poeta !

Foi um farol que luziu no centro da brasilidade, e, cujos reflexos, por um milagre de eternização luminosa, não se esmaecerão jamais !

Contribuição do Departamento de
Propaganda e Divulgação do Es-
tado sob a direção do Bacharel
João Marques Guimarães ———

TOBIAS BARRETO (O POETA)

*Discurso proferido ao microfone da P. V. D. 2,
pelo sr. Ezupêro Monteiro, em nome da Academia
Sergipana de Letras, na noite de 5/6/939*

Falar de poetas e de poesia ainda é um suave derivativo.

Feliz do que não tem a alma de todo embotada nos apêlos da fantasia e consegue debruçar-se, por instantes que seja, sobre o patrimônio aurífero que nos legaram os deslumbrados viajores da eterna Canaã.

Poesia! Terra encantada, cuja magia faz prisioneiros os que visitam. Inconsistente como o sonho, efêmera como a felicidade, eterna como o desejo de ser feliz.

Poesia! És troféu e és corôa de espinhos, afagas e lancinas, és dôr e és prazer.

Fruto acidulo da realidade conjugada ao ideal, inebrias de mil fôrmas.

És carinho e és vingança. Quem te colheu na árvore do sofrimento, não sabe o mesmo gosto e quem te saboreou na árvore do prazer.

Hugo fez de ti uma catapulta. Ovídio fez de ti um canto.

Dante serviu-se de ti para a sua peregrinação ao "Inferno". Heine, para as coisas do coração.

Deslizas, simplesmente mûrmuro, nos versos de Casimiro. És uma cavalgada em marcha nas canções de Castro Alves.

Arrelias-te de flôres e perfume, mas não os dás senão a poucos eleitos.

Ciosa de teus dons, não os repartes a não ser pelos magnatas do Gênio, que sempre fôram os míseros da Fortuna.

Nem todos que te cortejam conhecem-te os segredos.

Inviolável à turba multa, raros dos que te confundem as ameias ingressaram-te o recinto.

Safo e Corina fôram tuas sacerdotisas.

Esquilo, Píndaro e Homero fôram teus íntimos.

Anacreonte bebeu do teu vinho.

Iluminaste a noite escura de Tasso, o cárcere de Wilde, a requeira de Milton.

Presenciaste, dolorosamente comovida, a decapitação de Chenier; assistente exultante, no Capitólio, a corôação de Petrarca.

Enxugaste as lágrimas de Gonzaga e o suor da agonia de Camões.

Estiveste ao lado de Cristo por ocasião do Sermão da Montanha e acompanhaste o Pobresinho de Assis pelas estradas poeirentas da Umbria.

Com Byron combatestes nas muralhas de Missolonghi; foste a companheira de Hugo no exílio.

Entristeceram-te o afogamento de Shelley, o suicídio de Quental e a morte de Pouskine, em duelo.

Choraste com Leopardi, gargalhaste com Rabelais, mergulhaste, fundo, na alma humana, com as creações de Shakespeare.

Amaste e foste amada de Villon e Keats, Malherbe e Klopstock, Goethe e Wergeland, Junqueiro e Campoamor, Chocano e Dario, Bashô e Tagore, Almafuerte e Verhaeren, Hermes Fontes e Bilac, Carducci e Vicente de Carvalho.

Tomaste parte nas libações de Verlaine e Baudelaire, e com eles percorreste as vielas de Paris; estiveste na Provença com Mistral; testemunhaste os desregramentos de Musset e velaste as noites atormentadas de Poe.

Privaste com os trovadores, os jograis, os "escaldas", como já havias privado com os rapsôdos e aêdos da Grécia.

Creaste as esgas e os "lieder", as canções de gesta e os fados, as barcarolas e os "ranzes", os lundús e as modinhas brasileiras.

Vives nas estrofes românticas, nos versos parnasianos e até nos "haikai" dos japoneses.

Não é na indumentária que te assinallas, tens raízes no coração e no cérebro.

Não és tão pouco a fôrma, és também a essência.

Amam-te as galas, outros a nudez esplendente. Whitman e Herédia, Mallarmé e Longfellow, Calderon e Goethe, amaram-te com diferente amor.

Alencar, sem escrever um verso, privou mais contigo do que Durão, que escreveu milhares.

Anchieta, como o seu apostolado foi mais poeta do que ao traçar na areia o nome da Virgem.

Varela o foi igualmente, como andarilho e ao escrever o "Evangelho das Selvas".

Senhores:

O Brasil vê transcorrer este ano três centenários de grandes vultos das nossas letras. E, assinalando-os, comemora três atitudes poéticas. Casimiro com o romantismo; Tobias com o condoreirismo;

mo ; Machado com o parnasianismo. (1) Qual dos três o maior ? Dificil a resposta, e não me cabe dá-la. Exigiria minucioso estudo, exorbitando de uma simples palestra radiofônica. Além de que, em questões de arte, não creio possamos ter nunca a última palavra. Disso convencido, deixo que falem os estetas e os críticos, bastando-me à satisfação do espírito a homenagem que, com prazer, costumo prestar às expressões realizadoras da inteligência da minha pátria.

Entre estas, avulta Tobias Barreto de Menezes, figura inconfundível e cada vez mais vivo como afirmação potente da inteligência brasileira.

Poderemos discordar da diretriz do seu pensamento. Mas... "Quid est veritas ?"

A essa interrogação o próprio Cristo respondeu com o silêncio.

Na ordem das idéas hão de se suceder sempre os sistemas filosóficos, sem que o homem adiante um centil para a consecução da verdade irrefragável.

O que nos cumpre é situarmos a vida dentro da realidade palpável das coisas, mal não fazendo, porém, que a doiremos de um pouco de sonho e idealidade.

Foi, em parte, o que fez Tobias Barreto, espírito por feição mal adaptado às mesquinhas da vida, mas bastante forte para aceitar a luta, e, das suas vicissitudes, ainda entoar um canto. (2)

(1) Aliás os três foram românticos a seu modo. Casimiro de Abreu representa, porém, a fase aguda e agônica dessa escola, como é geralmente compreendida, e que com ele desaparece. Tobias Barreto exprime-se com um romantismo diferente, mais viril, remando em sua seiva, agitado por vezes pelos problemas sociais, porém revolucionário em essência, e diligequente na forma, pelo jogo desordenado das anáforas, das metáforas indizes, das hipérboles ruidosas. Machado de Assis, mesmo na sua primeira fase, atravessou quase incólume o condoreísmo, para se firmar, espírito meduloso que era, no parnasianismo.

(2)

Ai ! v... "me cansar"
Que triste lidar sem...
Tudo à força do meu braço,
Ninguém se condói de mim...
Dex filhos ! Quanta avestruz
Nesta pobreza mesquinha !
Rola, oco bem, filha minha,
Traz-me o meu bandolim.

A noite é bela : a baunilha
Deita aromas ao luar ;
Anda, não ouviset, filha ?
O bandolim... vai buscar :
Das minhas dores, maguadas
Pelas auras perfumadas,
Quero expandir as toadas,
Que a noite fazem chorar...

Mulato, pobre, feio, e, além do mais, cheio de talento, a vida lhe foi um sarsal.

E' que a sociedade muito de máu grado, e sempre de cenho carregado, suporta a petulancia dos que se querem afirmar por si.

Tobias possuiu em alto gráu essa petulancia. Foi uma das faces marcantes do seu espirito. E si dissabores lhe custon, si pedras lhe atiraram, com elas construiu o altar do seu renome, que os séculos não destruirão.

Dêsse entreechoque surgiu, logicamente, o polemista audaz e vigoroso, como teria de surgir o filósofo, sempre faminto de novos conhecimentos, a querer abarcar o universo num golpe do seu olhar de águia. Com o filósofo e o polemista o reformador, o insatisfeito, na poesia e na critica, no direito e na ordem geral das idéas.

Debrucemo-nos, porém, apenas sôbre o poeta, fase inicial da sua actividade nas letras. Que outros, mais capazes, estudem o pensador e dissecador de idéas, o jurista e o polemista, o orador e o crítico.

Baste-nos a parte mais suave da sua obra. Mais não permitiríamos esses rápidos minutos com que me incumbiu a Academia Sergipana de Letras de vos ocupar a attenção.

Como poeta, Tobias tem sido pouco estudado, e sempre com uma certa animosidade. Entretanto, vai nisso muita injustiça. (3).

Esqueçamos equiparações, questões somenos, como a da prioridade na escola condoreira, a que deu tanta importância Silvio Romero, e, alma desvencilhada de julgamentos preconcebidos, leiamos com desejo de comprehender e de sentir várias das suas produções poéticas.

Não seja em Virgílio dessa escalada luminosa, pois para tanto me falta o espirito de Guia.

Cada qual, além disso, tem preferências estéticas e não acredito que volte com o cabaz vazio quem de alma aberta se aproxime do seu celeiro.

Ha um ponto persistentemente errôneo da critica ao estudar Tobias Barreto como poeta. E' o limitar a sua ação ás metáforas da poesia que não a se chamar, no Brasil, "condoreira", e de cuja

(3) Ronald de Carvalho, espirito sempre elegante, lhe faz porém justiça, não o sobrepondo a Castro Alves, como o queria Silvio, e o que seria um absurdo, mas considerando-o mais "correto" e mais "ponderado no seu lirismo" do que o "Cantor dos Escravos".

transplantação, si transplantação houve, foi um dos grandes pioneiros. (4).

Como tal, surge de logo a equiparação como o seu émulo, Castro Alves, da qual sai diminuída a sua figura, pois jamais procuraríamos, não apenas em Tobias, mas talvez na poética universal, poemas que sobrepujem "Vozes d'Africa" e "Navio Negreiro".

Esse foi integral e verdadeiramente um gênio da poesia, mas só isso, o que não é pouco, e Tobias, além do mais, foi também um autêntico poeta. Grande, certamente, e digno de ser ainda apreciado, tanto na melhor expressão do seu lirismo, — a sua face hoje talvez mais digna de apreço, — como na retumbancia sonora de algumas estrofes de fogo, estrofes com que forjou raios, conseguiu levantar multidões, e o fizeram amado e aplaudido :

*"Tinem os músculos de aço
Do brasileiro valor ;
O herói levanta o braço
Clamando : esperai, Senhor !
Tudo nosso, nada alheio !...
A sorte vá neste meio
Não penha o seu pé fatal :
Tendo os auxílios divinos,
Chamar-nos-ão de mofinos !...
Senhor, sede imparcial !"*

ou :

*Barreto a. : "Somos poucos
De encontrar ao troço holandês ;
Que vamos fazer, ó loucos ?
Morrer inglórios, talvez..."
"General, brada Vieira,
Foi minha a idéia primeira,
O pa...ro é me..."
Morreremos neste...
Camarão ruge : "não temo !"
Henrique Dias : Nem eu !"*

(4) Em 1862, quando aportou em Pernambuco, levou como cartão de apresentação a sua celebrada ode "A' vista de Recife". A êr-se hiberbólica atinge aí o mais alto grão ; mas sendo uma linguagem nova não tardou em encontrar adeptos, que chegaram às vezes a ultrapassá-lo, não só em beleza e grandiosidade, como em extravagancia. Castro Alves foi um deles e, incontestavelmente, a mais alta representação dessa fase da nossa existência poética. "Os Voluntários Pernambucanos", "Capitulação de Morcavidéu", "Partida de Voluntários", "Sete de Setembro", "Em nome d'uma pernambucana", "Vôos e Quedas", "A' Polónia", entre tantas outras, possuem em alto grão as virtudes e defeitos do gênero.

Dentro da escola declamatória de Vitor Hugo, (5) cujos "Contemplações" dizem ter influido no seu modo de poetar, entoou Tobias Barreto esses cantos marciais, especialmente concernentes à guerra do Paraguai, então no auge.

Tal gênero de poesia, creado em determinado momento histórico, passa quase sempre com o momento que o inspirou.

Mesmo assim, muitos desses versos ainda nos tocam a fibra patriótica, pela vibração das suas hipérboles incandescentes, embora se veja hoje amortecida a su'alta ressonancia no quebramar das diversificadas emoções que governam o espirito do nosso tempo. (6)

(5) O "condoreirismo" de Tobias não foi uma simples attitude exterior. Sim, a natural expressão de su'alma, a eloquência inata do seu espirito, que ressumbra e se exterioriza no tom másculo dessa escola, forjando estrofes líricas ou patrióticas. Por isso não poderia deixar de ser sincero, e as leituras que fez de Vitor Hugo, revelariam apenas o que já lhe era intrínseco ao ser. As suas poesias, desde cedo, traziam o gérmen disso que, talvez impropriamente, se veio a chamar escola condoreira. A' presumida influencia de escolas, devemos sobrepôr o temperamento dos poetas, que ha de ser sempre preponderante. E explica isso ter sido Tobias Barreto um poeta desigual, encontrando-se-lhe na obra coisas bellissimas ao lado de outras de valor bem precário, e às vezes numa mesma composição. Poesias integras, como um bloco inteiro, capazes de manter o nosso enlevo ou a nossa exaltação de começo a fim, não lhe faltam, é verdade, e são entre poucas outras: "O Beijo Flôr", "O Génio da Humanidade", "Os trovadores das selvas", "Suprema Visão", "Contemplação", "A Caridade", "Idéia", "Leocadia", "O Beijo", "Porque me feriste?", "Oh! isto mata", "Cena Sergipana", etc. Mas, ainda assim, isso não prova não ter sido Tobias um poeta irregular, desigual expressão magnífica de um temperamento inquieto e anfractuoso. "Os Taboas", por exemplo, que inicia com versos encantadores, descai, para o fim, em versos descriptivos. E é essa a ordem geral, principalmente nas poesias em que o entusiasmo predomina.

(6) Alguns exemplos mais:

Para estes vultos bellantes
Morrer... é não combater;
E' apertar-se uns instantes,
Do vale ao fundo descer,
Ficar a noite estrelada
E, à espera d'outra alvorada,
Dormir nos copos da espada,
Deixando o sangue escorrer!

.....

O Brasil, de coma intossa,
Dorme e deixa-se afagar;
Macio, qual pelo d'onça,
Não se queiram insultar...

Fugindo desses versos de circumstancia, e ainda dentro da escola "condoreira", compreendida esta principalmente no seu real papel de oxigenadora do ambiente em que se debatia, lamurienta, a sua predecessora, temos, entre tantos outros, os versos de bronze do "O Gênio da Humanidade", ressoando, eternos, a glória de quem os forjou :

*"Sou eu quem assiste às lutas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração ;
Quis ver dos céus o segredo ;
Rebelde, sobre um rochedo*

.....
*Não fala, não ri, não medra
Contigo estranha altivez ;
Tu tens nas unhas de pedra
Cabelo e trapo holandês...*

.....
*A vida é uma leitura,
Quando a espada fulgura,
Quando se sente bater
No peito hevíca pancada,
Deixa-se a fôrça dobrada
Enquanto se vão morrer...*

.....
*A pátria chamou-os. O espectro da morte
Lançou-se e nuseram-se a rir...
Chamára-os de novo... da mais forte
Soou-lhe no peito : quiseram partir...*

*Sentiram-se presos. De um ímpeto os laços
Rebentam-se todos nos seus corações ;
Int'resses, afetos, caprichos, abraços,
Cadeias de palha não prendem leões !*

A exaltação do patriota, porém, sofre profunda variante ao término da guerra. É aquêlê que arregimentou batalhões ao calor das suas estrofes, diz em "Volta dos Voluntários" :

*"E, oxalá que em algum dia,
Tendo saudades da morte,
Não clameis : feliz a sorte
Dos que não voltaram cá !"*

*Cravado, fui Prometeu :
Tive sede do infinito,
Genio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.*

*Ergo o braço, uceno aos ares,
E o céu se azulando vai ;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem : passai !
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do belo,
Todas as fôrmas tomei :
Com Homero fui poeta,
Com Iscías profeta,
Com Alexandre fui rei.*

.....

*"Travei-me em lutas imensas,
Por vezes, cansado e nú,
Gritei ao céu : em que pensas ?
Ao mar : de que choras tú ?
Caminho... e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da história, que é minha ir mãe ;
Chamem-me Byron ou Goethe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrela da manhã".*

Esse arrobo, essa altice, esse entusiasmo, tem raiz no nosso sangue e fez-se na época necessária como reacção ao subjectivismo piégas, ao romantismo choramingas, que agonizava por falta de sangue renovador.

Aliás, digamos entre parentesis, o exagero tem sido o apanágio de todas as escolas poéticas, que se iniciam.

Foi assim com o romantismo, quando succedeu ao classicismo, com o parnasianismo succedendo ao condoreirismo, com o simbolismo e, mais do que todas, com o futurismo.

A pátria mereceu de Tobias Barreto especial carinho. E esse carinho não se entremostra, não se revela apenas em louvores. Muitas vezes o verdadeiro amor se afirma diferentemente. Assim é que,

si com ela se exaltava, com ela fremia nos grandes dias, por ela também se inquietava :

*"Porque não te ergues, ó Brasil fecundo,
Por vastas ambições, por fortes brios...
Que glória é esta de mostrar ao mundo
Em vez de grandes homens, grandes rios?"*

Mas, juntamente com essas cordas ressoantes de energia, encordadas para o bom combate, possui Tobias Barreto umas outras, bem diferentes, as cordas de oiro da sua lírica, que dedilha com virtuosidade, harmonia, doçura de tons.

Tobias foi um poeta de grandezas e de ternuras.

Condôr e juriti.

Está muito romantico, mas deixai que passe...

Com os remígios daquêlê, fez-se Tirteo, com os arrulhos desta compôs canções de amor.

*Amar é fazer o ninho,
Que duas almas contem,
Ter mêdo de estar sosinho,
Dizer com lágrimas : vem,
Flor, querida, noiva, esposa...
Cabemos na mesma lousa...
Juliêta, eu sou Romeu :
Correr, g'itar : onde vamos ?
Que luz ! que cheiro ! onde estamos ?
E ouvir uma voz : no céu !*

Como todo tropical, foi exaltado. E, consequentemente, uma alma passível de grandes afetos e paixões. (7) Estas, vibráteis, transbordantes. Aqueles, veludosos, ternos, suaves

(7) Estão aí a attestá-lo as estrofes que dedicou ás cantoras Libia Drog, Júlia Tamborini, Giuseppina de Senespleda, Ida Giovanni, a Augusta Cortesi, - Bottini, a atriz Adelaide Amaral, ao ator Joaquim Augusto, aos pianistas Aruti Napoleão e Hermenegildo, ao flautista Reichert, ao rabecquista Muniz Barreto, alguns dos quaes fôram bisados nos seus aplausos poéticos, e quasi todas, parece-se, figuras de segunda e terceira ordem, mas transfiguradas e elevadas pelo seu entusiasmo e admiração á categoria de *gênios*. De muitas delas só resta mençôria na invocação dessas exaltadas estrofes. Isso, entre outras cousas, serve para provar que Tobias não era apenas um espirito demolidor, dêsses que hoje não escasseiam, prontos, na sua fatuidade, a mal dizer de tudo. Ele sabia aplaudir com transbordamento, até excessivo, o que lhe parecia ser talento, o que lhe tocava a emoção :

*Quem pôde dizer-te avante ?
Nesta altura é só deixar,
Como sombra de gigante,
Larga a fama se estirar...*

*"Um riso, um gesto, umas palavras doces,
Eis a riqueza do teu grande amor!...
Si Deus quizesse reduzi-la a orvalho,
Não ensopava a pet'la de uma flôr..."*

*Entretanto, minha alma, que te adora,
Esta alma que a teus pés caiu ferido,
Nesse pinga de amor, quase invisível,
Acha gosos dos céus, que lhe dão vida!...*

Levemente brejeira em "O beijo" e "Cena Sergipana", humorística em "Papel Queimado", satírica em "O rei reina e não governa", naturalista em "Lenda Rústica", regionalista em "Os Tabaréus" e "Trovadores das Selvas", amorosa e patriótica em tantas e tantas produções, amargurada e filosófica em tantas outras, a poesia de Tobias Barreto móstra-se de uma delicadeza sem par no painel adorável do "O Beija-flôr":

*Era uma moça franzina,
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.*

*No vivo abismo em que tocas,
Amarras, prendes, sufocas,
As ansias do mundo réu;
Calando as vozes da terra,
No ouvido que se descerra,
Fazes entrar todo o céu!*

Coerentemente, desancava com dureza — já ser errôneo, ou o que lhe feria a personalidade, servindo para isso de uma potente veia satírica, de todas conhecida e não raro manejada:

*Um velho feito menino,
Por força da caduquice,
Quer lutar... Oh! que sandice
Fradeiros, tocai o sino,
Não julgueis que é desatino
Taxá-lo assim de sandeu;
Si em discussões se meteu,
Para tomar uma sóva!...
Carólas, abri-lhe a cova,
Que o Católico morreu.*

A fluência desses versos diz do seu extraordinário poder de improvisação, de que também fez uso algumas vezes.

E o poeta fantasia uma luta, travada por ela com o ágil passarinho, o beija-flôr, que lhe quer roubar um beijo da polpa rubra do lábio. Resiste, esquiva-se a moça... Mas, conclui o poeta :

*Forte luta, luta incrível
Por um beijo ! E' impossível
Dizer tudo o que se deu,
Tanta coisa que se esquece
Na vida ! Mas me parece
Que o passarinho venceu !...*

Esse quadro ainda está esperando pelo pincel de um grande pintor.

Pela leveza das tintas, rapidez e segurança dos traços, e por todas as suas cambiantes, é uma das mais belas páginas do lirismo brasileiro.

Porque, pois, quando falamos de Tobias lembrarmos apenas o poeta retumbante das ruas e das disputas com Castro Alves no Teatro Santa Isabel, (8) grande é verdade, esquecendo-se, porém, o lírico poeta da natureza, que lhe foi talvez superior ?

Si a vida atribulada de Tobias Barreto de Menezes, na sua função social, falta fariam as estrofes retumbantes da fase da guerra do Paraguai, ao seu renome de poeta maior falta devem fazer outras produções, sempre esquecidas pelos faiscadores das nossas letras.

(8) Castro e Tobias, colegas de Faculdade e amigos, desavieram-se, dividindo-se com alguns colegas nas suas preferencias em torno das atrizes Adelaide do Amaral e Eugénia Câmara. E em homenagem à sua preferida, Tobias declarou de um dos camarotes do "Santa Isabel" algumas estrofes, sendo a primeira alusiva aos amores de Castro Alves com Eugénia Câmara.

*"Sou grêgo pequeno e forte
Da força do coração,
Vi de Sócrates a morte,
E conversei com Platão ;
Sou grêgo ; gosto das flores,
Dos perfumes, dos rumores ;
Mas minh'alma inda tem fé ;
Meus instintos não camago,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Friné..."*

Retrucou Castro Alves, aludindo a Tobias, e a Adelaide, que era casada :

*"Sou hebreu, não beijo as plantas
Da mulher de Putifar..."*

Era assim a mocidade daquele tempo.

O lirismo de Tobias é dos mais sadios da lirica brasileira. (9)
Nêle sempre as idéas, os belos pensamentos, ocupam o seu lugar, não
o dando de todo ao coração, por mais que este o exija :

*Será talvez um mistério
Que a beleza e a inocência
São feitas da mesma essência
E os mesmos raios contém ?
De unir a rosa ao espinho
Será de Deus um engano,
Ou tudo que é sobrehumano
E' deshumano também ?*

Outras vezes ressalta o romantico, que em companhia da sua
Diva, deseja :

*No ninho das rolas castas,
No calix das flôres puras
Guardar as nossas ternuras
O nosso morrer de amor.*

Absurdo o desejo ? Não importa !

*O coração também é um metafísico :
Estremece por fórmulas invisíveis,
Anda a sonhar nos mundos encantados
E a querer umas cousas impossíveis"...*

Ao lado dessa poesia do coração, leve e cantante, os grandes pro-
blemas metafísicos e os da Humanidade, perpassam persistentes.

*"Para a alma entenebrecida,
Pelos mistérios perdida,
Sem fé, que vale a razão ?
E' como a tocha tremendo
Que a Sonambula inocente
Lêva na pálida mão.*

(9) E surge potente desde 1857, com "Cena Sergipana". Os versos
que dedicou a Leocádia, na sua quase totalidade, são formosíssimos. Constituem
por si só um pequeno florilégio.

O seu subjetivismo romântico, pois também o teve, jamais revelará a deli-
quescência de tantos outros vates. Vejam-se poesias típicas, como "Teus
olhos", "Súplica", "Malévola", "Ainda e sempre", "Incrédula", e não en-
contraremos o choro fúgar que se fez hábito entre os românticos amorosos.

*"Mas o homem... que emudeça,
Que se contente em chorar,
Joelho, curva e cabeça,
E deixe-se coroar...
Corcar de espinhos duros
Cercar de dias escuros,
Por isso o que se lhe dá ?
Ah ! como é trêmula a treça
Firmada na recompensa
Diferida para lá ! (10)*

(10) Poderia acrescentar muitos versos, mas vão apenas estes :

*" Si Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Si ele consente esse crime,
Que se chama escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo
Existe um patriotismo
Maior que a religião.*

*Si não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrindo assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delírio infável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus !... "*

.....

*" Si ao grito dos que padecem
O mundo cerra os ouvidos,
Si do prazer nos ruídos
Perdeu-se de Deus a voz ;
De torpe e maculada
Do Ceu a voz é inconsútil,
Parece que foi inútil
O ter morrido por nós ! "*

.....

*" Si as crenças são um engodo,
Si falha o verbo da fé,
Si o homem se acaba todo,
Com a matéria que ele é,
Si o coração nada aspira,
Si este bater é mentira,
Si além não ha desfrutar,
Da vida a idéa suprema,
O grande, o sábio problema,
E' viver muito e gosar... "*

Quanta condicional ! Prova a dúvida que sempre perturbou o seu espírito e que o fez por fim afirmar : " já começo a duvidar das minhas dúvidas ".

São de 1861 as seguintes estrofes, que dizem bem da ténpera do
jovem batalhador :

*“Nem tenteis impedir-me a passagem,
Que não curvo a cabeça a ninguém.
Para entrar nos combates da sorte,
Tenho asas e garras também.*

.....

*Os tormentos da vida me cabem,
Os espinhos da rosa são meus ;
Mas não posso encontrar quem me diga
Onde estão os tesouros de Deus !*

*Interpelo as estrelas que choram,
E as estrelas não querem dizer ;
Falo aos ventos e os ventos respondem :
Tambem nós procuramos saber...*

Essa inquirição, aliás, éle continúa a fazer durante a vida, cristallizando-a no magnífico soneto “Ignorabimus”, que nunca é demais repetir :

*Quanta ilusão !... O céu mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De dúvidas cruéis prisioneiro,
Murcha por terra o pensamento altivo.*

*Dizem que o Cristo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam também Deus verdadeiro,
Veio ao mundo remir do cativo,
E eu vejo o mundo ainda tão cativo !*

*Si os reis são sempre os reis, si o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio
Da tirania, e da miséria a travo,*

*Si é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Si o homem chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio ?...*

A dúvida religiosa (11) foi uma das constantes da sua amargurada existência, que teve o seu epílogo aos 50 anos, de uma vida ríspida e eriçada de cardos. Fôram estes os seus últimos versos :

*Relógio da minha vida,
Que a desgraça adiantou,
A hora da despedida
Meu coração já sou.
Bate-me o peito, entretanto,
Aos olhos sóbe-me o pranto
Cujo amargor é tão bom !
Mas eu choro, ó sorte, crua, (12)
Tambem o marmore sua,
Tambem o bronze dá som !*

(11) Sim, as incógnitas do Além sempre lhe perturbaram a alma. Quanto emoção, quanta dor, quanto albatimento nos seguintes versos !

*Ohai... um cadáver de braços cruzados !
Nos punhos cerrados, nos olhos cerrados,
Nos lábios cerrados que a morte deixou,
Com as forças eternas, guardando o segredo
De luz ou de sombra ! Meu Deus, tenho medo !
Morrer tão depressa, quem foi que mandou ?*

*Tão jovem ! De jovem no seu devaneio
Dissera a esperança : que trazes no seio ?
Dissera ao futuro : que fechas na mão ?*

.....

(12) São de "Os Tabaréus", uma das suas mais celebradas poesias, as seguintes redondilhas :

*— Choro que bem fazem lágrimas ?
A' fôlha seca abraçada
Não vale a fresca orvalhada...
Chorar !... eu nunca chorei :
Ergo a fronte, aparo o raio,
Desgraçado e sempre altivo,
Não morro, porque não vivo :
Não choro, porque não sei.*

*— Não sei ! quem é que não sabe
Numa lágrima sentida
Aliviar-se da vida,
Que pesa no coração ?
Não sabes como são tristes
Os olhos de quem não chora,
Como o teu rosto descora
Ao calor d'este sertão ?*

São ainda de uma dolorosa amargura e desconsôlo as estrofes de Presentimento :

*“Estranha nuvem denegriu-me a sorte,
Do mar da vida revoltou-me as aguas ;
As ondas batem sobre as minhas maguas,
E as brisas falam sobre a minha morte.
No chão dos túmulos expressões penosas
Por mim dizê-las não virá ninguém ;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também”.*

Enganou-se, porém, o poeta ao escrevê-las, meus senhores, e dêsse engano fazem prova as comemorações que em todo o país estão sendo levada a efeito em homenagem ao primeiro centenário do seu nascimento.

Cincoenta anos também da sua morte quase já são decorridos e, em vez do “esquecimento”, estamos aqui, não com “simples expressões penosas”, mas, orgulhosos, colhendo as imperecíveis rosas da glória, semeadas por ele em vida, e que vão brotando cada dia mais belas e mais pujantes do seu túmulo, e, o que é mais, despicias já hoje dos acúleos que tanto lhe confrangeram a existência.

Mas a glória é assim mesmo : — uma coisa semelhante à “recompensa diferida para lá” !

“Pobres hervinhas”, não ; Rosas ! e essas rosas são um florão para o Brasil e para Sergipe que em Tobias Barreto de Menezes cultua a mais pujante inteligência desabrochada sob o calor destes céus.

PALESTRA

do jornalista João Dantas de Brito Lima, ao microfone do D. P. D. E., a 2 de Junho de 1939, na Semana de Tobias Barrêto

É com justo orgulho que nós sergipanos, neste momento, comemoramos o primeiro centenário do maior expoente intelectual de Sergipe, que viveu no século passado.

Notadamente o ano que transcorre nos tem dado momentos felizes para realçarmos grandes culturas que brilharam no tempo das suas atividades, e ainda hoje resplandecem ao fulgor dos seus intangíveis pensamentos, legando à posteridade um passado de requintada elegância intelectual, se assim nos fôra dado expressar.

E sempre que o Brasil, no setor das suas letras, como nos demais, tem algo a relembrar, o nosso Sergipe, contribue com a sua parcela, algumas vezes, pequena, outras, porém, de limitado poder.

Eis o que atualmente acontece. Era impossível que entre os grandes pensadores nacionais, cujos centenários o Brasil comemora, não figurasse um que tivesse a sua origem nas plagas de Aperiipê.

Surge-nos, a ob. a do jurista, filósofo, poeta, escrito, polemista e crítico de real valor: Tobias Barrêto de Menezes.

Não são necessárias palavras em torno da sua vida, uma vez que ela de ha muito se acha identificada entre os que se dedicam ao culto dos espíritos luminares das letras nacionais.

De origem humilde, toda a sua vida teve apenas uma única diretriz: sobrepujar os demais pelo seu talento invulgar.

Aquela época — o Brasil sob o livre domínio dos que se diziam de feliz estirpe. Raríssimas eram as oportunidades que, elementos, possamos denominar, da plebe, ocupavam posições elevadas.

Ao início da sua vida literária, luta com as maiores dificuldades de todas as espécies, proporcionando-lhe em consequência, o interessante dilema: — Ou o gênio adapta-se ao ambiente, ou a sociedade é dominada pela grandeza do seu talento. Ou ele transforma-a, ou ela molda a seu talante o espírito do idealista.

A sua vida é um esforço supremo para a resolução de tão importante questão.

Homem verdadeiramente liberto de preconceitos, de família modesta como acima dissemos, e lutando com o maior acúmulo de vicissitudes, de início, a sua visão ampla e bastante lúcida, compreendeu que as condições de sua origem eram um entrave a que a sociedade

abrisse prazerosamente as suas portas. E como consequência lógica é a interpretação de que, somente pela inteligência e cultura, ele conseguiria atingir os píncaros da glória, penetrando assim até onde a sua vontade determinára, e não mais alcançando porque a morte tolhera os seus passos.

O idealista, desde então, começa a luta contra os nocivos preconceitos sociais, afrontando-os com toda a energia do seu espírito batalhador.

Na Baía mesmo, se bem que em breve tempo, ele começou a sua luta que só teria término ao fim da sua jornada.

Ah, a par das intempéries, que para logo viera de sofrer, o seu espírito observador começa a sentir dificuldades imensas para enfrentar as diversas modalidades a que o homem está obrigado a passar.

Demorando-se breve tempo em Campos, aqui em nosso Sergipe, e seguindo para o Recife, que lhe oferecia um campo mais vasto para tentar melhores êxitos, trava então a sua maior luta com a sociedade.

Por todos os caminhos que a sua inteligência houvera por bertrilhar, sempre se destacaram as suas palavras irreverentes e acres à ela dirigidas. E uma prova de superioridade sobre a sua adversária, é que ela mesma dividiu-se em duas partes distintas, que o reconhecia em caracteres diferentes. Uma considerava-o intruso, mediocre, pedante e adjetivos outros que viriam a depreciá-lo, não fôra a sua grande energia.

A outra, porém, se bem que menor que a primeira, reconhecia no autor de "Dias e Noites", u'a alma nobre pela sua sinceridade, culto pelo seu amor à sabedoria, erudito em todos os assuntos, e acima destes insofismáveis atributos, distingula-se naquele mulato de caráter ativo — ao mesmo tempo amante do trabalho e do prazer, a sua indiscutível abnegação em distribuir com os seus discípulos, grandes partes dos conhecimentos que adquirira com o seu próprio esforço.

A primeira parte, isto é, aquela que desconhecia o seu valôr, era composta da sua maioria de pessoas que pertenciam à mais alta camada social, e para quem a origem do indivíduo determinára a que classe o mesmo pertenceria. Eram pessoas que vencendo à custa da posição social, dos seus recursos financeiros ou dos seus braços, verdadeiros componentes do que Tobias Barrêto denominara augeocracia, jamais poderiam compreender o quanto de esforços fôram empregados por aquele homem de cor, na conquista de uma posição intelectual tão elevada.

Outros havia que, por questões de interesses, embora em silêncio reconhecessem o poder do adversário, tomavam uma posição contrária

às idéas do insigne escritor. Figuravam também nas hostes dos inimigos de Tobias, aqueles que, possuidores de uma mentalidade atrasada, ligados inconscientemente às pragmáticas que escravizavam o espírito, ficavam estáticos ante a atitude desasombrada daquele que atacava tais princípios, e de cujos arcaísmos os seus cérebros ainda não se haviam apercebido.

Ainda existiam os que, colegas de magistério superior, bem compreendendo o zelo com que ele exercia as suas funções de mestre, sentiam nascer a inveja pela sua posição que tão nobremente era ocupada.

A segunda, isto é, a que o considerava um gênio, era, quasi em sua totalidade, composta da mocidade académica do Recife de até então. E' esta falange de moços intellectuaes que vem testificar eloquentemente a supremacia dos princípios que emanavam do grande sergipano. O apêio da juventude ao grande jurisconsulto é uma incontestavel prova de que as suas obras marcarão o início de uma nova fase para a cultura nacional.

Somente uma única vez esta parte viu-se sub-dividida: — Foi ao tempo da polémica entre Tobias Barrêto e Castro Alves. Reconhecendo-se neste, o grande vate que foi, não podemos deixar de constatar a não menos notavel intelligência do seu émulo, que, a todo instante, empolgando a quem o ouvia, compunha admiraveis versos que bem patenteavam o seu espirito enérgico e profundamente inspirado.

Ao tempo de Tobias Barrêto não houve meio termo. Ou negava-se o seu grande talento, ou o reconhecia o que era muitas vezes comum.

O seu modo de sempre e sempre apresentar novas idéas, oriundas dos seus notaveis estudos, era uma força que o arrastava cada vez mais do convívio das mais altas camadas sociais.

Não se destacava um só fato que denotasse ausência de energia. Atacava de frente todos os costumes que fôsem uma coarctação ao livre arbítrio.

Já ao meio de sua existência proficua, conservando, porém, incansavel amor a todos os grandes ensinamentos, quando tinha oportunidade de enfrentar de perto as grandes élites, elle sempre se destacava pelo fulgôr da sua intelligência privilegiada. A braços com difficuldades de todas as espécies, mesmo que a sua opinião viesse a atacar aquellos em cujas mãos estava o cargo que pleiteava, nunca deixou de expressar o seu modo de proceder.

E assim foi toda a sua vida: — Sempre pronto a se dedicar com todas as véras do seu carácter à defesa do seu ideal. Em tempo algum

Ele vergou-se ao peso das suas dificuldades. Em qualquer oportunidade sempre estava disposto a defender os seus interesses idealistas e não materiais. A sua vida é um constante sacrifício ao conforto material e econômico que poderia proporcionar aos de sua família.

Quem o visse nas suas horas de prazer, que lhe eram tão particularmente agradáveis, notaria o realçante contraste entre o físico já em declive e a pujança do seu espírito, fatores estes que lhe marcavam destarte uma personalidade tão particular.

A existência de Tobias Barrêto ao tempo do Brasil monárquico teve uma influência verdadeiramente feliz, na mentalidade que se formava àquela época. Quando os costumes tradicionais, o espírito religioso e a autoridade monárquica procuravam dominar por completo, quaisquer idéas inovadoras, de rebelião ou não, que viessem a surgir, a personalidade do insigne sergipano, marcando nova era na conformação política, religiosa, social e intelectual do Brasil, de frente e sem evasivas, atacava os obsolêtos preconceitos, rasgando assim, novos horizontes que levassem a nossa Pátria às cuméadas da sua grandeza.

Sim. Cremos acertado este nosso pensar. As associações, culturais, a jurisprudência e o Jornalismo vêm em pról desta nossa asserção. Foi o grande sergipano o maior jornalista de todos os tempos. Ele personificava, em todo o seu vasto campo de ação, a verdadeira expressão de jornalista. Sempre que era parte integrante das lides jornalísticas nunca lhe faltava o vigor que acompanhava paripasso a sua vida atribulada. Profundo conhecedor de diversas linguas, ativo, não molgando o seu modo de pensar aos interesses de quem quer que fosse, foi como jornalista que Tobias Barrêto mui alcançou e não menos sofreu. Foi sob esta face de sua existência que ele tornou-se um verdadeiro génio. As polémicas que tivera com um colega de cátedra da Escola de Direito do Recife, com um padre do Maranhão e com o genial Castro Alves, muito embora fugissem, vez por outra, do carácter filosófico, religioso e apaixonado, para o exclusivamente pessoal, suscitaram as maiores controvérsias sobre ele.

A personalidade de Tobias Barrêto apresentava-se sob um aspecto tão complexo, que os verdadeiros estudiosos, não podiam deixar de reconhecer naquele notável cérebro, o marco lúcido de uma mentalidade precursora, que, firmada na imensidão da sua sabedoria, traçava incontestavelmente novos caminhos para o desenvolvimento intelectual brasileiro, esmagando com o valor da sua pena e o penhor da sua palavra, todos os preconceitos que denegriam as camadas sociais do Brasil do século passado.

Os seus escritos, devassando grandes amplitudes para as letras nacionais, têm servido de estímulo àqueles que desejam vencer as intempéries da vida, com o valor dos seus cérebros.

E nós, na insignificancia da nossa cultura e na sinceridade da nossa expressão ao homenagearmos o maior dos nossos conterraneos, rendemos à cultura nacional um preito de justo reconhecimento ao seu valor, essencialmente porque, foi Tobias Barrêto de Menezes uma das grandes figuras que o Brasil intelectual já produziu.

Num tributo de veneração ao seu grande talento, os intelectuais sergipanos, nesta semana, pelo quanto o seu nome elevou a nossa Pátria, depositam, no pedestal do Hércules que a sua sabedoria erigiu, as flôres da sua gratidão, colhidas nos imensos jardins das suas obras.

DISCURSO

proferido pelo estudante J. B. de Lima e Silva ao microfone do D.
P. D. E., a 3 de Junho de 1939, na Semana de Tobias Barrêto

Acordam os seus modernos biógrafos em que, estudado como individualidade pelo que nos deixou escrito, cotejado com os valores da cultura moderna sem conexão com a época e meio social em que viveu, Tobias Barrêto não justifica, certamente, o pedestal que lhe ergueram discípulos entusiastas quais Sívio Romero e Graça Aranha. Ele foi por excelência um dispersivo, um temperamento extrovertido e demolidor, elemento biológico e socialmente vinculado à nossa formação histórica, ao drama de acomodação racial do Século XIX em nosso país, e por isso, várias das suas atividades e idéas perderam o significado ante os problemas do nosso tempo. E' bem de vêr, que um grande expoente intelectual é obra da fatalidade, produto de conciliábulo de fadas gizando um destino junto ao berço do recém-nascido. Não mais se discute o condicionamento dos fenômenos intelectuais à vida material do grupo. Os opositores dessa tese não conseguiram acumular documentação racional contra ela. No caso de Tobias Barrêto, não basta determinar as concepções provenientes das relações jurídicas de sua sociedade, como ainda os elementos bio-psicológicos componentes de sua personalidade. Isso para a exegese do homem e da obra. Resta ainda, porém, analisar a sua influência na cultura nacional — influência que seria a medida do seu valor. Ao meu sentir, a incompreensão que observamos no julgamento do ainda hoje tão discutido filósofo sergipano, vem da falta de um trabalho de síntese — que o autor de "Menores e Loucos" seja focalizado sob esses três aspectos. Sívio Romero mostrou-o apenas como genial propulsor de idéas, Gumerindo Bessa fez a sua psicologia, Manuel dos Passos justificava as suas atitudes, Abelardo Lôbo e Graça Aranha traçaram o roteiro de alunos da velha academia carregando pela vida inteira a facinação do mestre, Clovis Beviláquia aproveitou-o nas suas inovações jurídicas, Gilberto Amado moldou-lhe retrato puramente literário, Roberto Lira fez tentativa de análise da inconstância do "homem pêndulo" e Hermes Lima aproveitou-se de Gilberto Freyre para reviver Tobias como produto de uma época de mutação na sociedade brasileira, quando se "acentuou a substituição do senhor rural da casa grande, não já pelo filho doutor, nem mesmo pelo genro de origem humilde, mas pelo bacharel que se foi impondo

de modo mais violento : atravez de choques e atritos com o velho patriarcado rural e com a própria burguezia do sobrado". (G. Freyre). Mas o que não appareceu foi Tobias como personalidade em si, como produto das forças sociais de seu tempo, como modificador do panorama cultural da nação.

Creio que, visto com isenção de ânimo por esse tríplice aspecto, teríamos feito justiça ao nome mais injustiçado das nossas letras. De minha parte, se houvera vagar e conhecimento especializado do assunto, aproveitar-me-ia da ocasião para fazê-la neste momento. Ausentes, porém, desses dois requisitos e para não perder a oportunidade de juntar-me aos que publicamente veem homenagear Tobias Barrêto, tratarei do inolvidavel professor sob um aspecto mais de minha familiaridade : o da hiatória literária.

Gilberto Freyre disse do vigoroso critico philosophico dos Estudos Alemães que era uma alfandega intellectual, onde todas as novas idéas importadas do estrangeiro tinha que passar, fatalmente. Mas Tobias não foi unicamente um vulgarizador : — o que elle aprendia através os seus estudos era transformado e assimilado por uma possante actividade critica, para em qualquer meridiano. "O que assonbra em Tobias Barrêto — são palavras de Lúcio Cardoso — não é a originalidade, aliás excessiva, do seu pensamento, é a robustez espirital do mestico de ascendencia humilde repensando e criticando as idéas e os sistemas europeus". El é nesse sentido que iremos encontrar a influencia preponderante de Tobias Barrêto na innovação do pensamento nacional. Digamos sem exagêro, que foi elle o primeiro pensador nacional, o patriarca de nossa cultura — pois que, antes d'elle, havíamos tido, fóra do campo da poesia, apenas tradutores mediócrees de moralistas francezes. Afóra Cayrá, sempre preocupado com noções de finanças e de economia clássica, olhando-se para a época que lhe foi anterior, aceitaremos sem desconfiança, o arroubo de Gilberto Amado comparando Tobias Barrêto a "uma fogueira ardeção no meio do deserto do Brasil mental". Critica literária, com o sentido mais ou menos científico, nós a tinhamos antes d'elle, pois não julgaremos de tal apreciações de amigos sobre trabalhos de amigos, e mais da vez, insulsas e insípidas. Mas não foi elle apenas o seu intellectual, cronologicamente, porém ainda iniciador de métodos e idéas, através as influências que d'elle recebeu o seu possante amigo Silvio Romero. "O que mais importa fazer conhecido, escrevia em artigo inserto em *Polêmicas*, quando se analisa qualquer obra é o seu espirito, é a sua tendência dominante". Adoptando sempre essa norma, a sua critica seria pois critica de idéas mais que critica de literatura propriamente dita, análise e avaliação de pensamentos e sistemas philosophicos e politicos. A grande descoberta de Tobias para a cultura nacional, foi o pensamento germânico, do qual veio a se tornar fanático, como para lançar contra as veleidades arianistas dos que o igno-

ravam no país a sua superioridade de mestiço que compreendia os filósofos mais profundos e mais ininteligíveis. Foi pela Alemanha que ele chegou à maturidade das suas concepções jurídico-filosóficas, concepções que revolucionaram por completo a antiga estrutura mental do país.

Conquanto, segundo Hermes Lima, vivêssemos então a época em que assistíamos ao mais brilhante surto no campo filosófico, estavam ainda generalizadas em nossa elite, intelectual idéas rotineiras e sem consistência. O positivismo já havia atravessado às nossas fronteiras porém ainda não se generalizara com a estupenda influência que mais tarde iria exercer em nossa vida intelectual e política. Tobias, não só trouxe ao pensamento filosófico o seu monismo teológico corrigido do monismo mecanicista de Haeckel, mas apressou a difusão das idéas novas interessando nelas os seus amigos e discípulos, fazendo os seus inimigos ter notícias delas e estudá-las para combatê-las. José Veríssimo com a manifesta intenção de represália a Sílvio Romero restringe injustamente o campo de influência do grande jurista sergipano na cultura brasileira apenas ao pequeno grupo de estudantes nortistas, seus discípulos. É falsa porém essa afirmativa. Não se pôde considerar a influência de um homem e de uma obra no mundo intelectual unicamente pelo movimento de simpatias e adesões que eles recebem. Grande número de vezes essa influência é manifestada justamente por movimentos contrários, antagônicos, que não obstante, tornam-se fatores de progresso. Em ambiente acanhado como era o da inteligência brasileira ao tempo da Escola de Recife, livros que não fossem ao mesmo tempo polémica e doutrina tinham repercussão restrita. Ora, todas as obras apontadas por José Veríssimo, de autores que ele julga ter influenciado decisivamente na evolução de nossa mentalidade, tiveram repercussão restrita. Os filiados à escola Coimbra, que Veríssimo crê serem os doadores das idéas novas, tiveram influência somente literária e talvez filosófica. Mais nada. Os Estudos da História do Brasil no Século XVI, de Cipriano de Abreu de 1880, infirmaram realmente na historiografia brasileira, mas a começar do Século XX. As Três Filosofias de Luiz Pereira Barrêto é trabalho secundário que não mereceu ainda nenhuma referência, já entusiasta em qualquer de nossas histórias de literatura brasileira.

O Papa e o Concílio de 1867, que Rui traduziu e prefaciou não aventou nenhum movimento de opinião, senão louvores da crítica ao inimitável estilo e à polimorfa cultura do dr. Rui Barbosa. Mesmo, como quer Veríssimo, que Tobias Barrêto fôsse lançado em circulação após a fixação de Sílvio Romero no Rio de Janeiro, teríamos assim argumentos para indicá-lo como o renovador cultural do país como filósofo e como jurista. Verdade seja, que hoje em dia, algumas de suas páginas envelheceram: umas por falsidade de apreciação, outras pela vulgarização das idéas.

Willdurant, escrevendo como vido ensaio sobre Voltaire assinala que, "se hoje não o lemos mais é porque as batalhas teológicas em que se empenhou já não nos interessam ; baldeamo-nos para outros campos de batalha e estamos mais absorvidos pela economia dessa vida do que pela geografia da vida seguinte — foi a própria vitória completa de Voltaire sobre o clericalismo e a superstição que estancou estas fontes por elle encontradas borbotantes".

São palavras applicáveis a alguns escritos de Tobias Barrêto. Outros porém conservam ainda, e prodigiosamente, tal atracção e actualidade, que bem sentimos que elles se dirigem a nós para a resolução de problemas de nosso tempo.

PALESTRA

do professor José Barrêto Fontes ao microfone do D. P. D. E., a 4 de Junho de 1939, na Semana de Tobias Barrêto, representando a Escola de Comércio "Conselheiro Orlando"

Eram as primeiras décadas de 1800. Na Europa fremia uma civilização magestosamente sinzelada enquanto no nosso Brasil ainda surgiam de atraz a Mantiqueira sons confundidos da inubia e do membi despertando dansas sem ritmos ; por traz a Mantiqueira desconfiando de tudo, estava o brasileiro de tácape à mão fugindo de tudo que era civilização ; por traz a Mantiqueira era denso ainda o oscilante sendal vêrde da nossa floresta.

Era êsse Brasil que em gestos dizia dos seus pensamentos, era este Brasil levemente bafejado pela civilização, que recebia daqueles bibens coordenadores de idéas, um complexo de ciências e letras.

Foi porem fértil o sólo à viva semente da Europa.

Em Sergipe foi patente a compreensão áquele mixto de conhecimento pois o pequeno Estado do Norte escreveu para o mundo nas poucas páginas de seus quilómetros quadrados majestoso exemplo de talento.

Nestas páginas um nome se escreveu em 7 de Junho de 1839. Este se avultou e foi o de Tobias Barrêto. Ele naquela época de grande agitação intelectual em nosso Brasil, tornou-se lutador incansavel e brilhante, pelo seu pequenino Estado que o talento privilegiado de seus filhos engrandece.

Com Tobias, Sergipe estava vitoriosamente nas tribunas, majestoso conciso e arrebatador, tal o modo de como entrelaçar as suas idéas desenhando no espaço belo e simples o quadro de suas orações.

Na lira, Sergipe foi suntuoso com Tobias em vários de seus acordes ; ora êle dedilhava notas mais graves e mais compassadas, era o poema terno de Tobias amoroso, embevecido diante de uma mulher ; ora eram notas agudas mas compassadas ainda, era o protesto de Tobias à justiça humana, ora seus dedos corriam rápidos de corda em corda, ei-lo chistoso e risonho. O seu espírito inovador não se deixou estagnar na displicência do lirismo dominante ao tempo, êle voou mais alto ; procurou inspirações nos píncaros agudos das montanhas, êle foi condoreiro. Crítico, Sergipe foi com Tobias notavel como disse Artur Orlando, pela profundeza das idéas e franqueza da

crítica, crítica sincera de quem tem bastante rigidez de caráter para exprimir suas predileções e antipatias.

Tobias também foi mestre, foi também orientador da mocidade e foi mestre por excelência. A cátedra era para o grande sergipano o minarete, ele o moesim sorridente cuja voz suave e amiga, lançava naqueles cérebros desérticos de conhecimento a sublime oração do saber, era a aura doiente que desfazia as dunas maldições da confusão de idéas.

A sua voz operava naqueles jovens verdadeira transformação, o mestre discorria com notável simplicidade os complicados assuntos e em meio àquelas palavras cheias de ciência o mestre dizia duas ou três e era uma anedota, era um pouco de feliz repente do parente de Muniz Barrêto; Tobias via nisso naturalmente um fundo pedagógico; era uma minemotécnica para certos assuntos e um desentusiasmo à monotonia da ciência. A palavra do mestre foi também minaz contra as velhas doutrinas que se professavam, naquela época ele lançava os olhos para as fontes mais fiéis e de lá trazia verdade para sua terra.

Era imponente o mestre ao discorrer as mais modernas teorias fazendo ruir aquelas idéas antigas que retardavam os passos. A Terra de Santa Cruz estava reservado no mundo intelectual.

A sua seara foi o salão de aula onde as fecundas sementes das suas palavras germinaram, e cresceram as árvores das suas idéas, hoje oscilantes garbosamente em todo território do Brasil.

Para dizer de Tobias Barrêto só o próprio Tobias éle que nos conta os seus sonhos de criança, longe dos meios cultos pensando vencer nas letras; desprotegido desde o berço tentando equiparar-se aos bem nascidos; Vivendo numa ação cultural arcaica, e pregando idéas novas, só, com poucos recursos aprendendo um sem número de línguas para enveredar nos novos conhecimentos; vencendo com denodado esforço ao lado da sua energia escudando o seu alento à borda de inimigos que não compreendiam as suas dúvidas e não pesavam a sua consciência.

Mas, ei-lo vitorioso, ei-lo compreendido, ei-lo reconhecido quando lhe faltam os seus lábios grossos para sorrir e os olhos inteligentes para chorar.

Bem sei que seria esta o seu agradecimento pois diante de tamanhas manifestações de reconhecimento de seus irmãos de Sergipe, faltar-lhe-ia aquela voz sorridente porque todas as belezas das suas palavras seriam um turbilhão embargando-lhe a garganta.

DISCURSO

pronunciado pelo professor Joaquim Amazonas, no dia 5 de Junho de 1939, ao microfone do D. P. D. E., na Semana de Tobias Barrêto

Sergipanos !

Aqui estou, na vossa linda capital, em nome do meu Estado, Pernambuco, para vos acompanhar na honra de glorificar, no centenário do seu nascimento, a Tobias Barrêto de Menezes ! — E comigo vêm também os mestres da Faculdade de Direito do Recife, onde ele foi o maior de todos ! E a mim acompanha a mocidade de minha terra, e da Faculdade de Tobias, nas pessoas dos alunos do Recife que aqui estão também na vossa formosa cidade !

Capital de um Estado que se diz pequeno, mas que eu vi e senti de alma grande e nobre !

Alma grande e nobre, sim, alma que tem sentimento e tem emoções, pois não esquece, mas perpetua, o nome de seus filhos ilustres, eo o vi, eu o senti, vendo as vossas praças povoadas das estatuas desses que engrandeceram o nome de Sergipe, a começar por Tobias Barrêto de Menezes !

Percorri as vossas ruas, visitei já instituições vossas, oh ! Sergipanos, e o meu coração de brasileiro se envaldeceu de vosso Estado e de vós todos que me ouvís !

Sergipanos, em nome do meu Estado de Pernambuco e de seu Governo, em nome da minha Faculdade de Direito do Recife, em nome do Instituto dos Advogados de Pernambuco, da Ordem dos Advogados do Brasil, naquela Secção, a vós que relembrais e comemorais o centenário do nascimento de Tobias Barrêto de Menezes, — nós os embaixadores de Pernambuco vos saudamos, augurando futuro brilhante e grandes, pois assim acontecerá sempre áquelas cidades e áqueles povos que cultuam e honram a memória dos filhos ilustres !

Honra, pois, a Sergipe ! !

DISCURSO

pronunciado pelo acadêmico Rivaldo Pereira, por ocasião das comemorações da Semana de Tobias Barrêto, ao microfone do D. P. D. E., em 5 de Junho de 1939

Sergipanos

A Faculdade de Direito do Recife, vetusta e centenária, guarda no âmago do seu coração a lembrança gloriosa daqueles que a souberam honrar, enaltecer e conservar intacto o seu patrimônio de tradição e cultura.

Não se justificaria, pois, a ausência de Pernambuco nas homenagens que se estão prestando ao seu grande mestre Tobias Barrêto de Menezes que pela inteligência, pelo saber e pelo trabalho se fez alvo do respeito e admiração dos posteriores.

Sergipe com espírito alto e visão clara procura tornar permanente e indelevel a memória do filho abençoado que foi na vida batalhador audaz e forte.

Amando a luta, dominava os espaços na caminhada superior das ideias.

Era a antítese de Archilogo, o espártano infiel que bondonou o escudo para fugir mais depressa.

Amigo da liberdade ele acreditava como Rui Barbosa que "só onde a unidade humana fôr livre a coletividade pode ser conciente".

Sergipanos !

Procurai continuar a marcha grandiosa que Tobias Barrêto de Menezes iniciou e vos deixou como a mais preciosa e sagrada herança.

Sergipanos !

A mocidade estudiosa de Pernambuco, vos saúda e vos abraça.

DISCURSO

proferido pelo 5.^o anista do Ateneu Sergipense, Luiz Barrêto, na sessão solene da Congregação do mesmo estabelecimento a 5 de Junho de 1939, na Semana de Tobias Barrêto

Exmo. Sr. Interventor Federal

Ilmo. Sr. Diretor do Ateneu Sergipense

Dignas autoridades

O Ateneu Sergipense, senhores, este templo sagrado onde se forma uma mentalidade predestinada a vãos largos, e onde se prepara a massa ígnea de uma geração estudiosa para o engrandecimento de nosso povo, faz-se ouvir neste instante. Imenso na convicção que o impulsiona e nobre na altivez do gesto que se lhe impoz, ele se plenifica. Nunca, o momento desta semana triunfal deixaria de guardar em seu regaço os cantos de júbilo da mocidade. Nunca, essa mocidade deixaria de entoar o seu hosana, quando Sergipe, o Brasil inteiro faz repicarem os sinos de seu coração na epopéia magnífica da evocação de um herói.

Intérprete dos sentimentos do corpo discente desta Casa, nesta cêla ideal, onde o espírito experimenta a plenitude de sua extensão, confesso: a juventude se sente feliz em tomar do mesmo pão, em beber do mesmo vinho que vós, mestres, tomais e bebeis nesta hora santificada. A mocidade do Ateneu Sergipense, cônica na missão do seu presente para o feliz êxito dos seus futuros destinos alegra-se convosco. E nessa associação íntima, onde a virilidade empresta a senectude de sua experiência e a juventude os arroubos do seu entusiasmo, numa simbiose feliz, reside o segredo dessa conquista deslumbrante dessa vitória estupenda.

Tobias Barrêto é bem um motivo dessa pulsação estudantina, dêsa palpitar nacional. Ele bem significa toda uma agitação pátria pressurosa em prestar o reconhecimento e o tributo devidos a um gênio.

A data que hoje se celebra, grande pelo seu ensêjo, enorme pela figura que a substancia, envolta no calor da efervescência espiritual das gentes brasileiras, só nêsse atestado de verdadeira compreensão humana teria pago o seu direito.

7 de Junho de 1839 e a cidade de Campos, feliz e sorridente na sua pequenez e na graça de sua natureza, é berço dessa figura gigantesca que hoje se evoca. Seriam dessa cidade tão simples, repleta da harmonia delicada de sua naturalidade, as primeiras visões desse colosso sergipano, — glória nacional. O seu coração sorveria, na simplicidade dessa cidade privilegiada, uma poesia meiga e simples que externada chegou até nós. A sua alma embeber-se-ia da música, dispersa, no mistério da natureza selvagem, nos sons que suas mãos buscariam coordenar na interpretação da vida, do complexo humano.

Estático ante esses quadros naturais despidos dos artificios desvirtuadores, o seu cérebro sentiria os primeiros movimentos da evolução do seu pensamento.

Sim! Campos e tão especialmente Campos deve sentir-se hoje na alegria incontida de quem ofereceu um cérebro a Sergipe, um gênio ao Brasil, uma luz ao mundo.

Tobias Barrêto! A mocidade o contempla em toda aquela arrogância de um cérebro fecundo e em toda a suavidade de uma alma poética. Nessa harmonia rara de sentir e pensar em tal esplendor, habita a superioridade geral característica da genialidade que possuiu.

Em caminho da Verdade pelo cérebro. Em caminho da Verdade pelo coração. Só nêsse desdobramento único do ser humano é dada à alma a escalada em busca da centelha redentora da verdadeira Verdade, escalada torturante sim, mas amena e suave no seu término. E si Tobias Barrêto na sua luta constante para o repouso final da alma humana, conseguiu afastar essa dupla razão íntima, vivificando-as separadamente na jornada magistral que empreendeu em toda sua existência, muito ainda nos fica de dúvidas sobre a última expressão dos conceitos filosóficos do homem são de alma, imaculado de consciência, puro de nobreza. Do ser que a visão esplendorosa e terrificante da morte pode acordar ainda, no desejo de unir mais uma vez cérebro e coração de um gênio.

Lá na grande Alemanha dos gênios e dos sábios; na Alemanha da poesia puríssima e divina de Goethe; da incomparável música de Wagner; na grande Alemanha que ora se nos antolha na impressão dolorosa de uma retirada no extermínio lento de altas aspirações, buscou o condor sergipano, na catedral imensa e radiante dos seus filósofos, abrigo para sua alma exausta da jornada; clarão para seus olhos ávidos de luz.

Revivendo os episódios da vida de Tobias Barrêto, nêles se nos depara a maior poesia do poeta delicado e perfeito; o grande pensamento do pensador que ele foi. Mestre já aos dezesseis anos, lutando contra as dificuldades econômicas que a fatalidade do destino lhe reservara soube, nelas mesmas, encontrar calor para o empenho que levava na alma, formando-se para as novas lutas, repleto dessa enor-

na liberdade de pensar que a largueza dos tesouros materiais tantas vezes restringe.

Baía. Sergipe ainda. Recife. Sempre a mesquinhez das cousas terrenas a querer ditar-lhe os destinos. Era a poesia da perseverança encarnada no bandeirante que não se deixa vencer ante as primeiras borrascas. Ele parte para Recife.

A voz e o coração de poeta, conjuntamente, fôram dados a Tobias Barrêto. Quinze anos ainda e essa voz era ouvida na limpidez cristalina da fonte de que emanava. E a cidade, que se preparava para receber o novo príncipe do pensamento, teve na "A' vista do Recife" a sua consagração. Há sempre, senhores, a poesia da saudade de quem parte. O poema da esperança de quem chega.

Latinista profundo, sentiu na doçura dessa lingua puríssima e bela, relicário da luz magnificante de Virgílio, de Cícero, a vertigem das alturas a que só os escolhidos podem erguer-se.

Poeta, sentiu o coração mergulhado na deliciosa mentira dos sonhos. Pensador, conquistou-se a si próprio no aceno único da realidade.

E à luz dessa natureza dúplice, hoje mais que nunca, plenifica-se e aclara o Brasil. Hoje, esse banquete divino só comparavel a essas visões maravilhosas do sôbrenatural ante o que a própria expressão humana sente-se vencida, o próprio sêr homem apenas pode sentir a essência que o inunda.

Tobias Barrêto é esse manancial de sabedoria que na impetuosidade de sua expansão vai alagando as almas dos eleitos que o contemplam. Aos que já descansam lá no fim da caminhada a palavra que reconforta e apazigua. Aos que se atiram ardentes na contemplação de cumes luminosos, íngremes talvez, mas tão convidativos, a palavra que impele, o exemplo que transporta.

Naquele coração exposto ao rigor de estios longos e à inclemência de invernadas resaca o segredo ideal de todas as estâncias.

A festa que hoje se celebra, só no encanto do espiritualismo que a perfuma, só nêsse misticismo que arranca o homem às regiões tão áridas da terra, encontraria a sinceridade mais pura, a melodia mais doce para o canto triunfal dessa consagração.

E' a palavra da mocidade. E' a expressão dessas almas que atravessam, contentes os campos tão floridos dessa etapa feliz. E' a mocidade que em todo o arroubo de seu linguajar sincero e em toda a fragrancia de sua época une-se a voz, mestres, a vós senhores, que vindes prestar o tributo sagrado do reconhecimento ao herôe pátrio que soube alcandorar a Nação Brasileira nos esplendores da refulgência espiritual.

DISCURSO

pronunciado pelo bacharelando Gianeto Jofili Pereira da Costa ao
microfone do D. P. D. E. a 6 de Junho de 1939, na Semana de
Tobias Barrêto

Designado, embora imerecidamente, pelo exmo. sr. Interventor Federal no Estado de Pernambuco, para fazer parte da comissão representativa daquela unidade da federação nas festas comemorativas do centenário do nascimento de Tobias Barrêto, levadas a efeito pelo governo e pelo povo de Sergipe, aqui estou.

Esse encargo muito me desvaneca. Desvaneca-me porque também sou sergipano, como vós outros, filho também desta terra pequenina e boa, pequenina pela sua extensão territorial, porém grande pelo valor de sua gente. De fato a contribuição de talento e cultura de Sergipe ao Brasil está em desacôrdo com a sua superfície e sua população. Sergipe é o menor Estado da federação, entretanto, ninguém poderá negar-lhe o direito a ocupar o elevado posto em que se encontra como um dos mais representativos e destacados nos domínios da inteligência, da cultura e dos avanços do espírito. Desvaneca-me ainda a referida incumbência porque sou estudante de direito, aluno daquela velha Faculdade que se ostenta no Recife, tão cheia de tradições e grandezas, viga mestra do portentoso edifício do ensino jurídico brasileiro, onde ecoou, cheia de calor e vibrações, a voz de Tobias Barrêto, guiando, orientando a mocidade que ali ia procurar as luzes do saber, rasgando novos horizontes científicos, descortinando novas paragens de inteligência aos espíritos jovens e sedentos de conhecimentos para se orientarem na vida da inteligência.

Comemorando o nascimento de seu grande filho, entre efusões e alegrias, com justificado júbilo do povo de Sergipe, o governo do Estado resgata mais uma parcela de sua dívida de gratidão para com o maior de seus filhos. A primeira parcela dessa dívida foi a ereção de um monumento a Tobias numa de suas mais belas praças, proporcionando às gerações futuras a imagem daquele que foi um dos maiores de seu tempo. Monumento em que o escultor perpetuou no bronze os traços firmes e severos da figura invulgar que lhe serviu de modelo e em cuja fronte vemos brilhar a centelha do gênio. A segunda parcela foi a impressão de todas as suas obras, facilitando aos estudiosos a aquisição de verdadeiros tesou-

ros literários e científicos, tesouros que aumentam de valor á medida que o tempo passa.

A comemoração que agora se faz é um ato de absoluta justiça que o povo e o governo desta terra presta, numa unanimidade admirável, ao grande sergipano, homem incomum que soube por-se fora do ambiente estagnado em que se agitavam, como vermes, as mediocridades de sua época.

A vida de Tobias, meus senhores, é um complexo de episódios dolorosos, de desenganos, de desilusões. O notável mestre foi combatido, odiado, insultado. Seus inimigos de tudo lançaram mão para combatê-lo. A todos os processos recorreram para abater a águia, porém, inutilmente. Tobias sustentou polémicas que ficaram memoráveis. Pela imprensa, pela tribuna, lutou contra uma legião de pigmeus mentais. Nem um de seus adversários, exceção feita apenas do sublime cantor das "Espumas Flutuantes", esteve á altura do valor de Tobias. Até nisso foi infeliz o grande brasileiro. Nunca deixou as províncias do norte em que viveu. Nunca se sentiu seduzido pela Corte tão falada e cheia de medallhões, de igrejinhas sórdidas, de panelas literárias. Foi por isso mesmo que Silvio Romero assegurou: "Tobias é entre nós o tipo mais completo de escritor provinciano independente". E disso se orgulhava o Mestre. Tal como Kant, que nunca deixou a Prússia, Koenigsberg.

Tobias tinha uma inteligência apta a produzir frutos maravilhosos nas mais variadas regiões do espírito. Poeta dos maiores que temos tido, coube-lhe, incontestavelmente, a glória de ser o iniciador da poesia condoreira na literatura brasileira. Jurista de valor, crítico, filósofo e até musicista. Como crítico, legou-nos os excelentes Estudos Alemães. Como orador se notabilizou. Seus discursos são ainda hoje lembrados, sobretudo os pronunciados na Assembléa Provincial de Pernambuco, em 78 e 79.

Com o profundo conhecimento que possuía da língua alemã, libertou-se da ditadura espiritual da França e descortinou novos rumos na escola germânica ao Direito Brasileiro.

Toda sua vida foi uma luta constante contra o preconceito e a rotina, a intolerância religiosa e a opressão. O ambiente sempre lhe era hostil. Aqui, ali, acolá surgiram as pedras. Recolheu-se a uma cidade pernambucana. Escada! E exclama: Vim para esta Escada para descer e não para subir. Puro engano! Foi na Escada que ele armazenou a cultura formidável que lhe conferiu o lugar de honra na intelectualidade brasileira. Ali, naquele recanto pernambucano, seu espírito elaborou: Um sinal Dos Tempos, Contra a Hipocrisia, Desabuso, Ensaio de Filosofia e Crítica. Os mandões políticos da Escada, porém, enxotaram-no como a um cão le-

proso! Ameaçaram-no até de morte. Até seu lar foi invadido. Enquanto isso, enquanto seus próprios patrícios o perseguiram, era Tobias cortejado por mentalidades estrangeiras, como Jules Simon, que o convidou para tomar parte nos trabalhos do Congrès International de la Société des Gens de Lettres". A nem um outro americano fora dirigido convite igual! Não pretendo entrar em minúcias da vida gloriosa de Tobias. Limito-me a esses vãos rápidos, ligeiros, mesmo porque a minha inteligência é por demais fraca e humilde para tentar chegar às regiões a que se alçou o Mestre. Eis aí senhores, a vida de Tobias, numa síntese modesta. Ela bem pode servir de exemplo à mocidade, porque é no culto dos grandes homens de um povo, que se aprimoram as virtudes cívicas, que se robustece o sentido do patriotismo.

Brasileiros, admirai, conhecei as obras d'esse homem excepcional, que aliava o caráter à cultura, qualidades que, raramente, andam emparelhadas, na frase de Teófilo Braga.

A comemoração de hoje, meus senhores, nada mais representa do que a Justiça da História. Perseguido ontem, agora, Tobias recebe a glorificação da posteridade. Aplausos, muitos aplausos ao governo e ao povo que prestam essa homenagem a vulto dos mais brilhantes da nacionalidade.

DISCURSO

proferido ao microfone do D. P. D. E. pela senhorita Maria Alice Firpo, por ocasião das comemorações da Semana de Tobias Barrêto, em 6 de Junho de 1939

Coube a mim a honra de vos dizer algo sobre Tobias Barrêto, desse que foi "o mais extremoso e genuíno representante do povo brasileiro".

Tobias Barrêto, nasceu em Campos, a 7 de Junho de 1839.

Brilhou como estrela de primeira magnitude no firmamento da intelectualidade brasileira.

Filho de escrívão pobre, saiu de casa aos 16 anos, para ganhar a vida ensinando letras, música e latim. Aos 23 anos, sem recursos, dirigiu-se para Recife onde aprendeu consigo mesmo os preparatórios em um ano. Foi aí que com o esforço de um Hércules, estudou minuciosamente línguas e ciências. Frequentou a Faculdade, lecionou várias cadeiras.

Não sendo ambicioso, nunca desejou, nem sequer aceitou elevadas posições e por isso mesmo trabalhando com ardor no largo período de 28 anos, não definiu o seu lugar e nem reuniu as obras que compoz.

Recife foi o teatro dos seus alarmosos triunfos científicos e o povo pernambucano idolatrou-o como um deus.

Não houve quem exerceesse maior prestígio sobre as massas do que Tobias Barrêto, o homem do povo, da ordem, da ciência, que teve sempre o almejado desejo de descobrir "a aurora da Alemanha e o ocaso de Deus". Mas ele não foi nem por sonho um céptico ou um titubeante.

Recebeu a hierarquia de Deus distraidamente, apesar do esquecimento que a natureza teve em dar-lhe o estro que faz os santos, sem ser um crente a quem as cousas divinas deliciam, entretanto, praticou-a com ênfase. Não amou a Santa Igreja com o amor de um filho estremecido, mas também não lhe quiz mal e a sua religião é tão preciosa quanto a sua poesia.

Descobriu que os jogos do raciocínio são infinitos, que tudo se presta ao malabarismo da inteligência; que só há de certo essa possibilidade de raciocinar ao infinito, que só o homem é real e que a única realidade é a natureza, ultrapassando os seus limites tudo era fantasia. Ante a palavra forte, porém, simples desse que foi o apóstolo da ciência, ruíram as doutrinas até então professadas.

Não devemos olvidar que como homem de ciência nunca combatesse pelo domínio de outro móvel que não fôsse a Verdade. Tobias Barrêto, foi o proto-tipo do Século XIX, com pensamentos de descobrir a pedra filosofal, de ter vencido a Deus, de ter deificado a Razão, de ter salvo a Humanidade e convencido de que o novo caminho que a mocidade devia seguir estava delineado sehou que estava condenado a morrer breve, pois havia descoberto um dicionário de verdades na sua sábia e eterna Alemanha.

Como disse um escritor moderno: "se Tobias Barrêto nêsse momento resuscitasse, faria o propósito de não voltar atrás, ao vêr a marcha que o pensamento moderno tomou, como era teimoso, bradaria em alto e bom som, que esta não fôra a Humanidade que êle sonhara, e naturalizar-se-ia mexicano".

Sendo um homem de talento, não foi contudo um espírito original, porque todo aquêle que possui originalidade apresenta algo de novo e Tobias não estabeleceu uma filosofia de sistemas; foi um vulgarizador de idéas. Apenas transplantou da Germania para Recife, "a cidade dos galhardões, das Romas tombadas e das Babilônias em pó", a escola científica, sequeando-a como uma sementeira bem-dita, fortalecendo-a com as luzes da sua sabedoria, para que nessa terra abençoada e boa, produzisse como uma árvore, ramos, flores que mais tarde seriam frutos recompensa do seu trabalho.

Foi um espírito do seu tempo, que todas as gerações evocam com a mais profunda simpatia e admiração.

Foi Tobias Barrêto, o marco inicial do movimento intelectual. Tivera em suas mãos a mais delicada das funções, a função de educar, educou homens para a vida e mulheres para a família. O que já era muito, o que era essencial.

Foi um polemista de primeira linha, incansavel em manejar a injúria por amor das idéas sem dúvidas. E assim agitou como ninguém, não só o meio provinciano, Escada, Recife, mas todo o Brasil que êle amou com as fibras da sua carne mestiça. E muito haverão de lizer os pensadores modernos, sôbre essa figura, sôbre a sua coragem desassombrada, do seu entusiasmo delirante que despertava a mocidade, sôbre a qual exercia a fascinação do seu potentoso cérebro, como um só a emanar raios, raios de sabedoria, iluminando a esses espíritos.

Não foi mistér correr mundo, nem fazer alarde dos seus conhecimentos filosóficos, para que a sua fama fôsse conhecida. Tobias Barrêto dizia; "que quando se evangelizava uma idéa nobre por mais densa que seja a nuvem em que ela venha envolvida, o génio do povo se encarrega de penetrar-lhe no intimo e conhecer por instinto o seu valor e o seu alcance.

Tobias Barrêto, foi o verdadeiro poeta, como o rouxinol que canta

à alvorada os seus melódicos trinados. Nunca a teve como uma profissão, não compreendeu a poesia como um minuto de prazer, embriagado de todas as paixões, "a feiticeira noturna que se ocupa de introduzir sonhos de volutuosidade debaixo dos travessieiros das donzelas".

Ninguém melhor do que o poeta de "Dias e Noites", conheceu o sentimento da poesia. Saturado da poesia do nosso povo, bafejado pelo sopro popular da pequena vila, que nunca se apagou da sua alma poética, ultrapassou de maneira assombrosa aos poucos poetas então existentes.

Amanhã, Tobias Barrêto, faz Cem anos que tu nasceste e quem diria que uma criancinha frágil, num berço embalada pelos carinhos maternos, viria a ser a maior glória d'este Sergipe pequenino, porém, grande e orgulhoso em te possuir.

E como disse, Gumercindo Bessa : "És a figura simpática, mediana, de arcaboço sólido, encimada por uma cabeça majestosa, de frente arqueada e espaçosa, de olhos vivos e penetrantes, indicando um pensador e um artista do mais alto quilate"

Não somente as pedras que te atiraram serviriam para o pedestal da tua glória, como disseste ; mas as pedras luminosas do teu talento, da tua inteligência, da tua coragem, serviriam para o pedestal da tua sabedoria divinizada em nossos corações de sergipanos, de Brasileiros.

DISCURSO

proferido pela senhorita Carmen Sobral nas comemorações da Semana de Tobias Barrêto, em 6 de Junho de 1939

As comemorações com que estamos erigindo um monumento de homenagem ao maior dos sergipanos e grande brasileiro que foi Tobias Barrêto quero juntar minhas palavras de júbilo e patriotismo.

Para nós moços e estudantes, êle deve ser um exemplo de esforço e por isso não o veneramos somente mas admiramos ainda.

Nêstes dias, todo Sergipe desperta sentindo alguma coisa de grandioso, exultante, é a vida do homem que resurge clareando o horizonte espiritual da mocidade de nossa terra e do Brasil todo.

Nêste grande exemplo de tenacidade intelectual é que os moços devem banhar as ideias para que sirvam verdadeiramente de apoio à Pátria para que se ergue.

Cremos na inteligência como superior manifestação do homem.

Foi através d'ella, que Tobias se impoz como grande jurista e analisou questões de filosofia, dominando a todos os espiritos de seu tempo, e são seus trabalhos ainda hoje de grande valor.

Queremos lembrar ainda que pobre como foi, graças ao esforço soberbo conseguiu amealhar grande tesouro... de inteligência e saber.

Devemos pois, olhar nêle e nos vultos como êle o modelo para nossa vida de moços que nos preocupamos com o engrandecimento do Brasil, de sua cultura e civilização.

Nêstes grandes dias para Sergipe, todas estas comemorações justas atestam que sabemos manter e elevar as tradições de nossa história e respeitar com patriotismo e veneração os vultos eminentes que a ilustram.

Tobias, não foi o único sergipano notavel, mas sem dúvida o mais pujante cérebro, a mais brilhante cultura.

São justas pois, todas as festas onde ressalte o civismo dos brasileiros rendendo preito de admiração pelo homem que revolucionou a inteligência de seu tempo fez tremer as convicções daqueles que se julgaram mais sábios que êle próprio.

Esta, a nossa homenagem cheia de fé, de patriotismo ao grande brasileiro Tobias Barrêto.

A glória é toda do Brasil.

DISCURSO

pronunciado pelo Professor Rinaldo Oliveira, ao microfone do D. P. D. E. a 6 de Junho de 1939, na Semana de Tobias Barrêto

... o homem, não teve a macieza do berço dos afilhados da fortuna. Nasceu sobre os espinhos da pobreza e como agasalho mais quente cobriu-o farrapos de miséria.

A angústia fisiológica e a dor orgânica expulsaram-no duma vida para outra, cujo contáto com a luz fê-lo chorar de horror as primeiras lágrimas na inconsciência das primeiras amarguras.

O meio, mostrou sempre desdém por haver sido teatro da iniciação para a vida de um mestiço, embora com restrições de privilégios e advertências de preconceitos.

Os pés sangraram às picadas de vicissitudes nos passos da infância, conquanto os conhecimentos já houvessem-no distinguido do atrazo ambiente, permitindo vôos indecisos e preliminares no espaço luminoso do pensamento onde mais tarde perder-se-ia nas alturas o condor intelectual daquele tempo.

Nos mais moços dias da mocidade beijaram-lhe também as iluzões da vida, doirada tanta vez a imaginação pela quimêra lasciva do amor e mais tarde tivesse instantes felizes no passado irônico onde descansar a recordação, último alento amargurado de todos os sonhos e desejos.

Divirtiu-se, gozou, foi boêmio, e ao som do violão nas noites enluaradas e quiétras das vilas e dos engenhos sentiu e viveu as vibrações do êstro e dançou quadrilhas nas festas românticas, beijas de lirismo e poesia, com a inspiração.

O sensualismo com que abraçava a dama sublime, enlaçando-a apaixonadamente, despertou rumores de admiração maledicente...

Era o raiar do gênio.

Estrófes que eram retalhos de sentimentalismo, de revolta íntima de sua alma alvoroçada, saíam flamejantes dos lábios grossos e feriam corações quando não o orgulho alheio.

Foi poeta.

A inveja, este sublime defeito que foi nêle virtude sublime e que tanta vez transforma o homem num criminoso ou num gênio, fê-lo dar forma, corpo e vida a essa manifestação da emoção humana, porque todos temos recalcada nas entranhas do sentimento esta filha melancólica da dor e da alegria.

Nuns, tem o intenso fulgor da espontaneidade, noutros vive como a pérola tímida, escondida na concha, misteriosa, no profundo mistério do mar.

Nessa luta, foi armado poeta, como prêmio pela bravura de se ter batido com o cavaleiro sem mancha e sem medo da poesia brasileira — Castro Alves.

Suas aspirações eram grandiosas como pujante era o talento.

Ele, ambicioso, soberbo e egoísta, no desejo supremo de espelhar os prepotentes, como vingança de sua condenação ao exílio da infelicidade.

Nunca se conformou com a situação de pobreza, não suportava a aflição íntima e humilhante de ser inferior a quantos via nas brumas da ignorância mas num fastígio de privilégios econômico-sociais.

Queria ser grande. Tinha mesmo o direito de o ser. A grandeza fascinava-o. Nela, consumia sua preocupação egoísta.

Essa batalha cruel na intimidade do ser que sustentou por longos anos, plasmou-o na inconformação.

O doutorado, prêmio de sacrifícios ináuditos e orgulho de sua indômita força de vontade foi reforço poderoso no desbaratamento de suas aspirações, porque levou-o de desilusões a desilusões.

Não conseguiu posições relevantes e por isso hostilizou sistematicamente os poderes, numa vingança pelos insultos sociais que sofreu cada instante.

Na política, foi sempre um agitador perigoso de ideias e seus embates públicos foram garantidos sempre pela artilharia de sátiras incendiárias.

Já naquele tempo os costumes sofreram tremendos ataques e a organização e instituições sociais foram açetadas impiedosamente nas suas bases defeituosas e horripilantes.

O sentimento universal, a eterna súplica da humanidade, encontrando na consciência desse rebelde a tudo e a todas as coisas arma poderosa que deflagava numa explosão formidável de postulados que se impunham pela verdade na incompreendida realidade ambiente e de outros que ruíam pela fraqueza mentirosa de conceitos pueris.

E por este caminho apontou problemas sociais que se hoje tem evidência e são nacionais ante a realidade brasileira, foram pela sua argúcia evidenciados e estudados numa antecipada manifestação de fatos.

"A liberdade é sempre uma conquista".

Com este brado lançou-se aos campos do pensamento numa peleja gigante de princípios.

Na sua convicção conseguiu sistematizar, dar forma e sentido

real a esta deusa fantástica que embevece a humanidade e exalta as multidões.

E certo não pode compreender os reclamos da coletividade, na obsessão de interesses.

Algemado nas teorias filosóficas, seguido sempre pelo germanismo que foi a sombra obstinada de seu pensamento doutriniário e no erro desta intransigência injustificou povos dignos de admiração, de respeito a tradições consagradas pela experiência histórica das lutas, pelo exemplo de fé nos princípios, de bravura e nobreza nas ações, pela vitória das grandes causas e afinal a conquista de lugares supremos no parlamento universal.

Negou ainda a ciência crias leis determinam a marcha dos acontecimentos e presidem a evolução da sociedade.

Insaífeito, incontentado por fim de seguir dogmas e regras revoltou-se, e nessa indisciplina apenas acompanhou a consciência insubmissa a princípios únicos, estabelecendo por isso no seio da filosofia que esposou e defendeu e que intentou e conseguiu aperfeiçoar por vezes, controversias.

Foi também filósofo.

Na crítica as leis que policiam o delito e o crime e a responsabilidade que teem os delinquentes menores, elaborou argumentos de profunda análise, apontando concepções novas do direito e do mundo através de leis e se não fez justiça a ciência da sociedade porque gritou-lhe muito alto a coerência de princípios, embora nos pareça que algumas vezes cobriu intencionalmente a mudês da verdade.

Foi também jurista.

Argumentando e comentando doutrinas e suas próprias teorias, numa obra ímpar de vulgarização, foi crítico cuja profundidade de conhecimentos, cultura e erudição lhe cresce de valor.

A polêmica entusiasmou-o sempre, porque com ela a feriria golpes que só uma formação assim de lutador sistemático capaz tornara-o. Nela, sentia-se livre num campo imenso cuja vastidão de imperfeições longe de torná-lo indeciso ou menos sagaz a observação, ao contrário mais poderosa e provocante.

Não queria somente derrotar os rivais ou adversários por ventura, mas subjugar-los também e afogar a sede no sangue, saciando vitoriosamente os instintos nas entranhas dos vencidos.

Não somente olhando a adversidade que perseguiu o homem mas sentindo revezes alguma nas pelejas desiguais travadas na vida, é que encontramos nessa existência atribulada a significação explicativa da expressão de revolta na fisionomia combativa do lutador, do valente.

Não pessimismo e se complexo de inferioridade porque circuns-

tâncias de fato definiram tal estado e longe de convencerem-no; mesmo vendo em tolas suas ações o espectro da pobreza e da raça inferior humilhando-o, imediatamente entrava a liça e lançava desafios.

Não houve moldura para a imagem do inadaptado e inadaptável. Viveu numa luta eterna.

E ao sentir a eternidade, consumido no sofrimento acerbo, num amplexo comovente aliou-se a conformação, sua inimiga por natureza, num protesto moribundo a vida!

Mostrou ao mundo que é preciso lutar sem trégua, empregar todas as armas e armar todas as ciladas se si quizer participar na apoteose da vitória.

Que fanal mais intenso precisaria a mocidade que em ovações espirituais glorifica, contemplativa diante de tanta luz, esse gigante da cultura?!

Uma batalha perene e um lutador invencível nessa vida inglória de agonia e desiluzões, e que alcançou a Glória da imortalidade contemplando o ocaso incandescente e fascinador do ideal por que viveu e lutou.

Quanto mais lhe fugia esse desejo supremo invadiam-lhe aspiraões e ansiedade a alma turbulenta.

As derrotas encorajavam-no para novas invencidas. A essência do ser como que vibrava de entusiasmo ao sentir o avanço envolvente dos perigos que nunca fizeram tremer a fibra animadora e sorria sarcasticamente, valioso, nos momentos supremos de concentração de energias, no instante até em que a luta chamava a integridade do caráter, a personalidade, a obra grandiosa de sua vida e a vida mesma.

Com esta apreciação, cujos entalhes são pequenos esforços de observações psicológicas da trajetória do astro que a posteridade consagra sempre que lhe bebe ensinamentos, quizeis colocar uma pedra na construção de um pedestral maior para uma estátua tão soberba que inundará sempre de luzes a alma da geração brasileira.

Mostramos aí uma face das muitas reais dessa grande vida, porisso que de lágrimas, testemunha de soluços de um agonizado.

Proclamamos a verdade histórica e erguidos diante da justiça que sempre lhe doirou os sonhos, cheios de fé, entoamos: ave Tobias Barrêto!!!

DISCURSO

proferido pelo Prof. Florentino Teles de Menezes, ao microfone da P. Y. D. 2, de Aracaju, a 7 de Junho de 1939, ao celebrar-se o 1º Centenário do nascimento de Tobias Barrêto

Presados rádio-ouvintes:

Os povos são como os homens, possuem também os seus momentos estelares.

"Martires ou gênios, heróis ou bandidos, sábios ou ignorantes, todos têm na existência o seu instante decisivo", como afirmou o Professor Estácio de Lima com sua linguagem harmoniosa de artista da palavra e o seu pensamento profundo de cultor da ciência.

Instantes decisivos, momentos de luz para homens e que se transformam nos povos em épocas estelares.

Sergipe também teve esse instante sublime que foi a época iluminada pelo gênio fulgurante de Tobias Barrêto de Menezes.

O seu exemplo frutificou e multiplicou-se, servindo de estímulo as novas gerações.

Foi assim que se formou a época estelar de Sergipe.

Época sublime em que a inteligência foi o ideal mais poderoso que dominou as aspirações da mocidade sergipana nos seus anseios e nos seus desejos infintos.

Tobias elevou, a alturas nunca atingidas anteriormente, o nome intelectual do Brasil.

Sua trajetória foi rápida e brilhante.

Morreu ainda no vigor dos anos, em plena exuberância da planta humana.

O destino não quiz humilhá-lo, deixando-o conhecer todas as fraquezas que aviltam a vida na última fase da existência.

Aos cinquenta anos adormeceu para sempre, forte ainda, levando consigo todas as ancias, todas as revoltas que torturaram a sua vida agitada.

Os seus inimigos talvez exultassem, vendo-o penetrar tão

cêdo no temido e misterioso país das sombras, onde tudo é tristeza, silêncio, esquecimento...

Mas a morte que pode destruir os corpos, aniquilar as formas da beleza mais delicada e mais pura, nenhuma ação exerce sobre os gênios, porque eles são imperecíveis...

O tempo e a morte não fôram para ele o aniquilamento da personalidade, o esquecimento enfim, mas a entrada triunfal para as páginas indestrutíveis da história.

Sua existência, desde cêdo, manifestou-se por uma série de batalhas renhidas, terminadas sempre com as vitórias mais esplêndidas.

Naceu em Campos a 7 de Junho de 1839, onde passou os primeiros anos de sua infância.

Logo após na Estancia, em seguida no Lagarto, depois em Itabaiana, onde lecionou a cadeira de latim, mas lutando sempre com as dificuldades materiais da vida, trabalhando, estudando, ensinando...

Segue para a Baía, matriculando-se no Seminário arquiépiscopal, mas pouco depois é despedido, porque as notas plangentes de seu violão e sua voz, firme, repetindo as serenatas sergipanas, tinham quebrado, em horas adiantadas, o silêncio profundo da noite.

A sua alma de lutador indomável não se adaptara à disciplina serena, à resignação e ao ascetismo da casa de Jesus.

Volta a Campos, sempre a braços com sérias dificuldades econômicas, vai finalmente para Recife e matricula-se no curso de Direito.

Ainda acadêmico entra em 3 concursos, obtém brilhantemente os primeiros lugares, mas não consegue nomeação.

Diploma-se em Direito, vai para a "Escada", cidade do interior de Pernambuco.

Foi deputado estadual, abriu um colégio, foi professor, ensinou latim, francês, retórica, filosofia e matemática elementar.

Fez um concurso sensacional para uma cadeira da Faculdade de Direito do Recife.

Ao entrar na Faculdade, combateu as teorias antiquadas que dominavam naquele estabelecimento superior de ensino.

Com o seu espírito de lutador divulgou sempre as doutrinas dos filósofos e cientistas europeus, dando supremacia ao monismo mecanico de Haeckel.

Até na poesia a sua mentalidade dominadora, as suas concepções filosóficas e o seu espírito de dúvida, afloram à nossa vista,

como que entrelaçados aos anseios intensos do seu coração, como se poderá ver por este lindo soneto.

IGNORABIMUS

Quanta ilusão!... O ceu mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas cruéis prisioneiro
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Cristo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam também deus verdadeiro,
Veiu o mundo remir do cativoiro
E eu vejo o mundo ainda tão cativo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio,
Da tirania e da miséria o travo,

Se é sempre o mesmo engudo e falso enleio
Se o homem chora e continua escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

A sua actividade intelectual foi multiforme e sempre se manifestou com intensidade brilhantíssima.

Foi jurista, filósofo, poeta, crítico, polemista, orador, jornalista e musicista e conhecia perfeitamente o latim, inglês, francês, italiano, alemão e russo.

A sua obra intelectual é formidável, pela variedade dos assuntos estudados, pela superioridade do pensamento e pela segurança dos conceitos.

Tobias foi um gênio admirável.

Deu início a época estelar de Sergipe e plantou um marco luminoso na história científica e filosófica do Brasil.

Hoje uma nova época surge para o Brasil com a ação profícua, serena e ao mesmo tempo enérgica do Estado Novo.

Existe um reajustamento em todos os sectores.

Procura-se corrigir erros, desenvolver o país, elevar sua mentalidade, firmar a justiça, como princípio básico da sociedade para substituir outros princípios que não resistiram à ação demolidora do tempo e ao efeito corrosivo das grandes verdades científicas.

Impõe-se, portanto, à nossa consciência fazer justiça a Tobias, elevando-se o seu nome, venerando-se a sua memória, de acordo com o desenvolvimento fantástico de suas funções cerebrais e a ati-

vidade mental prodigiosa que manifestou, durante a sua curta e torturada existência.

Tobias não podia ser compreendido no seu tempo.

Sua mentalidade se elevava muito acima da média comum e suas doutrinas filoóficas e científicas causavam um verdadeiro terror a maior parte dos representantes do meio intelectual daquella época.

Era natural, portanto, que fôsse combatido e criasse entre aqueles que não podiam compreendê-lo os mais crueis e os mais terríveis dos seus inimigos.

Hoje Tobias descansa na eterna mudez do nada.

A pátria agradecida ergue-lhe um altar e deposita cõbre a sua cabeça uma corõa de loiros.

E', a glória que finalmente chega, esquivã, orgulhosa, dominadora, mixto de mulher, de ideal e de luz.

Sempre a fascinar, desvendando, às nossas vistas surpresas, um novo mundo de promessas, onde as illusões brilham intensas e os sonhos mais almejados tomam as formas vivas da realidade.

Glória! luz, ideal, sonho, illusão, continuarás, como sempre, conquistando o coração generoso da mocidade!!!

Somente a ti é dado o poder miraculoso de formar os gênios, envolvê-los em uma aureola de luz muito intensa e elevá-los, como os antigos deuses do Olimpo, muito acima da p'aele rasa, onde imperam vitoriosas as massas humanas.

E, neste momento, para a nossa nacionalidade verdadeiramente solene, o Estado Novo paga, pelo Brasil, uma dívida de honra, glorificando a memória de um dos seus filhos queridos.

Ergo o olhar absorto para o céu claro de minha terra, prolongo mais a vista, mais e mais para as regiões longínquas dos mundos desconhecidos e das nebulosas imensas, e além, muito além, no espaço harmonioso, no espaço-luz, no espaço-esplendor, vejo ainda Tobias, como um sol magnífico, irradiando sempre, "Bailando como dissera Fausto, à flor do mar de oiro onde a luz se gera".

DISCURSO

que deveria ter sido proferido pelo acadêmico de direito David Melo, da Embaixada Pernambucana, na romaria à Estátua do Dr. Tobias Barrêto, a 7 de Junho de 1939 e que deixou de ser proferido por ter adoecido o referido acadêmico:

Meus senhores :

Foi menos por mérito do que por exagerada gentileza e simpatia, que os meus colegas, assistidos pelo professor Amazonas, escolheram-me para representar o terceiro ano da Faculdade de Direito do Recife, na Embaixada que Pernambuco enviaria a Sergipe, a fim de fazer-se representar nas comemorações do Centenário de Tobias Barrêto.

Medindo o alcance de tamanha responsabilidade, não trepidei em arcar com a mesma, movido, porém, não por uma vaidade tôla ou ainda mais tôla confiança em illusórios dons intellectuais, e sim pelo desejo de corresponder à confiança dos meus colegas. Não me era lícito recusar o mandato, alegando pouquidade de forças para desempenhá-lo, porque isto, longe de constituir justificativa, importaria em franca covardia. E, aos moços não é dado fugir. E aqui estou, scripitanos, juntando a minha fraca e destaviada voz, no côro de glória que entoais ao vosso imenso filho.

De inicio, devo confessar, não sem algum pêjo, a minha relativa ignorancia da vida e da obra integrais do genial pensador a quem só conhecia, até na pouquíssimos dias, em seus traços gerais na meio de palestras académicas, artigos da imprensa, trechos esparços ou citações didáticas. Isto, porém, em parte se justifica, dada a orientação impressa ao nosso ensino, carecente, entre muitos outros, neste ponto de estimular o interesse dos jovens ao conhecimento da vida, da obra, e da influencia dos grandes vultos pátrios na vida nacional. Seria do máximo interesse o se incluir nos cursos propedêuticos, como um departamento da disciplina da história pátria, um estudo mais circunstanciado das suas figuras mais representativas. Isso despertaria nos amoldáveis animos juvenis a centelha da admiração, do entusiasmo, da emulação, do civismo, do vontade firme de continuar abnegadamente a obra dos deuodados plasmadores da nossa nacionalidade. Quando tanto não fôsse, ao menos evitaria fatos vergonhosos

para nós brasileiros, como o ha pouco ocorrido no sul do País, onde uma revista assás conceituada, criticando um consagrado escritor que cometêra o deslize de confundir a cidade de Escada, em Pernambuco, onde Tobias aprendêra o alemão — com uma reles escada de parêde — incorreu em erro ainda maior quando, para corrigir o escritor relápsio, explicava que Tobias não aprendêra o alemão sentado sôbre os degraus, de uma escada, mas sim na vila de Escada — no Estado de Sergipe... Vêde, senhores, que prova triste de desamôr ao que é nosso como carecem de responsabilidade, aqueles que mais a deveriam pregar, dado seu caráter de publicistas !...

Mas, eu não quiz aproveitar o justo motivo acima citado, e apresentar-me de mãos vazias, a venerar a memória do illustre sergipano, sem saber, sem sentir realmente porque o fazia. Desde que, assentada ficou nossa vinda a esta Capital, entreguel-me de corpo e alma à indagação da vida integral de Tobias Barrêto, dividindo perigosamente a minha atenção nas vésperas das provas parciais, e solicitando o esclarecimento desejado àqueles que mais de perto o conheceram.

Fez-me a sua apresentação, o insigne Clovis Beviláqua, que, ao narrar a "História da Faculdade", evidencia a enorme influência do grande mestre, não só no ambiente filosófico-jurídico da mesma, como na cidade do Recife e em todo o País. Depois conheci o depoimento de alguns dos seus colegas, discípulos e admiradores, como Artur Orlando e o conterraneo e amigo de Tobias, Sílvio P. Nero. Por fim, o professor Hermes Lima fez-se o retrato fiel daquele que fôra "regiamente mestiço", cortando algumas aparas inúteis que lhe puzeram o entusiasmo veemente e a adoração de alguns admiradores, sem que com isso a figura de Tobias esmacesse um pouco, antes tornando-a mais fulgurante na plenitude de sua realidade. Mas, com essa minha viagem pelos arcanos da vida de Tobias, não pretendi colher alguma esquecida e peregrina gêma para vos trazer como um presente inótilo. Seria sandice tentá-lo em tão pouco tempo, considerando-se ainda mais, que estou na própria casa de Tobias.

Não. O motivo dêsse meu esforço que, aliás ~~meu~~ foi pequeno, foi o que já disse: queria conscientemente entoar o meu salmo a Tobias. Dado, decerto, o meu caráter de estudante, e de estudante de direito — dentre as variadas facêtas que apresenta a fecunda personalidade do sergipano, uma se me impoz pela sua beleza: é aquela em que ele se mostra como o erudito professor e o querido mestre.

Não ha dúvida que toda a obra de Tobias, suscita o meu entusiasmo, a começar pelo lídimo encanto e lirismo de suas odas a Leocádia e pelo ardor cívico que imprime às suas composições patrióticas, desbancando ainda o pieguismo da poesia coetânea e amoldando-a à feição hugoana. Não é menos impressionante a figura do crítico atacando os velhos, inúteis e prejudiciais moldes de sociedade estacionária, eivada de todos os defeitos decorrentes de um regime prenhe

de instituições servis, de uma mentalidade aferrada a tradições espiritualistas e absurdas, descuidosa dos altos assuntos filosóficos, científicos e políticos. Como polemista é rude, áspero, sarcástico, fulminante contra aqueles que, em parte, invejosos do seu talento e da sua cultura, insultavam-no impiedosa, desleal e odiosamente, como aquele contendor gratuito, covardemente anônimo e falso, que, esquecendo o sacerdócio da sua profissão, não o poupava, no próprio leito de dor, com as suas invectivas mais que criminosas, como quando, para apressar a morte do alquebrado soldado mais invicto caudilho, dizia estar "acompanhando a decomposição do seu organismo". Vários meses, sentado na borda da cama, com a cabeça apoiada nos braços suspensos por uma mészinha, tomado a cada passo dos acessos da moléstia que o vitimava, suportou e revidou toda a sorte de impropérios e pesados ataques, ditando, já que não mais sustinha a pena, os argumentos decisivos e que fulminavam os seus adversários. O seu filho, o encaecido e zeloso dirigente da Biblioteca da Faculdade, tem os olhos marejados ao narrar-nos esses tocantes episódios.

Interessando-se pela filosofia, desde logo Tobias relegou o espiritualismo árido, indo abeberar-se em fontes estrangeiras, demorando-se pela França e finalmente fixando-se na sua "adorada Alemanha".

Antes mesmo de entrar para a Congregação da Faculdade, ainda isolado em Ilse, começou a sua luta tenaz e sem quartel pelas modernas concepções do direito, usando sempre da sua crítica severa, destrutiva dos velhos pardieiros arvorados em monumentos jurídicos, e edificando sobre as runas, o belo templo filosófico-jurídico, cujo fulgôr exuberando dos muros da Cidade do Recife, espalhou-se por todo o País.

Por fim, eis-lo depois do mais memorável concurso que jamais rezam os anais da Faculdade de Direito do Recife, o maior dos professores. Aí, como em todo o campo da sua vida operosa, poz-se a destruir tudo aquilo que considerava inútil, começando por renovar a clássica e severa indumentária do lente. Fez-se descuidado na sua apresentação pessoal, talvez ainda devido às suas falhas condições financeiras, ou decerto, convindo que mais interessante seria a substância do que a forma exterior, mais valioso o saber que derramava nas inteligências juvenis, ardentes e sequiosas, do que uma elegante e esteril presença, preferindo que algum discípulo, vendo-o pela primeira vez, sofresse uma "tremenda decepção" para depois, ouvindo-o no dissertar do assunto, saísse "maravilhado da sala".

A cátedra é, verdadeiramente, o instrumento da maior obra de Tobias. Teve, então um meio mais seletivo e apto a receber suas lições e críticas das doutrinas renovadoras, que não o era o ambiente social lá de fóra, ignorante, rotineiro, misoneista, apegado a seus velhos preconceitos, como o molusco à sua valva.

Falou. Falou muito e foi escutado no dizer de Hermes Lima. Por isso já disse alguém que a obra de Tobias foi maior pelo que dissera do que pelo que escrevêra, lamentando outrem ainda, que nem sempre houvesse alguém ao pé do mestre, a registrar a prodigalidade de suas seivasas palavras.

Baniu os velhos métodos de ensino, a ponto de ainda hoje poderem seus programas ser lecionados com proficiência. Abandonou os sedícios e engulhosos hábitos dos comentários textuais, animando as suas aulas com o estilo poético e anedótico, tornando-as mais movimentadas e interessantes, prendendo por este modo a atenção constante do aluno. Como o nota Clovis, o jurista e o filósofo usam da linguagem imaginosa do poeta. De fato, podemos observá-lo, por exemplo, nas suas considerações acêrca da imputabilidade da mulher, em sua obra "Menores e Loucos", ou quando discorrendo sobre a dificultosa questão do *direito de punir*, para explicar por meio das teorias evolucionistas, como das bárbaras e sangrentas guerra primitivas possa ser oriunda a justiça punitiva mais ou menos branda dos nossos dias, faz imaginar paralelamente, como da feia maceca ancestral, tenha surgido "uma menina de treze anos, cuja boca é um antozoário, e que apenas começa a saber olhar e esconder os pequenos seios túmidos, como se sóe encapolar os pomos maduroscentes para as aves não beliscarem".

Semelhante aula, que sabe bem ao paladar dos moços ardentes, sonhadores e ambiciosos, não é semente agradável e apetitosa, mas cheia de seiva nutritiva. Por esse método útil e agradável, ia espalhando nos corações enlevados dos seus discípulos as novas sementes da cultura humana, abolindo os descrépitos padrões, incutindo nos seus animos uma nova compreensão da origem das causas do direito, fazendo-os vislumbrar novos horizontes, inflamando-lhes o desejo pelos altos estudos e o interesse pelas grandes causas. E era por este motivo que a mocidade o adorava. A mocidade que está sempre pronta para seguir incondicionalmente o comandante que se apresenta impávido e cheio de confiança em seu valor próprio. Tobias era "o homem a que a juventude esperava". No ambiente de inquietação e transformação material e social por que começava a passar o panorama nacional, Tobias era o mestre, o grande e carinhoso mestre que tomava pela mão o jovem e desorientado aluno, fazendo-o enverediar seguro pela senda da verdade.

"Sua casa estava sempre aberta aos estudantes" — eis o melhor símbolo que Hermes Lima me deu do ilustre pensador. Neste ponto o velho mestre Tobias é de uma saude imensa. Não posso imaginá-lo a fazer a gazêta da catedra, como qualquer ginásial a do seu banco, alegando uma fantástica dor de dentes ou um problemático reumatismo... Não. O "régio mestiço" (goatei desta designação de Hermes) o régio mestiço, como dizia, não seria capaz de fazer da sua catedra um seboso balcão de bodega de onde vendêsse tachamente

as suas aulas, enquanto o Estado pagaria por elas um preço fabuloso. Bem ao contrário, sua cátedra foi sua missão mais sublime entre nós, o seu evangelho. Insigne em todos os campos de sua fecunda atividade tornou-se glorioso no seu magistério.

Dedicando-se particularmente à criminalística, fazia alguns torcerem escandalizados o nariz, quando afirmava categoricamente que "o conceito da pena não é um conceito jurídico mas um conceito político". Mesmo guardada a devida relatividade, somos às vezes levados a conjecturar si o velho Tobias não tinha razão, quando atentamos ao uso que faz do machado o casto ditador do "espaço vital", ou do fuzil o bigodudo mandão dos soviets.

Si sua vida atribulada por constantes conflitos com o meio, e a pobreza d'este não o tenham permitido largar-nos um conjunto de idéas reduzidas a sistema "na admirável árvore literária de Tobias, mais de um botão tem rebentado, e, colhido por mãos estranhas, tem dado a mais bela flôr" — no dizer de um discípulo que o venerava :

Velho Tobias. Batalhador audaz e invicto.

Aqui estamos para voz fazer justiça. Não a justiça de que vos envergonhastes de impetrar, por não ser decente "a um homem já velho entrar em pleno dia em casa de uma prostituta". Nem é a mesma que ainda hoje apraz a alguns o vendarem-lhe os olhos para com ela jogar a cabra-céga nos tribunais. Mas a justiça já prevista pelo vosso querido discípulo e que seria a "glória postuma tanta maior, quanto o sói do pensamento se achasse mais avançado na trajetória do progresso".

Hoje vos damos a glória negada por nosso avós. El eu, aluno da velha Academia, cujos tesouros de tradições honrosas tanto enriquecemos, não poderia ficar mudo ante os louvores que entôam ao régio mestiço.

Querido mestre. Eis o pequeno penhor que deposito aos vossos augustos pés, alinhavado desageitadamente ao mesmo tempo que organizava o programa dos próximos exames. Si é insignificante no seu valor material, é inestimável na sublime intenção que o anima, no imenso afeto que o comove.

Aceitai-o, querido mestre !

DISCURSO

proferido pelo preparatoriano do Colégio Tobias Barrêto, Sigismundo Andrade, ao microfone do P. Y. D. 2, de Aracajú, a 7 de Junho de 1939, ao celebrar-se o 1º Centenário do nascimento de Tobias Barrêto:

Indicado a dizer algo do epónimo do Colégio, onde faço o curso de humanidades, vejo através da confraternização dos sergipanos, a significação de tantas homenagens, em que, num preito de justiça, exalta-se o maior dos filhos de Sergipe: Tobias Barrêto de Menezes.

Faz hoje cem anos. Na pacata vila de Campos um grande gênio aparecia. E' a este gênio que Sergipe cultúa, enaltecendo cada vez mais os seus triunfos e sua glória imortal. E o grande sergipano vai sendo levado à veneração dos presentes e dos vindouros, glorificado numa reminiscência perpétua.

Como aluno do Colégio "Tobias Barrêto", aqui estou cheio de alegria e felicidade, dizendo da vibração, do entusiasmo, da emoção dos meus condiscípulos em compartilhar das grandes comemorações de hoje.

Falar de Tobias Barrêto, é enaltecer a fase em que o "homem germanico" comportando-se à altura do seu timbre, emana para além-mar os seus vastos conhecimentos científicos. Foi este o tempo propício para que o Brasil, representado pelo erudito sergipano, fôsse calorosamente aplaudido pelos seus estudos filosóficos. E' Tobias que, quando se tornava catedrático de Filosofia na Faculdade de Direito de Recife, transformava o ensino de Filosofia e de Direito em nossa Pátria.

E' ele quem se fez aqui o inovador na concepção filosófica e jurídica. Com o seu cérebro de luz, entregou-se com dedicação ao monismo mecanico de Haeckel que fôra mais tarde, a proporção do engrandecimento de suas idéias, substituído pelo monismo filosófico de Noiré. Sempre esforçado em dotar o Brasil de um estudo completo de Filosofia, transporta esta escola científica para entre nós, como já havia feito, quanto à poesia, implantado o condoreirismo, inspirado nos versos emocionantes de Vitor Hugo. A sua obra não finaliza na Filosofia e no Direito. Ultrapassa muito.

Vemo-lo definir Wagner, o que ainda nenhum brasileiro havia

feito, dando-lhe a supremacia na música moderna, e pondo um pouco de lado os méritos de Meyerbeer. Vamo-lo na poesia, triunfante, heróico do condoreirismo compreendendo Walt Whitman que reformava a poesia moderna. Os estudos germanicos o levam a tão alto conhecimento no exterior do país, como um talento de cultura metafísica que é convidado em 1881 para ocupar uma das cadeiras na Universidade livre de Francfort.

Mais tarde, o seu espírito byronizado chega ao apogeu da glória com sua admissão como membro correspondente do Club Cosmofólico de Leipzig.

E' assim que Tobias surgiu no cenário científico do Brasil e do mundo, como a história transmontana dos italianos, deixando uma cauda luminosa para guiar as gerações futuras. Surgiu, mas não desapareceu como méro facto histórico que logo é lançado ao esquecimento. Seu nome fulgura sempre em nossos corações e os seus ensinamentos nos fazem levar de vencida todos os empecilhos que encontramos nas contendas da vida. Sintetizava no seu cérebro culto e esplendoroso o fulgor da poesia helênica de Píndaro, o verbo forte e libérrimo de Mirabeau e os sábios ensinamentos filosóficos de Platão.

Nos seus traços grosseiros, na sua cor acabada e nos seus lábios volumosos, vibram sentimentos literários os mais belos e a mais perfeita intuição da língua. Dentro d'aquello aspecto aparentemente desagradável apparece uma alma agradabilissima na sua genuina bondade, e nos seus largos preceitos científicos. No entanto, não deixou de receber de máns patriotas e de irmãos picarescos o aviltamento e a sátira que são os caracteres dessa zelotipia infame e repugnante. E assim, é que o accusam de cometer esta deponência gramatical que não se sabe se fôra a inveja depravada que a trouxera ao panorama crítico:

"De tantas pedras que atiram-me, hei de fazer um altar". Mas não só a defeza lógica e cabal do conspícuo Manuel dos Passos, o homem que Sergipe esqueceu, temos o aforismo de Fontana: "A classe que nada erra é a que nada produz", em defeza do grande filósofo.

Ao lado d'esses exemplos materiais, temos o do maior génio da Velha Helade, o inconfundível Demóstenes sendo varado em plena praça pública.

E' que só se joga pedras em árvores que dão bons frutos. O mais, no que não atingira o despeito, a malquerência e o espirito depravado de baixos críticos, vemos a figura de Tobias Barrêto res-

plandecendo no horizonte científico brasileiro, como a figura pre-
cípua do seu tempo e tomado como ídolo na genealogia de amanhã.
E' o insuplantável Vergniauld brasileiro, que na convenção dos seus
sentimentos republicanos gritava contra o regimen monárquico de
Pedro II. Não era desconhecendo o notável soberano que via na per-
sonagem do segundo Imperador do Brasil, mas fazendo terríveis mo-
ções contra a sua forma de governo. E eis aqui senhores em pala-
vras desprovidas da eloquência traços rápidos da obra de Tobias
Barrêto. E hoje, que se comemora o centenário do natal do insigne
poeta, filósofo, crítico, jurista, polemista, orador, jornalista, musi-
cista e evolucionista, os alunos do olégio "Tobias Barreto", paten-
teiam a sua gratidão numa comovida prece de veneração.

SAUDAÇÃO A TOBIAS BARRÊTO

Versos de Góis Duarte, lidos pela interessante criança Detinha Carvalho, aluna do "Colégio Santana", desta capital, por ocasião das homenagens prestadas ao grande sergipano, quando do centenário de seu nascimento:

Tobias! Grande Tobias!
E' junto ao teu pedestal,
— O trono da tua glória,
Através de nossa história,
Onde esplendes, imortal, —
Que eu, DETINHA CARVALHO,
Por saudar-te, entre alegrias,
Dêste momento me valho!

Tobias! Oh genial!
Ao fluir teu centenário,
Teu nome extraordinário
Refulge como um fanal!
Das festas de que se ufana
Em tua glória, Sergipe,
Consente que participe
O meu "Colégio Santana":
Sua homenagem, singela,
Aqui está, por exercê-la,
Solidário com as demais.
Eis o que a sintetisa:
Esta lira simbolisa
Aquela que dedilhaste,
Ao som da qual te embalaste
Compondo os teus madrigais:
Lira d'oiro, a que arrancaste
Os teus cantos imortais!



EPIFANIO DA FONSECA DORIA

"TOBIAS BARRÊTO, O HOMEM PÊNDULO"

de Roberto Lira por Epifanio da Fonsêca Dória

*Transcrito de "A Tribuna", de Santos, de 7
Junho de 1939*

De início quero declarar que não me anima, nas linhas que se seguem, o intuito de polémica, o espírito de revide, a volúpia de notoriedade.

Filho de Campos, a cidade pequenina que se debruça, pobre e sem faccivices, sobre o rio Real ; a porta por onde penetraram, em direção ao norte os colonizadores, vindos do sul ; berço que embalou, na infância, essas notabilidades do Brasil que fêram Antônio Muniz de Sousa, cognominado o Homem da Natureza, e Tobias Barrêto, cognominado o Filósofo Tuto-Brasileiro, seja-me permitido registrar o meu constrangimento em ver duramente percutida uma glória autêntica do meu município, mesmo que tenha sido com martelo de ouro, como seja a inteligência rútila do dr. Roberto Lira, cujo valor social e cultural, minhas palavras não visam de qualquer modo melindrar.

Em geral a morte é uma esponja que apaga, automaticamente, as divergências e dissensão humanas ; a sepultura por sua vez, raza ou funda, pobre ou suntuosa, é sempre asilo inviolável, onde não penetram, impunemente, a enxurrada das injúrias pessoais ou as chirpações violentas do ódio.

Um morto é como um preso ; não se o ofende sem desar para o ofensor.

Se viciar um preso que está privado de produzir a própria defesa é ato que não dá lustre aos braços de ninguém.

O mesmo acontece com a memória dos mortos, ainda mesma que eles tenham tido uma vida menos condizente com os princípios tradicionais de uma boa conduta.

Denegrindo-a, maculam a si próprios, os que têm semelhante gesto.

Levantar a lousa dos túmulos para acordar os que se recolheram ao seu inviolável regaço, com o intuito de trazê-los, a reparticipar das dores do mundo, é tarefa bastante ingrata.

Lampeão era o demônio dos sertões, a vergonha de todo o infor-

tunado nordeste, que ele talava, numa estranha volúpia de angustiar, menoscabando, com singular engenho, das autoridades públicas, como se fôra um predestinado do mal, mas logo que a morte o colheu, logo que o seu espírito se desgarrou da matéria finita, o seu corpo de sicário, a sua figura de monstro humano se tornou inviolável.

E porque a maré montante do ódio armazenado, os transbordamentos da indignação geral, levada ao auge, contra os seus crimes, de crueldade inédita, quebrasse, com o decepamento inútil e espetaculoso do seu cadáver, essa inviolabilidade que a morte sabe trazer, a imprensa esclarecida, a imprensa que é o guião iluminado dos povos cultos, a estrela bíblica que conduz as gentes ao altar da civilização, os jornais que, no dizer feliz do embaixador José Carlos de Mello Soares, "são os cinco sentidos das aglomerações humanas constituindo a atmosfera comum em que vibram as inteligências de um povo, formando a contiguidade das opiniões e estabelecendo as fórmulas que uniformizam os conceitos, a imprensa esclarecida, repito, se levantou nobremente, altruisticamente, contra o gesto que lembra um instante de barbaria, com a profanação de um cadáver que se tornára sagrado pela unção da morte.

Assaltaram-me à mente estas considerações ao ler a "plaqueta" que o ilustre e acatado escritor patricio, dr. Roberto Lira, uma inteligência fulgurante nas letras jurídicas, um nome já feito no conceito cultural do país, publicou aôre a figura central do nosso movimento de emancipação mental, no terreno da filosofia espiritualista tradicional, de que S. Tomás de Aquino, essa figura exponencial, gloriosa da igreja católica, foi tão alto luminar, — o dr. Tobias Barrêto de Menezes, nome que ha de ser sempre uma glória do Brasil.

O livro a que me refiro, cuja leitura só agora tive ensejo de fazer, não é um livro de simples controvérsia, de mero combate a uma idéa, de reinvidicação de verdades afastadas do seu eixo natural por um homem de talento que se excedesse em fazer uso dêlo, para devaneios, para fantasias, à semelhança de Augusto Comte, portador de inteligência desmesurada, que entendeu de juntar as suas flórias, no terreno das conquistas filosóficas, a de dar um rumo novo ao sentimento religioso da humanidade.

Nada disso.

O livro do culto jurista é um camartelo, feito para demolir a sólida reputação de um homem que soube engrandecer o nome do Brasil que soube quebrar, com desassombro estarrecente, uma escolástica bobrenta que vinha retardando a evolução mental brasileira, de um mestre do direito que, como confessa, qual um relâmpago iluminador, cortando a espessura de sua dialata mordaz, o dr. Lira, "as aulas viviam cheias e os estudantes acompanhavam-no em toda a parte, em casa, nos cursos particulares, na célebre livreria das Quintas, sequiosos e reverentes. Queixando-se do descalabro do ensino, fulminando os

velhos mestres caturras que viviam a reclamar dos alunos: estudai, estudai, Tobias aconselha aos moços esta réplica: Ensinaí, ensinaí. Ele podia dizê-lo, por que era o primeiro a dar o exemplo, mesmo quando aniquilado pela molestia, pelas perseguições e pelas infâmias de seus inimigos”.

Esse desejo de desbancar a reputação de Tobias se nota logo, até pelo título dado ao primeiro capítulo: “Mestiço em tudo”.

Por aí se descobre a “intenção de amesquinhar. O illustre escritor, querendo expôr à irrisão da posteridade o grande sociólogo e tribuno sergipano, abre o seu livro afirmando que elle foi um réu confesso de versatilidade.

E para dar força à sua afirmativa transcreve-lhe estas palavras, que, a meu vêr, lhe não desdouram a abençoada memória:

“Eu sou um pouco volúvel. Esta verdade, que, ha trinta anos, já me dizia em tom convicto a minha primeira deidade, quando se viu sacrificada a um rosto mais gentil, permanece no mesmo estado de frescura, pelo que toca, não a amores, mas a teorias, que nunca tiveram força de ganhar-me o coração e que, portanto, não duvido desprezar, de olhos enxutos, por causa de outras, que melhor me pareçam”.

Nada aí vejo que faça esmaecer a glória do arrojado polemista, que nunca saiu da arena diminuido pela vitória do adversário, antes saía sempre olímpico, com as armaduras de ouro, reluzentes, dos gladiadores invictos.

O nobre autor do livro a que me venho referindo, habituado ao mistér de acusar, por força do alto cargo que exerce, com honra para a justiça de que é esteio, quasi que se limitou a escrever um libelo contra o grande escritor sergipano cujas altas qualidades o tornaram tão admirado dos seus coevos e pósteros.

Tobias era um homem sincero, uma alma franca, uma vontade de bronze, um exemplo de coragem e de desprendimento.

Era um cedrô gigante dominando o ambiente.

Tinha a noção absoluta do seu valor e a da pequenez dos enfatuados que a não queriam reconhecer, por não admitirem que aos herços pobres e aos homens de côr Deus dá também o direito de acariciar illusões de ter talento, de ter glórias e de crescer socialmente.

Emergindo e avultando-se num meio onde se tornou exceção, era natural que florescesse o despeito dos que não podiam vêr, impune-mente, sua glória ofuscada.

Dai os golpes que a inveja sabe desferir, dai os rancores, com que teve de contar, dos que não lhe suportavam a primazia do domínio intelectual, daí a luta acêsa em que viveu, como bem o descreve, no final do seu livro, o dr. Lira, como uma furtiva centelha de justiça no

massiço de sua escarpelante crítica. Copiemos suas palavras. Os elogios dentro de uma acussação são inuspeitos :

“Mas se quizermos extrair da singularidade de sua vida qualquer coisa que o defina, ha de ser a oscillação do homem pêndulo, mestiço em tudo, aturdido e confuso, ansioso por um lugar de honra em que pudesse apreciar, sem o onus da intervenção, as lutas sociais. Mas se quizermos tambem extrair de sua vida qualquer coisa digna de meditação ha de ser o drama do provinciano pobre e perseguido, que estudou entre as tragédias de auto-didata, que trabalhou e lutou contra a hipocrisia, combatido, infamemente pela covardia de coletividades embuçadas. Dêle ficou, sobretudo, o amor à ciência livre, “e combate pela luz”, que se tanto valeram, no obscurantismo de seu tempo, mais ainda o recomendarão quando o mundo pertencer ao trabalho e à cultura”.

“Três vezes espoliado em concurso”, prosegue o dr. Lira, “consumido pela doença e pela miséria, sem protutores, nem qualquer facilidade material, desde 15 anos, quando órfão com os pais vivos, começou a dirigir uma escola primária, ganhando a subsistência em meio a perseguições de toda a ordem, Tobias não foi um revoltado, derivando, na chalesa e na chacota, as chamas do mundo interior. Falou, escreveu, sempre angustiado e oprimido, as asas cortadas para os arremessos no espaço azul. Não teve cursos, nem convivências superiores, não dispôz de um ambiente tranquilo e organizado para a meditação; nem viagens para a observação (a Baía foi o seu pouso mais distante), a sua biblioteca custava o sacrificio da economia doméstica, os seus livros, os seus artigos, as suas aulas, os seus discursos participavam da circunstancia da vida errante e absorvida pelas aflições do immediato, na vertigem das campanhas, entre os alcapões das ciladas. Quem enfrenta, quem resiste, quem produz como êle, na rotina da adversidade, acumulando uma erudição sem par no meio mais culto do tempo (Recife), rompendo algemas seculares sangrando as mãos, sobrecarregando o coração bem cedo resentido das fadigas e das emoções ininterruptas, tudo merece de uma geração, como a nossa cupaz de comprehender o martírio de que ainda não se libertaram os homens de pensamento.

Tobias ergueu-se do abismo pela energia dos próprios punhos, contraídos de dôr, aos golpes dos que advinharam o perigo daquela asceção. E banhou a cabeça de sôl”.

O ódio que a superioridade mental de Tobias lhe atraía, longe de amedrontar-lhe, emprestava-lhe mais ardor para a pugna, mais afoiteza para enfrentar inimigos poderosos.

A sua qualidade de mestiço, que ainda ha 50 anos, depois de sua morte, se senta sobre sua campa, muito concorreu para que mais áspera lhe fôsse a luta pela vida.

Ouçamos o testemunho de um homem de bem, de uma figura da mais alta projeção mental e social do Brasil, o dr. José Joaquim Seabra :

“Tobias foi poucos anos professor. Atingiu à catedra já perto da morte. E, na Congregação, poucos, ou quasi nenhum era seu amigo. Somente eu consegui fazer íntima amizade com elle. E’ porque eu era ainda jovem, e em vez de inveja, tinha admiração pelo seu talento. Quando elle era combatido, eu saia espontaneamente, em sua defesa. Fui o único professor amigo de Tobias. Tinha amoldado o meu carácter na defesa dos pequenos, na defesa dos humildes. Grande Tobias era ; entretanto um fraco, pois os seus inimigos eram numerosos. Puz-me ao seu lado, tal como fiz durante toda a minha vida politica, sempre ao lado dos fracos e oprimidos. Tobias era uma vítima de uma ditadura — a ditadura dos preconceitos raciaes, como se fôsse possível admitir no Brasil semelhante disparate !... Quando Tobias morreu, a Congregação da Faculdade não delegou poderes a nenhum dos seus membros para dar-lhe o último adeus. Eu, como amigo, à beira da sua sepultura, proferi um discurso, que foi publicado por alguns jornais da época. Como se tornasse exequito dizer que a Congregação não havia tomado conhecimento da morte daquele vulto, permiti que publicassem o meu discurso, como se fôsse pronunciado em nome da Congregação. Não tive autorização para tal. Falei apenas, porque era seu amigo devotado e sincero”.

São palavras do grande estadista José Joaquim Seabra, 50 anos depois da morte do grande sergipano.

A sua admiração por Tobias não foi uma questão de entusiasmo ocasional que passasse com as ilusões da mocidade.

Não. Essa admiração não era um fogo fátuo, surgido ao calor do entusiasmo passageiro : foi uma volição sincera da alma altruistica de um brasileiro talhado a ser, como se tornou, um estadista que tanto tem sabido honrar as tradições democráticas do Brasil.

As antipatias que recuam sobre Tobias, por causa da sua qualidade de mestiço, nunca lhe puderam apoucar, pois acima da nebreza genealógica estava a do seu talento e a da sua energia combativa.

Os seus altos dotes lhe davam coragem para ter sempre atitudes desasombradas, daí a sua impetuosidade, daí a sua franqueza rude, própria dos que não escolhem geitos para dizer a verdade, para exteriorizar as suas convicções, dos que não contemporizam por amor as conveniências, dos que repugnam situações acomodaticias, custe o que custar.

Sendo homem de talento, não podia ser um estacionário, preso a convicções que circumstancias posteriores da evolução viriam quebrar-lhes o sólio.

E as mudanças de convicção devem ser tão mais rápidas quanto

maior fôr a força de percepção para apanhar os desdobramentos da evolução a que as ciências estão sujeitas. E Tobias dizia: "O meu fito é saber, nada mais". Ele era um sôfrego de saber, não se contentava à tarde com as conquistas adquiridas pela manhã. Era um insatisfeito na ansia de entesourar a sabedoria, no desejo de captar toda a ciência acessível ao cérebro humano.

O que o ilustre escritor Roberto Lira, para cuja dureza contra a memória de Tobias não encontro explicação, transcreveu para diminuir-lo, é, ao contrário, no meu entender, a prova do seu indiscutível valor.

Não era ele um espírito parado, meramente assimilador, mas um espírito evolucionista, pesquisador, altamente perspicaz no perceber as mais leves etapas do processo evolutivo.

Todos sabem, é verdade, que a evolução é uma lei fatal, e Tobias, homem-gênio, não havia de ficar, estagnado, zelando, como a um fetiche, uma teoria que ontem era verdade e que hoje se desmoroneou como tal.

Não posso furtar-me ao prazer de citar novamente esse grande vulto das nossas letras, honra do Brasil de hoje, o embalsador José Carlos de Macêdo Soares. Escreveu esse notável membro da Academia de Letras, no seu discurso de recepção:

"Erram os julgadores apressados, os cérebros adequados às conclusões definitivas, os fanáticos dos sistemas e os demagogos das fórmulas verbais".

O raio visual do homem não pôde dizer com absoluta certeza o que será o futuro, com que nos esbarraremos no dia de amanhã.

A teoria geométrica dominou por muito tempo, até que veio desbancá-la, irremediavelmente, o heliocentrismo.

São Paulo não se diminuiu, convertendo-se na estrada de Damasco, ao contrário, foi pela conversão que ele se sublimou.

Litré, Guerra Junqueiro e Rui Barbosa, para citar poucos exemplos os dois últimos bem recentes, não perderam o conceito a que fizeram jus, por terem abandonado o materialismo em que tinham pontificado, reconciliando-se com a igreja católica.

Osvaldo Orico, no seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, registra o seguinte, que copiamos como lá está:

"Das três coisas mais detestáveis na França, dizia Maupassant, nos tempos de mocidade: a *"Revue des Deux Mondes"*, as condecorações e a Academia Francêsa — esta é a peor. Tal declaração não impediu que ele viesse a colaborar na revista e acabasse candidato à Academia".

Tobias não foi tão longo, as suas incoerências eram sempre no terreno das idéas e não nas questões de mero interesse pessoal.

Jaime d'Altavila, num discurso de recepção no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, proferiu estas palavras bem humanas e bem dignas de apreço :

"Os homens de sensibilidade transigem sempre, porque até as raízes das árvores mudam de direção e contornam as pedras quando as encontram".

Tobias, porém, não transigia porque encontrasse pedras no caminho. Tobias deixava o envólucro da idéa velha, caduca, que obedecendo à lei a evolução, se transformava em necidalo, à semelhança do sirgo.

Só os homens sem talento, os mediocres, escassos de inteligência, e até fracos de instinto, se mostram inacessíveis à evolução das idéas.

Tobias era uma placa fotográfica delicadíssima, pronta a receber as imagens mais recentes no que tocava à ciência.

Era uma alta excepção no meio em que vivia.

Só a mocidade, embevecida pelas rutilações do talento, bebendo-lhe as lições eruditas, vendo o mundo através dos novos horizontes que o mestre descortinava, o sabia compreender.

Isto assanhava os velhos pontífices da ciência obsoleta, tirando-os do seu trono de fétiches.

Tobias tinha três defeitos, acentua o illustre escritor Roberto Lira, apoiado por uma assertiva de Silvio Romero : "abusava do café, fumava em excesso e era caído por mulheres".

Se estes defeitos levam os homens aos infernos, póde São Pedro pôr fóra as chaves do céu, secção reservada à gente de calças, pois ninguém da referida secção irá incomodá-lo.

O grande sergipano seria uma excepção, se como Schopenhauer, detestasse as mulheres.

Para diminuir o civismo de Tobias, cita o dr. Lira esta quadra, destacada da primeira estância da poesia "Guerra do Paraguai":

"Por ser o nosso ideal,
No coração do Solano
O sabre pernambucano
Vai mostrar p'ra quanto val".

Não posso compreender o motivo que levou o culto plúmítico a publicar apenas os quatro últimos versos da referida estância.

Isto me leva a fazer um juízo temerário, qual seja o de supôr que

este gesto visou diminuir a feição cívica de Tobias. Posso, entretanto, estar errado, e muito estimarei que assim aconteça.

A estância completa é a seguinte :

*"Se nós insultados fomos
Agora que o norte vai,
Ha de ser, tir o que somos
A gente do Paraguai
Se nessa guerra em que entramos
Pelo direito lutamos,
Por ser o nosso ideal,
No coração do Solano
O sabre pernambucano
Vai mostrar p'ra quanto val".*

Grifei de propósito os quatro versos acima, para acentuar que Tobias, como verdadeiro patriota condicionava a guerra à desafronta a um insulto, à defesa de um direito da pátria, e nunca a um capricho do monarca brasileiro, que só depois que o perdemos é que estamos fazendo completa justiça ao seu caráter sem jaça.

Tobias mereceria a execração da posteridade se tivesse posto a sua lira maravilhosa ao serviço dos que, loucamente, queriam conquistar o Brasil pelas armas como entendeu de tentar o desvairado ditador paraguaio.

Acharia o culto dr. Roberto Lira que Tobias pecava em pôr sua lira de ouro a serviço do patriotismo brasileiro, numa hora trágica, em que a nação, arrastada para os abismos da guerra, não se mostrou acovardada : e sim repelia o insulto com a bravura de que era capaz ?

Não me inclino a acreditar.

Vale transcrever, para que tenha a divulgação que merece as palavras do dr. Roberto Lira.

Assim todos julgarão a memória do morto e a acusação que ora se lhe atira. Eis as palavras do dr. Roberto Lira, em seguida à quadra de Tobias que transcreveu no seu livro :

"Assim, exaltava os exércitos em demanda do matadouro, onde morreram 100.000 brasileiros". Aliás rezam as crônicas que o número de mortos atingiu a 200.000.

O dr. Roberto Lira diz que Tobias "viveu divorciado dos grandes ideais do seu tempo e foi monarquista, que achou natural a existência

da escravidão". Entretanto, já em 1868, Tobias surzia o regime escravocrata com estes versos candentes :

"Se Deus é que deixa o mundo
Sob o pêso que o oprime,
Se êle consente êsse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixa deponha,
Cobrando assim da vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delírio inefável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus",

Transcrevendo êstes versos de um materialista, o fazemos simplesmente para mostrar que não lhe era indiferente a sorte dos escravos, como afirmou o dr. Lira. Somos espiritualistas e não nos envergonhamos de o confessar de público.

A acusação de que Tobias se converteu ao catolicismo na hora extrema, com que se procura diminuir sua memória, é falsa. Tobias teria, entretanto, se engrandecido mais com êsse gesto se o tivesse tido e não se diminuído. O dr. Luís Ferreira do Nascimento, seu conterraneo, seu discípulo e seu amigo, que lhe assistia os últimos momentos, nega esta balela que se tem feito espalhar para diminuir a memória do grande sergipano.

Aqui transcrevemos a carta do dr. Luís Ferreira do Nascimento, chamado Lula pelos íntimos da família.

Eis a carta a que aludo :

"Uzina N. S. das Dôres, 30-4-923.

Meu caro Lacerda : Saúde e felicidade com os seus queridos.

Consoante o seu pedido, passo a relatar-lhe com fidelidade o que vi e ouvi do nosso patricio e mestre dr. Tobias Barrêto, no curto espaço de dois meses.

Nos últimos dias de Abril de 1889, quando pensionista do dr. Alves Manaya, no Recife, rua do Hospital n. 3, ofereci-me a prestar

serviços ao pranteado mestre, o qual, residindo na mesma rua n. 25, se me não falha a memória, foi, a convite gentil e amigo do nosso aludido e comum patricio e colega Alves Manaya, transportado à residência deste, onde faleceu.

No dia 25 daquele mês eu e o colega Aquiles da Oliveira atualmente juiz de direito no Estado de São Paulo, fizemos visita ao grande mestre e, nessa ocasião, nos comprometemos à vigília, em atenção ao estado grave do mesmo e porque já se achavam muito abatidos a mulher e os filhos.

Assim convençionamos fazer "quarto", como se diz em linguagem usual, cabendo a mim de 6 horas às 12 e ao Aquiles dessa hora ao amanhecer.

Tratando-se do coração, órgão gravemente lesado, bem compreende você o quanto deveria ter sofrido o nosso grande mestre e amigo.

Sucederam-se os dias assim amargurados e tendo êle repetidas e terríveis dispnéas.

Lembra-me bem que, certa feita, e num momento de pequeno alívio, me disse êle : "Meu caro Lula, tão tarde que o conheci e tão cedo que o perderei de vista.

Conheço que você muito me tem servido, mas como lhe não posso retribuir, val comigo a gratidão : tenha paciência, meu Lula.

Momentos depois, continuou êle, quando você voltar ao nosso querido Sergipe, diga a meus patricios que nunca viu uma criatura sofrer tanto".

Essas palavras ainda hoje me sôam aos ouvidos com uns laivos de saudade que não sei traduzir para o papel.

Realmente, meu caro primo, fôram penosos os seus sofrimentos.

Certa vez, não me recordo positivamente a data do dia em que isso foi, virando-se para mim e para um dos filhos, então presente, disse :

"Lembram-se vocês da discussão que tive com o dr. Malaquias ?

Pois bem, continuou o mestre, peço que logo após a minha morte, procurem o Constancio Pontual para fazer a autopsia do meu crâneo e pesar-lhe o encéfalo.

Amante da verdade científica, quero que fique verificado, entre nós, pelo exame profissional, o objeto daquela discussão".

Depois de breve silêncio, impacientou-se, suspendeu a cabeça e colocando a fronte entre o polegar e o indicador disse : "Tudo tem sua lógica, até a morte".

Isso foi em 23 de Junho (1889).

Calou-se, nada mais disse desse dia em diante senão palavras soltas, causando a impressão de que se havia dado uma supressão parcial da fala.

A 25 do aludido mês, às 10 horas e 16 minutos, mais ou menos,

da noite, acometido de forte dispnéa, descansou em meu braço a cabeça e imediatamente faleceu.

Gritando eu por d. Grata, para trazer uma vela, já esta chegou tarde, tal foi a rapidez do traspasse.

Sem maiores tardanças, logo pela manhã do dia imediato, fui ao Hospital Português, onde se achava o dr. Pontual, aí referi o pedido feito pelo dr. Tobias e ele inqueriu de mim se esse pedido tinha ficado por escrito.

Diante da minha resposta negativa, declarou então o referido dr. Pontual que iria conferenciar com a viuva a respeito e se esta consentisse na realização da vontade do mestre, que procederia a autópsia desejada.

A Grata, então, sufocada por choro convulsivo, disse que não consentiria naquilo, nem mesmo que elle tivesse deixado por escrito, e acrescentou : — de glórias basta.

E' o que sei a respeito dos dolorosos e últimos dias do pranteado mestre, lastimando porém (se não importa isto em indiscreta censura) o indifferentismo dos nossos conterrâneos acêrca daquele vulto luminoso que encheu de tanta honra o nosso torrão natal.

E' certo que já se deu o primeiro passo e Deus queira que continuem os nossos patrícios agitando sempre o nome aureolado do muito querido dr. Tobias.

Sem motivo para mais, receba afetuoso abraço do primo, colega e amigo — Lula".